



**Instituto Politécnico de Portalegre**  
**Escola Superior de Educação**

**Mestrado em Formação de Adultos e Desenvolvimento Local**

**DISSERTAÇÃO**

**O Semeador – Grupo de Trabalho e Acção Cultural**  
**G.T.A.C.**

***Uma história de educação popular e associativismo em Portalegre***  
***no 25 de Abril de 1974***

**Ilda Maria Alves Farinha**

**Portalegre 2010**



**Instituto Politécnico de Portalegre**  
**Escola Superior de Educação**

**Mestrado em Formação de Adultos e Desenvolvimento  
Local**

**DISSERTAÇÃO**

**O Semeador – Grupo de Trabalho e Acção Cultural  
G.T.A.C.**

*Uma história de educação popular e associativismo em Portalegre  
no 25 de Abril de 1974*

**Orientadora: Prof. Doutora Maria João Mogarro**

**Portalegre 2010**

**Dissertação apresentada para cumprimento dos requisitos necessários à obtenção do grau de mestre em Formação de Adultos e Desenvolvimento Local, realizada sob a orientação científica da Professora Doutora Maria João Mogarro.**

## **Júri**



## **Agradecimentos**

Foram vários os contextos, as instituições e acima de tudo as pessoas que contribuíram para a realização desta dissertação.

Agradeço, em primeiríssimo lugar, à Professora Doutora Maria João Mogarro a orientação e disponibilidade. O seu saber, a exigência, o espírito crítico e o rigor foram fundamentais. A sua amizade e apoio, em momentos pessoais difíceis, fortaleceram-me e levaram-me a continuar. O meu mais sincero obrigado.

Ao Grupo de Cantares “O Semeador”, através da Fernanda Bacalhau, o meu agradecimento pela confiança e generosidade ao confiar-me parte do espólio durante algum tempo.

Ao Professor Doutor Domingos Bucho quero, com forte amizade, agradecer o tempo e o espírito de partilha ao conceder-me a entrevista sobre “O Semeador- G.T.A.C.” e os documentos que tanto estima.

Agradeço a todos os meus amigos pelo apoio e incentivo.

Agradeço com amor aos meus pais, Pai estás sempre presente, ao meu marido e companheiro por tudo o que representa para mim, aos meus filhos que amo muito, Sérgio, Pedro e Ivan. Um agradecimento especial ao Ivan, ele sabe porquê.

Agradeço a ti, Manuel, a inspiração e a alegria!

## ÍNDICE

<u>Agradecimentos</u> -----	5
<u>Resumo</u> -----	9
<u>Abstract</u> -----	9

## **INTRODUÇÃO**

### **Capítulo I**

1. <u>Definição do Objecto e Metodologia</u> -----	13
2. <u>Problemática Teórica</u> -----	15
<u>2.1 Associativismo</u> -----	15
<u>2.2 Educação Popular</u> -----	22
<u>2.2.1 O Povo e a Educação</u>	
<u>2.3 Alfabetização</u> -----	26
<u>2.4 Educação de Adultos</u> -----	29
<u>2.5 Animação Sociocultural</u> -----	35

### **Capítulo II**

1. <u>"O Semeador"- G.T.A.C.</u> -----	37
2. <u>Estatutos de "O Semeador" – G.T.A.C.</u> -----	39
3. <u>Distribuição de cargos na Direcção - Acta nº</u> -----	45
<u>3.1 Assembleia Geral</u> -----	46
<u>3.2 Direcção</u> -----	46
<u>3.3 Conselho Fiscal</u> -----	46
4. <u>Tomadas de Posse – Livro</u> -----	47
<u>4.1 Actas</u> -----	47
5. <u>Dinamização cultural</u> -----	49
6. <u>Relação com entidades locais e nacionais</u> -----	51
7. <u>Jogos Florais do Semeador</u> -----	56
<u>7.1 Número de concorrentes e trabalhos recebidos</u> -----	57

8. <u>III Aniversário de “O Semeador”-G.T.A.C.</u>	57
9. <u>Educação de Adultos – Alfabetização</u>	58
<u>9.1 Ofício nº D-22</u>	61
<u>9.1.1 Introdução</u>	62
<u>9.1.2 Relatório</u>	62
<u>9.1.3 Perspectiva do Semeador sobre a alfabetização em Portugal</u>	62
<u>9.1.4 Ofício nºF-48 – Divulgação das actividades do 1º período</u>	64
<u>9.1.5 Autobiografias</u>	66
<u>9.1.5.1 Fichas de inscrição</u>	67

### **Capítulo III**

1. <u>Contributos para o desenvolvimento local</u>	68
<u>1.1 Secção de Teatro</u>	68
<u>1.2 Secção de Música</u>	70
<u>1.3 Secção de Cinema</u>	71
<u>1.4 Secção de Realizações Exteriores</u>	73
<u>1.5 Secção Desportiva</u>	74
<u>1.6 Secção de Informação</u>	75
<u>1.7 Secção de Iniciativas culturais</u>	77
<u>1.8 O 5º Aniversário</u>	77
<u>1.9 Biblioteca de “O Semeador”</u>	78

2. <u>“O Semeador” – 1975/1985</u>	79
------------------------------------	----

<u>Conclusão</u>	81
------------------	----

<u>Bibliografia</u>	85
---------------------	----

<u>Anexos</u>	89
---------------	----

## **ÍNDICE DE QUADROS**

<b>I - Tomada de Posse 1978/79-----</b>	<b>48</b>
<b>II - Tomada de Posse 1979/80-----</b>	<b>48</b>
<b>III - Tomada de Posse 1980/81-----</b>	<b>49</b>
<b>IV - Secção de Alfabetização Ano 1975/76-----</b>	<b>60</b>
<b>V - Secção de Alfabetização Ano 1976/77-----</b>	<b>61</b>
<b>VI - Secção de Alfabetização Ano 1977/78-----</b>	<b>61</b>
<b>VII - Secção de Alfabetização Ano 1978/79-----</b>	<b>62</b>
<b>VIII - Secção de Teatro-----</b>	<b>70</b>
<b>IX - Secção de Música-----</b>	<b>71</b>
<b>X - Secção de Cinema-----</b>	<b>72</b>
<b>XI - Secção de Realizações Exteriores-----</b>	<b>73</b>
<b>XII - Secção Desportiva - Futebol de 11-----</b>	<b>74</b>
<b>XIII - Secção Desportiva - Provas Desportivas do III Aniversário-----</b>	<b>74</b>
<b>XIV - Secção Desportiva – Ano 1979-----</b>	<b>75</b>
<b>XV - Secção de Informação – Edições-----</b>	<b>76</b>
<b>XVI - Biblioteca – Registo de Livros-----</b>	<b>78</b>
<b>XVII - Síntese de dez anos de actividade de “O Semeador”-----</b>	<b>79</b>
<b>XVIII - Síntese de dez anos de actividade-Princípios e actividades-----</b>	<b>80</b>
<b>XIX Síntese de dez anos de actividade - Resumo da correspondência-----</b>	<b>81</b>

**Título:** “O Semeador” – Grupo de Trabalho e Acção Cultural – G.T.A.C. – *Uma história de educação popular e associativismo em Portalegre no 25 de Abril de 1974.*

**Resumo:** É no contexto de forte movimento popular que nasce em Portalegre uma Associação, “O Semeador” – Grupo de Trabalho e Acção Cultural – GTAC. Foi escolhido este objecto de estudo pelo interesse, curiosidade e necessidade de compreensão das lógicas e das dinâmicas que deram origem à sua criação, do impacto que teve na época, do desenvolvimento que teve ao longo dos anos e da herança que deixou.

Este trabalho, sustentado por um estudo de caso, tem como enfoque o associativismo, a educação popular e a alfabetização, elementos chave do contexto político-cultural em que o “O Semeador”- GTAC, associação para a promoção da democracia, foi constituído, logo após o 25 de Abril de 1974.

**Palavras-Chave:** Associativismo, Educação Popular, Alfabetização, Desenvolvimento Local e Animação Sociocultural.

**Title:** “O Semeador” – Group of Work and Cultural Action – G.T.A.C. – A story of popular education and associativism in Portalegre in the 25<sup>th</sup> April of 1974.

**Abstract:** It is in the context of a strong popular movement that an association, “O Semeador” – Group of Work and Cultural Action G.T.A.C. – is born. This object of study has been chosen for the interest, curiosity and need for understanding the logics and dynamics that originated its creation, the impact it had at the time, how it developed throughout the years and the heritage it left. This work focuses on associativism, popular education and literacy teaching, key elements of the political and cultural context in which “O Semeador” – G.T.A.C., an association that promoted democracy, was created, right after the 25<sup>th</sup> April of 1974.

**Keywords:** Associativism, Popular Education, Literacy Teaching, Local Development, Sociocultural Animation.

**“A emergência de um forte movimento popular durante o período revolucionário do 25 de Abril..., foi o contexto em que puderam tomar forma novos tipos de relações sociais e novos modelos de organização social e de exercício do poder, materializados na criação generalizada de comissões, nos bairros, nas aldeias, nas empresas e nos quartéis”.**

*A Educação e o Movimento Popular do 25 de Abril - Rui Canário, 2007, p. 13*

## **Introdução**

A análise de alguns conteúdos, a leitura de livros e a participação de convidados ao longo do curso de Mestrado em Formação de Adultos e Desenvolvimento Local foi de grande importância na escolha do tema desta dissertação pela capacidade de motivação e mobilização.

As associações populares são consideradas por muitos autores como fundamentais na vivência da democracia pois resultam da iniciativa das populações e têm uma longa tradição em iniciativas de educação popular e educação de adultos. Estas associações apesar de diferentes estruturas e objectivos, são, na sua maioria, orientadas para o desenvolvimento local.

Esta orientação influencia as oportunidades individuais e colectivas e estimula uma maior capacidade para compreender e transformar a realidade.

A procura de organizações que resultaram da iniciativa das populações e que à nossa volta têm ou tiveram vontade de intervir para transformar, levaram à escolha da Associação “*O Semeador*” – GTAC, Grupo de Trabalho e Acção Cultural, em Portalegre.

Uma relativa proximidade com “*O Semeador*” considerou-se um factor facilitador na obtenção de informação, na consulta de documentação e materiais que existiam. Foi, no entanto, absolutamente necessário um distanciamento metodológico e teórico face a este objecto de estudo.

Nesta perspectiva, pretendeu-se estudar a influência de “*O Semeador*” na participação activa dos cidadãos na vida colectiva, assim como a influência da Associação nos aspectos formativos tanto na educação de adultos como na alfabetização.

Pretendeu-se ainda aprofundar o estudo das práticas e experiências ocorridas no período que se segue ao 25 de Abril de 1974, no seio desta Associação, no aspecto cultural, desportivo e recreativo.

Este trabalho teve como enfoque o associativismo, a educação popular, a alfabetização, a educação de adultos e a animação sociocultural, elementos-chave do contexto político-cultural em que o “*O Semeador*”, associação para a promoção da democracia, foi constituído.

Consideraram-se várias abordagens teóricas e desenhou-se um percurso de investigação. Retiraram-se de todas essas abordagens elementos conceptuais que pudessem dar forma a um modelo de análise.

O modelo de análise serviu de ponto de orientação sobre o contexto político-cultural em que o “*O Semeador*” foi criado e se desenvolveu. Os documentos da Associação permitiram contextualizar a sua dimensão local, regional e nacional.

A sistematização e organização foram dificultadas pela desorganização em que se encontravam todos os documentos do Arquivo Particular do Semeador - G.T.A.C. (A.P. “S – G.T.A.C.”).

Ao longo dos anos têm sido várias as sedes de “*O Semeador*”, agora Grupo de Cantares de Portalegre, o que tem contribuído para alguma dispersão dos documentos e levou a uma maior necessidade de organização e sistematização. Esta circunstância serviu para um maior envolvimento e constatação da importância que a Associação teve na época e o que envolveu.

Encontraram-se documentos sobre o funcionamento da Associação: economia, projectos, documentos sobre as actividades desenvolvidas e respectiva avaliação, documentos correntes, documentos oficiais emitidos e recebidos, jornais, trabalhos realizados, boletins e outros.

Na linha do expressado até aqui e com uma visão mais organizada do conteúdo desta dissertação, o primeiro capítulo no ponto 1, “*Definição do objecto e Metodologias*”, situa-nos perante um dos elementos mais significativos da problemática geral que se pretende interpretar: as perspectivas e ambições de “*O Semeador-G.T.A.C.*”, que se formou após o 25 de Abril de 1974, e como foi feita a mobilização popular.

No ponto 2, “*Problemática teórica*” analisa-se a evolução teórica e conceptual que pretende enquadrar e fundamentar a pesquisa. O associativismo, a educação popular, a alfabetização, a educação de adultos, a animação sociocultural, ao serem abordados, reivindicam uma mudança na vida de todos os indivíduos com base na sua participação activa, livre e significativa.

O segundo capítulo inicia uma leitura histórica sobre o “*Semeador-G.T.A.C.*” definida pela organização e estratégias de intervenção, bem como algumas abordagens sobre os seus processos metodológicos.



No terceiro capítulo apresentam-se os resultados da pesquisa e as conclusões, tentando que sejam actualizadas com as tendências predominantes no campo da educação, do desenvolvimento e da comunidade.

Por fim a Conclusão.

## ***Capítulo I***

### ***1. Definição do Objecto e Metodologia***

A vida vivida pode estar relacionada com a escolha de um objecto de estudo. Ao desenvolver uma investigação sobre “O Semeador” - G.T.A.C. – Grupo de Trabalho e Acção Cultural. *Uma história de educação popular e associativismo em Portalegre no 25 de Abril de 1974*, tendo-se vivido nesse momento histórico, pode-se prestar uma maior atenção à realidade social dessa época.

Antes do 25 de Abril de 1974 a sociedade viveu numa ditadura que durante décadas não permitiu a afirmação de vontades colectivas.

Saber se a associação que se escolheu tinha um projecto de mudança assente na valorização da identidade, da cultura e das respostas sociais da população foi um desafio. Outro desafio foi aprofundar a análise das dinâmicas e processos que condicionaram ou proporcionaram o desenvolvimento da Associação.

O estudo suscitou algumas interrogações, às quais se pretendeu dar respostas específicas que serviram de orientação à investigação:

- 1. Saber como apareceu “O Semeador” - G.T.A.C., quem e como se organizou e quais os grupos a que deu origem;*
- 2. Descobrir de que modo é que “O Semeador” - G.T.A.C. contribuiu para uma outra lógica de acção e mobilização colectiva;*
- 3. Perceber qual a importância do G.T.A.C. nas iniciativas de educação popular de carácter educativo, cultural, desportivo e recreativo;*
- 4. Conhecer no contexto da chamada Educação Popular como foi organizado o processo de alfabetização e de educação de adultos.*

O estudo da influência de “*O Semeador*” na participação activa dos cidadãos na vida colectiva; a influência da Associação nos aspectos formativos na educação de adultos e, mais especificamente, na alfabetização; o estudo das práticas e experiências ocorridas neste período, no seio desta Associação, nos aspectos cultural, desportivo e recreativo, levou à definição da problemática:

De que modo “*O Semeador*” - G.T.A.C., Grupo de Trabalho e Acção Cultural criado em Portalegre após o 25 de Abril, que deu origem ao Grupo de Cantares e ao Teatro de Portalegre, anteriormente também chamado de “O Semeador”, contribuiu para o desenvolvimento local”?

Nesta fase exploratória do trabalho procedeu-se à sistematização de dados extensivos de carácter documental sobre “*O Semeador*” que levaram, a partir das perspectivas teóricas mobilizadas, à necessidade de instrumentos de recolha de dados através de entrevista a um dos sócios fundadores da Associação.

Na tentativa de reconstrução da história de vida de “*O Semeador*”, numa 1ª fase, foram sendo categorizados planos de actividades, relatórios e outros documentos que pareceram indicadores das dinâmicas da Associação.

Foi uma fase de extrema importância no processo de análise em que a intuição teve um papel crucial e, segundo Vala (1986), se:

*“...procura identificar, ordenar, sistematizar e classificar a informação, de modo a reduzir a complexidade do todo e a fazer emergir unidades de sentido, visando a simplificação, como forma de potenciar a sua apreensão”.* (p.507)

Os contactos informais com informantes privilegiados e de alguma forma ligados a “*O Semeador*” facilitaram a construção do guião de entrevista.

A primeira fase da pesquisa nesta lógica exploratória é caracterizada por Maroy, (1997) como:

*“...trabalho indutivo, o vai-vem constante entre as hipóteses de partida, a recolha e o tratamento dos dados, ...um meio de descoberta e de construção de um esquema teórico de inteligibilidade”.* (p. 117)

Elaborou-se uma lista para a categorização dos dados recolhidos e foram-se adicionando categorias à medida que iam emergindo novos dados. Atribuíram-se códigos para ser mais fácil a organização dos vários documentos.

Para se proceder à reorganização e ao enquadramento dos elementos abordados anteriormente, é necessário reflectir sobre o papel das associações no desenvolvimento das comunidades em que estão inseridas, nas várias formas de expressão e organização social e política.

Entende-se o desenvolvimento como um processo e modelo de vida, isto é, uma acção transformadora através da qual se pretende, como sublinha Schmucler, (1987): “...a consecução do bem-estar material e espiritual dos seres humanos”. (p.175)

O desenvolvimento que envolve factores sociais, culturais e políticos, só pode ocorrer mediante a sustentabilidade do ser humano e do meio ambiente em que está inserido e é conseguido através de um projecto de transformação consciente da realidade local.

O tempo e o lugar providenciam contextos particulares que inspiram os processos, os meios, a participação e o diálogo. O desenvolvimento local constrói-se através das respostas locais e dos recursos endógenos e para Roque Amaro é:

*“Um processo de transformação e mudança que recusa a conservação. É centrado numa comunidade, isto é, o ponto de partida e de referência é a própria comunidade local. O local enquanto resultado de uma construção de identidades – um conjunto de interesses que se identifica e assume onde são mobilizáveis acções de solidariedade concretas”.* (p.22)

Há, no entanto, factores que são preocupação das comunidades e da sociedade em geral e que se resumem à promoção das pessoas, à educação e à troca local e global dos conhecimentos, à redução da pobreza e da exclusão através da participação da população, ao respeito pelos factos e factores históricos, sociais e culturais, à utilização partilhada dos recursos.

Esta consciência da parceria e da cidadania, o espaço da participação responsável e da decisão representam, neste contexto, o paradigma do associativismo.

## **2. Problemática Teórica**

### **2.1 Associativismo**

A expressão associativismo designa a prática social da criação e gestão das associações, organizações providas de autonomia e de órgãos de gestão democrática. Estes órgãos de gestão são a *assembleia-geral, direcção, conselho fiscal* e instituem um processo não lucrativo de livre organização de pessoas, os *sócios*, para a obtenção de finalidades que interessam a todos.

O movimento associativo é considerado uma mais valia no desenvolvimento da sociedade pois é uma forma de juntar interesses de grupos, que se assumem como representantes de todos e do bem-estar da comunidade.

A longa tradição associativa tem bases na necessidade de intervir e de participar activamente, mobilizando a sociedade.

Como contributo e responsabilidade no exercício da cidadania, segundo o “Guia para o Associativismo” (2001):

*“O Associativismo é a expressão organizada da sociedade, apelando à responsabilização e intervenção dos cidadãos em várias esferas da vida social e constitui um importante meio de exercer a cidadania”.* (p.5)

O Movimento Associativo em Portugal tem uma longa tradição associativa e foi sendo moldado em função das várias conjunturas políticas e sociais.

A vida das sociedades, clubes e associações pode ser influenciada pelas rupturas políticas. Vejamos o período da Monarquia Constitucional, da 1ª Republica, do Estado Novo e do 25 de Abril de 1974.

Na segunda metade do séc. XIX, houve um grande entusiasmo pela constituição de associações de cultura e recreio, associações de classe, associações de bombeiros, cooperativas. Na sociedade portuguesa regista-se nesta época, segundo Lima (1988):

*“...um movimento de criação de associações, onde vamos encontrar, por exemplo, associações católicas e associações operárias com objectivos diversos, que vão desde o carácter anti-socialista à inspiração de tipo republicano, do sindicalismo católico às conferências religiosas, das irmandades de classe com fins religiosos às associações de classe com objectivos mutualistas”.* (p. 232)

A importância das associações na 1ª República é relevante e pode verificar-se na instrução, que era considerada um desígnio nacional, a que Maria Cândida Proença (2002) faz referência:

*“A criação desta escola insere-se num movimento de desenvolvimento da educação popular, ligada a meios operários que esteve na origem de inúmeras escolas primárias criadas por organizações populares e sindicalistas”.* (p.48)

Um dos aspectos da mobilização popular nesta época, produto do laicismo que se preconizava e da mobilização popular principalmente urbana, foi a vida sindical e é a partir daí que Lima (1988) diz que se torna então possível:

*“... a organização de bibliotecas, a criação de grupos dramáticos, de escolas para filhos de associados, a realização de palestras e de cursos, a criação de cooperativas de produção, e até as acções promovidas pela Universidade Popular”.* (p.234)

A Constituição de 1933, promulgada a 11 de Abril institui o Estado Novo que legitima o nacionalismo corporativo, o corporativismo de Estado.

O Estado Novo de matriz conservadora tradicional, católica, cultivava um nacionalismo exacerbado. Verificava-se, sobretudo, no contexto da representação de uma sociedade de pacíficas e obedientes famílias rurais e providencialmente afastada do demoníaco mundo urbanizado das fábricas, das máquinas e da proletarização.

Para Oliveira Salazar a base do Estado social e corporativo era o interesse nacional em estreita correspondência com a constituição natural da sociedade. A educação obedecia aos preceitos de Deus, Pátria e Família e era um prolongamento da Igreja.

Para inviabilizar a acção das Sociedades Populares de Educação e Recreio, o Governo criou a F.N.A.T. - Fundação Nacional para a Alegria no Trabalho que subordinava os trabalhadores e diz no artigo 2º, Valente (1999):

*“A F.N.A.T. tem por fim aproveitar o tempo livre dos trabalhadores portugueses de forma a assegurar-lhes o maior desenvolvimento físico e a elevação do seu nível intelectual e moral”.* (pp.33-34)

Foram quarenta anos de um regime de ditadura com políticas de repressão, ignorância, isolamento e guerra, sem desenvolvimento social.

Para José Malheiro (1996):

*“Foi no grupo de teatro, na biblioteca, na banda de música, no grupo coral, no desporto, nas salas de convívio, que alguns portugueses conseguiram resistir à falta de liberdade e encontrar a sua escola cívica e de cidadania”.*

(p.14)

O objecto de estudo deste trabalho, construído em torno da Associação Cultural “*O Semeador – G.T.A.C.*”, apenas poderá ser amplamente compreendido se devidamente enquadrado no âmbito de um conjunto de transformações sociais que tiveram lugar na sociedade portuguesa após o 25 de Abril de 1974.

Na óptica de alguns cientistas sociais e políticos, o 25 de Abril de 1974 e a sua singularidade ou exotismo, deve-se ao facto de o regime autoritário ter sido derrubado por uma instituição integrante do aparelho do Estado, a instituição militar. Alguns protagonistas consideram que se ficou a dever à força e vitalidade dos movimentos sociais, outros investigadores acreditam que foram os partidos políticos e o povo.

Segundo José Cardoso Pires era toda uma nação em movimento.

Para Vasco Lourenço, Presidente da Associação 25 de Abril, a revolução foi um processo muito importante pois os militares foram ao interior do país e sentiram o confronto entre a urbanidade e a ruralidade.

O 25 de Abril conduziu o país à liberdade, ao desenvolvimento e à paz depois da ditadura, da guerra, da repressão e do atraso de grande parte da população.

Com a Revolução do 25 de Abril de 1974, no Decreto-Lei nº 594/74 de 7 de Novembro e posteriormente com o Código Civil nos artigos 167º-184º, os pressupostos até aí indiscutíveis e até penalizadores do Estado Novo alteraram-se e é feita a consagração da liberdade de associação.

No Decreto-Lei n.º 594/74 de 7 de Novembro é dito:

*“O direito à livre associação constitui uma garantia básica de realização pessoal dos indivíduos na vida em sociedade. O Estado de Direito, respeitador da pessoa, não pode impor limites à livre constituição de associações, senão os que forem directa e necessariamente exigidos pela salvaguarda de interesses superiores e gerais da comunidade política”.*

A Constituição da República Portuguesa, aprovada em 2 de Abril de 1976, na redacção que lhe foi dada pelas Leis Constitucionais n.º 1/82, de 30 de Setembro, n.º 1/89, de 8 de Julho, N.º 1/92, de 25 de Novembro, n.º 1/97, de 20 de Setembro e n.º 1/2000, de 20 de Novembro e n.º 1/2004 de 24 de Julho, diz no artigo 46º:

- 1 Os cidadãos têm o direito de, livremente e sem dependência de qualquer autorização, constituir associações, desde que estas não se destinem a promover a violência e os respectivos fins não sejam contrários à lei penal;*
- 2 As associações prosseguem livremente os seus fins sem interferência das autoridades públicas e não podem ser dissolvidas pelo Estado ou suspensas das suas actividades senão nos casos previstos na lei perante decisão judicial;*
- 3 Ninguém pode ser obrigado a fazer parte de uma associação nem coagido por qualquer meio a permanecer nela;*
- 4 Não são consentidas associações armadas nem de tipo militar, militarizadas ou paramilitares, nem organizações racistas ou que perfilhem a ideologia fascista.*

Segundo a expressão de Lima (1988):

*“...com o 25 de Abril de 1974 volta a abrir-se uma nova página na história do associativismo. Até à fase constitucional iniciada em 1976, a situação caracterizou-se pela criação de numerosas associações e por uma intervenção baseada em formas de democracia directa e de participação muito activa. A par das colectividades de cultura e recreio, dos grupos cénicos, dos ranchos folclóricos, das bandas de música, etc., novas Associações foram criadas – as*

*associações de educação popular de base, as comissões de moradores, as comissões de trabalhadores, novos sindicatos, cooperativas, etc”.* (p.37)

O associativismo é para muitos o exercício da cidadania pela sua transversalidade e oportunidade para os indivíduos e para a sociedade, como refere Rodrigues (2002):

*“O associativismo como prática é considerado um acto do exercício da cidadania, uma prática de educação para a cidadania.... O associativismo tem um papel central no desenvolvimento de uma cultura democrática”.* (p.62)

Reconhecendo o papel das associações no desenvolvimento local e das comunidades, Lima (1986) afirma que:

*“É inegável a importância das associações populares para a educação e a promoção cultural dos cidadãos mais carenciados e, neste sentido, reconhecemos-lhe o estatuto de parceiros integrantes de qualquer processo de desenvolvimento desde que o conceito de desenvolvimento integre, ele próprio, as dimensões cultural e educativa”.* (p. 38)

As Associações populares, para Janela Afonso citado por Guimarães e Sancho, (2001), são:

*“Organizações criadas por iniciativa popular, caracterizadas pela promoção de determinados símbolos e códigos que, no desenvolvimento das suas actividades são apoiadas pelo Estado, pela Igreja, por instituições privadas e/ou por actores locais, associações democráticas para o desenvolvimento”.* (p.160)

Este autor, numa análise comparativa de algumas características da educação formal e da educação não formal, distingue nas associações democráticas as seguintes características:

*“...apresentam carácter voluntário, promovem sobretudo a socialização, promovem a solidariedade, visam o desenvolvimento, preocupam-se sobretudo*



*com a mudança social, são pouco formalizadas e pouco ou incipientemente hierarquizadas, favorecem a participação, proporcionam investigação-acção e projectos de desenvolvimento, são por natureza formas de participação descentralizadas”. (p.160)*

Ao Estado pede-se que valorize as associações mesmo quando não as apoia pois isso trará ganhos na concertação e não na oposição de esforços. Alcides Monteiro (2004) reforça a ideia de um “Estado parceiro”:

*“...reclamamos do Estado uma postura que não seja a de um “Estado animador”, mas sim a de um “Estado parceiro” capaz de respeitar o carácter autónomo e alternativo da intervenção associativa e, ao mesmo tempo, legitimar a sua contribuição para formas mais solidárias de regulação social”. (p.303)*

A convivência, a troca de experiências e a concretização de interesses comuns nas associações constituem oportunidades de crescimento e promovem o desenvolvimento local.

Reis, cit. por Amiguinho (2005) encara o desenvolvimento local como:

*“...um impulso generoso, de carácter local e endógeno, assente na mobilização voluntária, cujo objectivo é originar acções com as quais se produzem sinergias entre agentes, tendo em vista qualificar os meios de vida e assegurar o bem-estar social”. (p.43)*

Alberto Melo e Priscila Soares in Canário (1999) dizem que:

*“...o desenvolvimento local é, antes de mais, uma vontade comum de melhorar o quotidiano, essa vontade é feita de confiança nos recursos próprios e na capacidade de os combinar de forma racional para a construção de um melhor futuro. É aquilo a que se chama frequentemente a cultura do desenvolvimento”. (p.65)*

A partir de referências analíticas nem sempre comunicantes entre si, como o associativismo e o desenvolvimento local, mais do que elencar a multiplicidade de perspectivas que se cruzam nesta área, procura-se, a partir delas, contribuir para uma análise onde se destacam a sua importância nas sociedades onde o conhecimento, a informação e a cultura são reconhecidos enquanto factores decisivos e estruturantes da vida social.

## **2.2 Educação Popular**

### ***2.2.1 O Povo e a Educação***

Não se entende por povo aquele que se prostra diante do senhor da época, nem a grande massa oprimida a quem se promete, engana e atraiçoa e que é movida por anseios ancestrais de justiça por haver sofrido, geração após geração, a injustiça e o cinismo. Acredita-se no povo que, em todos os sentidos, sempre conseguiu grandes e sábias transformações e que acredita em alguma coisa ou em alguém e acredita sobretudo em si mesmo.

O povo que como guardião da plena soberania cujos direitos, sejam individuais ou colectivos, procura não somente a base da cidadania política e económica, mas, sobretudo, social.

A cidadania moderna discute o papel da democracia como sistema de governo e como instituição que garante o conjunto de direitos que são conhecidos como direitos de cidadania.

Um desses direitos de cidadania é a educação. Podem-se relacionar alguns dos momentos mais significativos da educação com a história, a política e a sociedade.

Ao longo da História, quando se produzem crises económicas e sociais, parece que o pânico se apodera da sociedade e todas as soluções passam pela palavra mágica: educação. Pode-se chamar obrigatória, recorrente, permanente, popular ou de adultos...

Na História pode-se constatar que a educação é um acto político e ético mas é também um acto de influência no que se refere aos conteúdos e processos educativos. A educação do povo foi alternando entre o conceito de Homem como pessoa e o conceito de Homem como cidadão. Estes dois vectores influenciaram a formação,

educação do povo, na sociedade. A educação do povo e das políticas a ela associadas.

Na Idade Média é a formação da pessoa que interessa, com o Cristianismo já se forma para ela própria e para Deus, ao contrário do que havia acontecido na Antiguidade Clássica que era o colectivo que interessava. Com o Renascimento a formação traduz-se numa crença ilimitada nas capacidades do indivíduo por si só. Nos séculos XVII e XVIII, existe já uma mediação entre a liberdade e as visões individualistas e colectivistas onde o Estado surge num ponto de equilíbrio para assegurar a liberdade de pensamento.

A partir do século XIX, a educação emerge associada a dois fenómenos sociais relevantes: o desenvolvimento de movimentos sociais de massas, movimento operário, e o desenvolvimento e consolidação dos sistemas escolares nacionais.

No Estado Novo, na fase do pós-guerra, Portugal estava numa situação de pouco prestígio pois situava-se no último lugar dos países alfabetizados e o analfabetismo era inimigo do desenvolvimento económico.

Alguns decretos-lei ajudam a conhecer melhor este processo de Educação Popular:

- *O Dec. nº 16481 (8-2-1929) cria uma Comissão de Educação Popular, com funções consultivas no âmbito da promoção da instrução popular e de redução do analfabetismo, que não teve efeitos práticos.*
- *O Dec. nº 18.724 (5-8-1930) extingue as escolas móveis e reinstaura os cursos nocturnos.*
- *O Dec. nº 21896 (22-11-1932) confirma a modalidade existente e autoriza cursos dominicais e cátedras ambulantes, alarga os cursos ao período diurno com vista à presença de mulheres pois o ensino nocturno não é aconselhado para elas.*

A acção de Henrique Veiga de Macedo em 1952 conduziu à publicação de dois diplomas que criaram o Plano de Educação Popular e a Campanha Nacional de Educação de Adultos (Decs.-Lei nº 38.968 e 38.969). A campanha previa ensinar o analfabeto a pensar e a falar com clareza e precisão, a compreender e empregar os sinais gráficos, a desenvolver o gosto pela leitura e a demonstrar a necessidade da instrução.

Na 1ª fase poderiam funcionar além dos cursos nocturnos, aulas diurnas, recomendando-se que as autoridades e corpos administrativos, a organização corporativa e de previdência, os párocos, as associações culturais e desportivas, as escolas públicas e particulares ocupassem lugar de relevo no voluntariado contra o analfabetismo.

Na 2ª fase, iniciada em 1953, pretende-se que se revista de uma feição educativa, com a divulgação de noções de educação moral, cívica, familiar e sanitária, de agricultura e pecuária, de história pátria.

Assiste-se a um declínio de inscritos nos cursos de adultos, a partir de 1955-56.

Na década de 70, o Dec.-Lei nº 408/71 cria a Direcção Geral da Educação Permanente. Os Dec.-Lei nº 489 e 490/73 tratam dos cursos de educação básica e de adultos assim como da organização de bibliotecas.

Em 1976, a Constituição da República Portuguesa estabeleceu no Art.º 73º que todos têm acesso à educação, reforçando deste modo o trabalho desenvolvido até então. Este diploma definiu que caberia ao Estado a democratização da educação, através da dinamização de diversas modalidades de educação formal e não formal, contribuindo por essa via para a igualdade de oportunidades.

A Educação Popular era uma via para a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, para o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos, bem como para a promoção do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva.

O saber do adulto era valorizado e explorado de forma a considerar a sua participação, como afirmam Melo & Benavente (1978):

*“Procurava-se partir do que os adultos possuíam (e não do que lhes faltava), nomeadamente a cultura popular, o saber, o saber dizer, o saber fazer, saberes estes que seriam posteriormente articulados com a escola e o trabalho, através de iniciativas de formação profissional e da educação popular”.* (p.10)

É contudo a corrente de educação popular que reassume um papel decisivo na elaboração do Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base dos Adultos, em 1979, com os objectivos de, segundo o Ministério da Educação:

*“... reduzir o analfabetismo e expandir o acesso dos adultos à escolaridade obrigatória, bem como articular estas acções de educação de base de adultos com a educação popular e a formação profissional”.*

A perspectiva que então prevalece é, claramente, segundo Santos Silva, (1990):

*“... a da educação popular, nestes dois sentidos: primeiro, já não se tratava de difundir o modelo escolar, trazendo até ele o maior número possível de sujeitos ou consolidando extensões extra-escolares da escola, mas sim de apostar, por um lado, na comunicação entre a escola e o meio social, e por outro nos processos educativos de aprendizagem por resolução de problemas e por diálogo entre formadores e formandos, no quadro de projectos e estruturas sociais colectivas; segundo, não se trata apenas de promover actividades educativas, mas, e sobretudo de focalizar e desenvolver as dimensões educativas de práticas sociais, privilegiando, portanto, as condições e os recursos para capacitação, para aquisição de competências para agir e as oportunidades e virtualidades formativas e comunitárias dos momentos e práticas lúdicas. O horizonte é, então, a revolução social, a emergência de uma nova sociedade, maioritariamente vivenciada então como democrático socialista”. (p.19)*

A principal característica da Educação Popular é utilizar o saber da comunidade como matéria-prima para o ensino. É aprender a partir do conhecimento do sujeito e ensinar a partir de palavras e temas geradores do quotidiano dele. A Educação é vista como acto de conhecimento e transformação social, tendo um certo carácter político. As diferentes concepções foram determinando os vários saberes dos quais se destaca o saber do povo e o saber da escola.

A Educação Popular através do *Semeador - G.T.A.C.*, no período após o 25 de Abril, em Portalegre, ganha consistência associada a novas dinâmicas sociais, mercê da nova situação social e política que o país começava a conhecer.

Houve profundas transformações ao nível do desenho da oferta, consubstanciadas por novos modelos emergentes e novas iniciativas.

## 2.3 Alfabetização

Paulo Freire, na década de 70, considera que a alfabetização, o aprender a ler e escrever, inclui princípios e valores que têm que valorizar a história de vida de cada indivíduo, ao mesmo tempo que se estrutura a sua própria vida.

Santos Silva (1990) sublinha que seria Paulo Freire quem:

*“...combinando uma atitude humanista, a matriz religiosa católica e a teoria e prática marxista, haveria de propor um novo quadro para a alfabetização, já não como socialização (no sentido de inculcação / incorporação de valores e normas dominantes nos respectivos grupos ou sociedades), mas como “acção cultural para a libertação”, como “pedagogia do oprimido”, como educação no sentido de “conscientização” do sujeito em acção”. (p.14)*

Uma perspectiva enunciada por Santos Silva em que a UNESCO, na tentativa de contrariar a primazia do paradigma escolar, lança, no início da década de 60, o método de alfabetização funcional. Este modelo, apesar de algumas lacunas, vai abrir várias pistas para a articulação entre aprendizagem elementar e formação cívica.

Entre os anos de 1974 e 1976, a par de iniciativas promovidas pelo sector militar, como as Campanhas de Dinamização e Acção Cívica do Movimento das Forças Armadas, MFA, a sociedade civil também assumiu um papel importante mobilizando-se em iniciativas das quais se destacam as Campanhas de Alfabetização e Educação Sanitária dirigidas pela Pró-União Nacional dos Estudantes Portugueses (UNEP), o Serviço Ambulatório de Apoio Local (SAAL), o Serviço Cívico Estudantil (SCE), o Serviço Médico na Periferia.

Após a Revolução do 25 de Abril com todas as iniciativas acima descritas, espera-se uma nova sociedade onde a alfabetização surge como forma de alcançar competências ao nível da leitura, da escrita e do cálculo. Assim, o MFA, organizações populares e partidárias e movimentos estudantis dedicam-se à alfabetização. O povo foi mobilizado e o sonho acompanhou a liberdade.

Para Mogarro & Pintassilgo (2009):

*“A revolução do 25 de Abril de 1974 voltou a colocar o debate sobre a cidadania e a educação para a cidadania no centro da agenda educativa,*

*relacionando-o com a democracia e a alfabetização. Afirma-se, de forma veemente, que os cidadãos da nova sociedade inaugurada pela revolução necessitam de possuir competências mínimas ao nível da leitura, da escrita e do cálculo para poderem intervir de forma consciente e activa na vida democrática”. (p.63)*

Segundo o Esquema de anteprojecto em 1975, o programa de alfabetização implicará imprimir à vida nacional uma dinâmica cultural que possibilite uma elevação do nível de consciência de todo o povo trabalhador.

O “Semeador”-G.T.A.C. no que se refere à alfabetização utilizava o Material de Apoio às Acções de Alfabetização e Educação de Base de Adultos da Colecção “Ler-Dia-a-Dia”, editado pela Direcção Geral da Educação de Adultos do Ministério da Educação e Ciência com o título “A Vida é a melhor Escola”, onde reforça na Metodologia a importância da leitura e da escrita de uma forma mais ligada às vivências de cada indivíduo:

*“Aprende-se a ler e a escrever para ter mais um elemento facilitador da comunicação. Lê-se para se saber o que os outros têm para nos comunicar. Escreve-se para comunicar algo a outrem.*

*Por isso, desde muito cedo, devem deixar de ser a aquisição exclusiva de técnicas, para serem instrumentos reais de comunicação. Por esta razão e porque se trata de adultos desejosos de testarem, eles próprios, o que aprenderam se deve procurar substituir os exercícios mecânicos de aquisição de técnicas por exercícios úteis que permitam idêntica eficácia”. (p.2)*

Os textos de apoio incluídos no referido Material de Apoio faziam apelo à “Recolha da Cultura Popular”:

*“Procura-se, com estes textos, divulgar usos e costumes antigos ou de certas zonas, que possam vir a estimular o grupo a recolher hábitos e tradições da sua região”. (p.6)*

Destacam-se algumas das sugestões propostas:

- “- instrumentos de trabalho e seu funcionamento;*
- festas, romarias, procissões e feiras;*
- cantigas (de trabalho, de festa, religiosas, de embalar);*
- crenças;*
- medicina tradicional;*
- histórias de vida;*
- o que se ganhava e custo de vida;*
- a vivência de certos períodos históricos (a guerra, o volfrâmio, a emigração, o 25 de Abril)...”.*

A apresentação deste material é precedida de uma introdução da qual se destaca:

*“Uma das necessidades mais sentidas pelos animadores de educação de adultos, nomeadamente pelos alfabetizadores, é a de material escrito que possa orientar a sua acção ou servir de suporte às suas actividades. Muitos grupos conseguiram já superar essa dificuldade e proceder, eles próprios, à produção do material de que necessitam. Tal material tem a vantagem de ser feito especialmente para as pessoas com quem se está a trabalhar, tendo em conta as condições e as necessidades do meio...”.* (pp.1-2)

A aprendizagem é um processo que requer atenção e reflexão relativamente a uma determinada experiência e que conduz a uma transformação em relação aos comportamentos, atitudes, aptidões ou em relação aos conhecimentos ou às convicções.

A alfabetização é uma tomada de consciência social e política, toda a abordagem redutora é um instrumento poderoso para criar divisão, exclusão e conflito.

A alfabetização, ao ser reconhecida como um instrumento de desenvolvimento dos recursos humanos na sociedade e nas comunidades, ajuda a reforçar a capacidade de todos para participar nas políticas educativas de discriminação positiva que se baseiam na igualdade de oportunidades.

A alfabetização ajuda a aprofundar o sentido da responsabilidade e envolve o estímulo à partilha de conhecimentos e experiências.



## 2.4 Educação de Adultos

É na arte de despertar o desejo de aprender, mantendo viva a intenção de ser autor e narrador da sua própria história em cenários de solidariedade, que reside o grande desafio da educação ao longo da vida, numa perspectiva de pedagogia social e, concretamente, no plano da acção, da educação e formação de adultos.

A partir do século XIX, a educação de adultos emerge associada a dois fenómenos sociais relevantes: o desenvolvimento de movimentos sociais de massas, movimento operário e o desenvolvimento e consolidação dos sistemas escolares nacionais.

A proposta de educação permanente, preconizada pela UNESCO, tinha objectivos ligados à promoção da democracia e do desenvolvimento, da liberdade e da igualdade de oportunidades. Melo & Benavente (1978) dizem que se tratava de:

*“...tirar partido das condições históricas que se vivia e dinamizar estratégias de auto-educação e auto-gestão de organizações locais, na produção de conhecimento relevante para as pessoas. Neste processo de democratização, o desenvolvimento surgia da participação dos próprios adultos”.* (p.14)

A propósito da educação de adultos e da educação permanente são apontadas duas das correntes de pensamento crítico contestadoras da forma escolar: Ivan Illich – necessidade radical de acabar com a instituição escolar; Paulo Freire – educação libertadora e susceptível de ajudar a “ler” e a transformar o mundo.

Aponta-se a EP - Educação Permanente como prisioneira da forma escolar quando se reduz ao período da educação pós-escolar, à perpetuidade da escola e à desvalorização dos saberes não adquiridos através da escola.

Há, no entanto, alguma proximidade com outros modelos de formação como dizem António Nóvoa e Cristina Rodrigues (2005):

*“A Educação Permanente está muito próxima dos grupos de alfabetização e dos movimentos sociais, dando origem, no caso português, a importantes dinâmicas associativas e, mais tarde, à aprovação de planos como o Plano Nacional de Alfabetização de Adultos, aprovado em 1979”.* (p.10)

Considera-se a educação de adultos uma aprendizagem que desenvolve as capacidades humanas de criar e utilizar conhecimento e é, em última instância, um processo social.

Matthias Finger, a este propósito, diz que existe uma relação dinâmica entre a educação de adultos e os movimentos sociais:

*“A educação de adultos não é uma disciplina científica como a economia e a psicologia, corresponde a movimentos sociais, a uma vontade de mudar a sociedade, de que são exemplo, a alfabetização, a inclusão de adultos na sociedade, a formação operária, as lutas sindicais, a mudança social, os movimentos de justiça”.* (pp.16-17)

Este autor apresenta três grandes fundamentos teóricos da educação de adultos:

*“O cognitivismo muito tradicional, o pragmatismo, a meu ver, o essencial da educação de adultos e, finalmente, muita psicologia humanista”.* (p.24)

Será que os adultos se sentirão motivados, em qualquer situação de aprendizagem, se não forem consideradas as suas perspectivas culturais e experiências de vida?

Utiliza-se, hoje, a expressão *lifewide* – “aprendiz em todos os domínios da vida”, que vem chamar a atenção para a disseminação da aprendizagem e que pode decorrer em todas as dimensões das nossas vidas e em qualquer fase das mesmas.

Edgar Faure (1981) defende que:

*“A educação tem lugar em todas as idades da vida e na multiplicidade das situações e das circunstâncias da existência. Retoma a verdadeira natureza, que é ser global e permanente, e ultrapassa os limites das instituições, dos programas e dos métodos que lhe impuseram ao longo dos séculos”.* (p.40)

A propósito da educação de adultos, Rui Canário (1999) diz-nos que a expressão educação de adultos, na Conferência de Nairobi, em 1976, adquire um significado bastante mais vasto, passa a ser encarada como:

*“...a totalidade dos processos organizados de educação, qualquer que seja o conteúdo, o nível ou o método, quer sejam formais ou não formais, quer prolonguem ou substituam a educação inicial ministrada nas escolas e universidades ou sob a forma de aprendizagem profissional, graças aos quais as pessoas consideradas como adultas pela sociedade a que pertencem desenvolvem as suas aptidões, enriquecem os seus conhecimentos, melhoram as suas qualificações técnicas ou profissionais ou lhes dão uma nova orientação, e fazem evoluir as suas atitudes ou o seu comportamento na dupla perspectiva de um desenvolvimento integral do homem e de uma participação no desenvolvimento social, económico e cultural, equilibrado e independente. Num tal projecto, o homem é agente da sua própria educação por interacção permanente entre as suas acções e a sua reflexão.” (p.15)*

Houve algumas inovações significativas nos anos de 1974 e 1975 pois o exame da 4ª classe foi remodelado e deixou de ser feito à base dos conhecimentos puramente escolares e passou a ser também centrado no adulto e nos seus conhecimentos.

Segundo Lima (2005) a mobilização popular que ocorreu logo após o 25 de Abril de 1974:

*“...conheceu múltiplas formas de expressão, tendo a educação de adultos, ficado associada a lógicas de intervenção típicas da educação popular, baseadas em dinâmicas participativas e num activismo socioeducativo que se traduziu em iniciativas de auto-organização, de tipo local, dotadas de grande autonomia e de assinalável criatividade”. (p.37)*

Na Recomendação da UNESCO no que se refere ao Conteúdo da Educação de Adultos são definidos vários princípios dos quais se destacam:

*“- as actividades de educação de adultos que se situam numa perspectiva de educação permanente não têm fronteiras teóricas e respondem às situações particulares criadas pelas necessidades específicas do desenvolvimento, da participação na vida colectiva e da realização individual;*

- ...é preciso dar prioridade às necessidades específicas dos grupos mais desfavorecidos em matéria de educação;
- ...as acções de educação cívica, política, sindical e cooperativa devem desenvolver um juízo independente e crítico e criar ou reforçar as competências de que cada um precisa para assumir o domínio das mudanças que se repercutem nas suas condições de vida e de trabalho...”;
- a participação nas acções de educação de adultos não deverá ser limitada por razões de sexo, raça, origem geográfica, cultura, idade, condição social, opiniões, crenças ou nível de instrução prévia;
- no que diz respeito às mulheres, as acções de educação de adultos deverão abarcar todo o movimento social contemporâneo, centrado na autodeterminação das mulheres e na sua contribuição, enquanto força colectiva, para a vida da sociedade”. (pp.5-6)

Ainda na Recomendação da Unesco são de salientar os Métodos que deverão ter em conta:

- “-as motivações e os obstáculos para a participação e a aprendizagem próprias do adulto;
- a experiência adquirida pelo adulto no âmbito das suas responsabilidades familiares, sociais e profissionais;
- as capacidades do adulto para conduzir a sua própria formação;
- o nível cultural e pedagógico do pessoal docente disponível...”. (pp.7-8)

Em 1976 foi publicado um decreto-lei que reconhecia as associações de educação popular, agentes e actores na sociedade civil, como parceiros na educação de adultos. No início do ano de 1977 houve um processo de normalização relativamente à política pós-revolucionária que reforçava a democratização da educação, contribuindo para a igualdade de oportunidades e para o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos.

Aquele processo de normalização acabou com as formas de mobilização popular e com a participação dos próprios adultos e houve um recurso ao destacamento de

professores do ensino regular que gerou um esforço de escolarização de segunda oportunidade.

Em 1979 é elaborado pelo Ministério da Educação o Plano Nacional de Alfabetização e Educação de Base dos Adultos com os objectivos de reduzir o analfabetismo e expandir o acesso dos adultos à escolaridade obrigatória, articulando estas acções de educação de base de adultos com a educação popular e a formação profissional.

O Ministério da Educação justificava que procurava por essa via desenvolver acções que privilegiassem a qualidade da acção educativa, contemplassem a diversidade de formas de analfabetismo, evitassem a regressão cultural e atendessem à diversidade de necessidades educativas básicas tornadas evidentes no desenvolvimento da política anterior.

As políticas educativas no período de 1974 a 1980 deram aos adultos, na generalidade, a oportunidade de acesso à educação. Será que com a diferente implementação dessas políticas foi sempre acautelado o saber dos adultos? Acerca desta questão diz-nos Lima, em 2005:

*“...neste período começa a verificar-se uma característica que se tem revelado estruturante nas políticas públicas em Portugal, o carácter descontínuo e intermitente das orientações, o que tem originado um desenvolvimento fragmentado da educação de adultos”.* (p.37)

Rui Canário (1999), citando António Nóvoa, indica seis princípios capazes de servir de orientação a qualquer projecto de educação de adultos:

### **1º PRINCÍPIO**

*O adulto, em situação de formação, tem de ser visto como portador de uma história de vida e de uma experiência profissional que não poderá ser remetida para o esquecimento. Assim ganha uma importância inegável reflectir sobre o modo como ele próprio se forma, isto é, “o modo como ele se apropria do seu património vivencial através de uma dinâmica de compreensão retrospectiva”;*

### **2º PRINCÍPIO**

*Formação enquanto processo de transformação individual numa tripla dimensão do saber: saber, saber fazer, saber ser. Pressupõe uma grande implicação do indivíduo em formação, bem como uma participação alargada dos formandos na própria concepção e implementação da formação;*

### **3º PRINCÍPIO**

*Formação enquanto processo de mudança institucional, ligada estreitamente à instituição onde o sujeito exerce a sua actividade profissional. Assim espera-se um contrato tripartido, estabelecido entre equipa de formação, formandos e instituições;*

### **4º PRINCÍPIO**

*A formação deve organizar-se “numa tensão permanente entre a reflexão e a intervenção,” assentando num processo de investigação e sendo encarada como uma “função integradora institucionalmente ligada à mudança”;*

### **5º PRINCÍPIO**

*A formação deve desenrolar-se, preocupando-se em desenvolver, nos formandos, as competências necessárias para serem capazes de mobilizar, em situações concretas, os recursos teóricos e técnicos adquiridos durante o processo formativo;*

### **6º PRINCÍPIO**

*“E não nos esqueçamos nunca que, como dizia Sarte, o homem caracteriza-se, sobretudo, pela capacidade de ultrapassar as situações pelo que consegue fazer com que os outros fizeram dele. A formação tem de passar por aqui”.*  
(p.21)

A educação de adultos pode ser o reconhecimento do potencial formativo dos vários contextos da vida e não apenas da escola.

No domínio das metodologias dá-se importância à experiência dos indivíduos, isto é, às suas práticas efectivas e competências.

A educação de adultos é relevante para a participação e intervenção na sociedade numa perspectiva de desenvolvimento.

O percurso teórico feito neste Capítulo permite compreender melhor o trabalho realizado pelo “Semeador” - G.T.A.C., numa época vulnerável mas propiciadora da promoção do espírito de tolerância, do desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos, da superação das desigualdades, bem como da participação democrática na vida colectiva.

## 2.5 Animação Sociocultural

“O Semeador” refere com frequência a Animação Sócio-cultural, como esta era assumida na época, em articulação com o perfil do animador.

Para se falar de movimento associativo e de práticas culturais e educativas tem que se fazer referência, inevitavelmente, à Animação Sociocultural e ao Animador.

Para se encontrar um conceito mais amplo de Animação Sociocultural é necessário recorrer a um conjunto de autores que têm vindo a teorizar a função da animação sociocultural com o objectivo de encontrar um objecto específico nos seus conteúdos.

Esta reflexão tem sido feita, sobretudo, na Europa, concretamente em França, no período do pós-guerra e até finais da década de setenta e, em Espanha, nas duas últimas décadas do século passado.

Segundo A. Bento (2003) enquanto:

*“...os franceses acentuavam a dimensão cultural e artística veiculada através de uma política de Educação Popular, os espanhóis acentuavam a dimensão social, fundamentalmente sobre a égide das organizações sociais não-governamentais e, também sócio-religiosa”. (p.101)*

No caso português, a animação, enquanto metodologia de intervenção associada a movimentos sociais ou a instituições, ganhou alguma consistência a partir dos anos sessenta, mercê das novas dinâmicas sociais e económicas que o país começou a conhecer.

A partir de 25 de Abril de 1974 Portugal começou a ser um dos protagonistas de uma prática assumida em animação sociocultural e esta foi encarada pela primeira vez como uma filosofia de intervenção.

Essa filosofia teve um enquadramento na sociedade a quatro dimensões: a primeira, a dimensão política, utilizada como objecto da democracia; depois, a dimensão cultural, utilizada como expressão popular; a terceira, a dimensão social, utilizada como objecto de afirmação individual e colectiva; finalmente, a quarta dimensão, a educativa, utilizada como objecto da educação permanente ou ao longo da vida, conforme Relatório da UNESCO sobre a Educação para o século XXI.

Esta perspectiva leva-nos a entender que a animação sociocultural evoca e privilegia um saber e um estar adquiridos, capazes de renovar e propor novas atitudes e novas relações sociais. Na sua essência ela tem arte, técnica, filosofia e ciência suficientes para torná-la, também, sujeito portador de mudança.

Alguns teóricos da animação sociocultural como Ander-Egg (1991) e Jaume Trilla (1997) evocam a importância da realidade cultural de cada território como elementos inspiradores de estratégias de animação sociocultural, criando instrumentos capazes de melhorar essa realidade. Essas estratégias devem contemplar um grau de abertura para o exterior, alguma permeabilidade e estratégias que considerem a pluralidade das práticas culturais.

A animação sociocultural afirma-se assim na sociedade, como um processo de alternativas face à clarificação das relações sociais em geral e das relações socioculturais em particular.

Um dos objectivos fundamentais da animação sociocultural é a mudança dos indivíduos que pressupõe a facilitação ou a mediação para a participação. Esta é incentivada pelos animadores socioculturais que privilegiam as seguintes dimensões: social, cultural, artística, científica, educativa e ecológica pois são espaços inter-relacionais de reconstrução e inovação de saberes colectivos.

A. Bento (2003) define o animador como:

*“...um agente do desenvolvimento. Por essa circunstância, deve desempenhar funções gerais ou específicas conducentes ao êxito da melhoria da qualidade de vida das populações: comprometendo-se a estar atento à tradição e inovação cultural, obrigando-se a incentivar, apelar e organizar a participação dos indivíduos e tornando-se um ponto de referência dos valores e da democracia.” (p.130)*



Nesta perspectiva, a animação constitui uma resposta a problemas relacionados com a identidade cultural, a integração cultural, a integração social, a participação comunitária e a comunicação interpessoal.

## **Capítulo II**

### **1. “O Semeador”- G.T.A.C.**

A cidade de Portalegre é de origem romana e situa-se numa das encostas da Serra de São Mamede. Tem uma grande variedade em flora e fauna e o seu território é parcialmente designado por Parque Natural.

O Padre Diogo Pereira Sotto Maior, no século XVI, no seu livro “Tratado da Cidade de Portalegre”, escreve sobre a origem do nome de Portalegre:

*“Dizem que esta cidade foi primeiro situada em uas vendas que estavam por cima dos Portelos, junto à ermida de San Bartolomeu e contra a Porta da devesa que se chamavam as Vendas dos Portelos e que daqui tomou depois o nome de Portalegre...E porque sua vista é alegre e aprazível aos olhos de quem nele os punha, vieram chamar-lhe porto alegre, donde depois vem a chamar-se Porto alegre, derivado de Portelos”.*

É na cidade de Portalegre e no contexto do 25 de Abril de 1974, na expressão de uma cidadania activa, na conquista da liberdade associativa e na perspectiva de mudança social, que “O Semeador” - G.T.A.C., à luz do novo enquadramento político-institucional, formulou o seu próprio projecto e as suas práticas:

*“...era uma revolução, a cidade fervilhava, toda a juventude era revolucionária e se fosse menos revolucionária era revisionista. Éramos todos muito assanhados em termos políticos. Eu pertencia a um grupo de estudantes do Liceu que antes do 25 de Abril trabalhávamos na Rabeca e fazíamos alguma acção subversiva”. – D.B.*

O objectivo de um grupo de pessoas era criar um grupo de acção cultural ou uma frente cultural revolucionária, porventura influenciados pelas campanhas de dinamização cultural que apelavam à organização das populações: (anexo 1)

*“...Semeador porque partíamos do nada e a ideia era lançar sementes à terra. Foi o Ventura que propôs.*

*O Semeador - G.T.A.C. antes de ser uma associação onde a cultura se desenvolvia em variadíssimas vertentes foi um grupo de acção cultural que tinha como objectivo participar em lutas no campo, na reforma agrária, nas fábricas, através do teatro de mensagem política, música de intervenção e um pouco mais tarde através da alfabetização”.-D.B.*

A 23 de Junho de 1975 nasce formalmente “O Semeador” - G.T.A.C. no espaço do então FAOJ e posteriormente instalado noutros espaços:

*“... “O Semeador”-GTAC, Grupo de Trabalho e Acção Cultural, nasce com alguns estudantes e de uma decisão política do movimento de esquerda socialista. Convidaram-me para a criação de um grupo de acção cultural em 1975 com uma concepção de utilizar a cultura para fazer política, um dos objectivos ou bandeiras do GTAC era a revolução cultural como parte integrante da revolução socialista.*

*“... “O Semeador”-GTAC começou no FAOJ que tinha as suas instalações administrativas, a Casa da Cultura e tinha um espaço no 3º andar que o Presidente do FAOJ e o Director da Casa da Cultura nos cederam.*

*Mais tarde ocupámos o Convento de Stª Clara, estava devoluto, ocupámo-lo com a Comissão de Moradores da Boavista, a seguir veio o Atelier de Artes Plásticas que veio dar origem à Revista “A Cidade”, o Clube de Xadrez, o Grupo José Duro e vieram vários grupos. Depois de 1985 houve uma reabilitação de todo o Convento para Biblioteca Municipal”. D.B.*

Foram aprovados os Estatutos da Associação a 3 de Julho de 1975.

## **2. Estatutos de “O Semeador” – G.T.A.C.**

São vinte e sete os artigos que compõem os estatutos da Associação.

O Capítulo I dos Estatutos de “O Semeador” – G.T.A.C., nos artigos I e II, refere a Denominação, Constituição, Sede e Objectivos: (Anexo 2)

### **Artigo I:**

*1. A Associação adopta a denominação de O SEMEADOR, GRUPO DE TRABALHO E ACÇÃO CULTURAL, usando a abreviatura “O SEMEADOR – G.T.A.C.”.*

*2. A Associação foi fundada em 23 de Junho de 1975 e rege-se pelos presentes Estatutos e durará por tempo indeterminado. Extinguir-se-á em Assembleia Geral e pela vontade de 75% dos Sócios.*

### **Artigo II:**

*1. A Sede sita na Rua de Elvas, Convento de Santa Clara, Freguesia da Sé, Concelho e Distrito de Portalegre.*

O associativismo, como valor colectivo assim como individual, promove o humanismo, apoia a democracia, expressa a liberdade e reforça a participação dos cidadãos na vida social.

No Artigo III dos Estatutos de “O Semeador” - G.T.A.C., são definidos os objectivos sociais:

### **Artigo III:**

*O Semeador, G.T.A.C., tem por objectivos sociais:*

- 1. Contribuir para o desenvolvimento cultural da comunidade;*
- 2. Proceder à recolha e divulgação da tradição cultural da Região;*
- 3. Publicar e apoiar a edição de obras que considere importantes para a Região;*
- 4. Promover projectos de animação cultural na comunidade;*
- 5. Liderar e associar-se a manifestações culturais da Região*

- 6. Promover o intercâmbio cultural;*
- 7. Assumir identidade cultural que a caracterize como embaixadora da Região;*
- 8. Participar activamente no desenvolvimento integrado da Região.*

As pessoas organizam-se em associações e são os chamados associados que lhes dão vida e razão de existir e têm prestado ao país e à comunidade um serviço de mérito.

No Capítulo II dos Estatutos de “O Semeador” – G.T.A.C., nos artigos IV, V, VI, VII e VIII, está a constituição da associação no que se refere aos sócios:

#### **Artigo IV:**

*A Associação é constituída por:*

- 1. Sócio contribuinte;*
- 2. Sócios participantes;*
- 3. Sócios honorários;*
- 4. Sócios de mérito.*

#### **Artigo V**

*São sócios contribuintes aqueles que são admitidos para sócios e que paguem uma quota.*

#### **Artigo VI:**

*São sócios participantes as pessoas que voluntariamente desenvolvem trabalho na Associação Cultural de acordo com os objectivos a que esta se propõe (referidos no artigo III).*

#### **Artigo VII:**

*São sócios honorários as pessoas que sendo sócios da Associação Cultural nela desenvolveram um trabalho digno de honorabilidade.*

### **Artigo VIII:**

*São sócios de mérito as pessoas que pelo trabalho desenvolvido na Associação Cultural sejam dignas deste grau de distinção.*

O Movimento Associativo tem uma personalidade jurídica própria, conferida pela lei portuguesa. A Constituição da República Portuguesa diz, no seu artigo n.º 20, “*toda a pessoa tem direito à liberdade de reunião e de associação pacífica*”.

O associativista José Malheiro (1996) define as associações como espaços onde se exercem e reclamam direitos de reunião, de associação, à cultura, ao desporto, ao lazer, ao protesto, à indignação, a uma vida autenticamente humana, a uma vida verdadeiramente feliz.

No Capítulo III dos Estatutos de “O Semeador” – G.T.A.C., nos artigos IX, X, estão definidos os direitos e deveres dos sócios:

### **Artigo IX:**

*São direitos dos sócios da Associação Cultural:*

- a) Ter acesso a todos os recursos disponibilizados pela Associação;*
- b) Tomar parte das Assembleias Gerais, eleger e ser eleito;*
- c) Requerer convocação de Assembleias Gerais Extraordinárias;*
- d) Propor aos órgãos sociais a extensão da área de intervenção da Associação, de acordo com o estipulado no artigo III.*

### **Artigo X:**

*São deveres dos sócios da Associação Cultural:*

- a) Exercer gratuitamente os cargos directivos para que sejam convocados;*
- b) Tomar parte das reuniões e Assembleias Gerais para que sejam convocados;*
- c) Participar de forma activa nas iniciativas da Associação;*
- d) Preservar o Património da Associação;*
- e) Contribuir para a boa imagem e bom nome da Associação;*

*f) Respeitar e acatar as decisões dos órgãos sociais.*

No Capítulo IV dos Estatutos de “O Semeador” – G.T.A.C., nos artigos X, XI, XII, XIII, XIV, XV, XVI, XVII; XVIII, XIX, estão definidos os órgãos sociais:

**Artigo XI:**

*Constituem os órgãos sociais da Associação:*

- a) Assembleia Geral*
- b) Direcção*
- c) Conselho Fiscal*

**Artigo XII:**

*A Assembleia Geral é a reunião de todos os sócios na plenitude dos seus direitos.*

**Artigo XIII:**

*A Assembleia Geral será orientada por uma mesa composta por um Presidente, um Vice-Presidente e um Secretário.*

**Artigo XIV:**

*A Direcção é o órgão gestor de toda a actividade da Associação e é constituído por um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário, um Tesoureiro e por um número de vogais não superior a 3.*

**Artigo XV:**

*A Direcção é solidariamente responsável pelos actos da sua gestão e reunirá sempre tendo em conta a actividade da Associação.*

**Artigo XVI:**

*O Conselho Fiscal é o órgão fiscalizador e é constituído por um Presidente, um Secretário e um Relator.*

**Artigo XVII:**

*Os órgãos sociais são eleitos em Assembleia Geral por um período de 3 anos.*

**Artigo XVIII**

*Das reuniões dos órgãos sociais, serão lavradas as respectivas actas.*

**Artigo XIX:**

*As competências dos órgãos sociais e seus membros são definidas no regulamento interno.*

O Capítulo V dos Estatutos de “O Semeador” – G.T.A.C., nos artigos XX e XXI, diz respeito às receitas e despesas:

**Artigo XX:**

*São receitas da Associação as quotizações, subsídios, donativos e o resultado das iniciativas próprias.*

**Artigo XXI:**

*São despesas da Associação os encargos da manutenção da sede e inerentes ao desenvolvimento das suas actividades.*

No Capítulo VI dos Estatutos de “O Semeador” – G.T.A.C., nos artigos XXII, XXIII, XXIV, XXV, XXVI e XXVII, estão as disposições gerais:

**Artigo XXII:**

*Por proposta e deliberação da Direcção e Assembleia Geral, a Assembleia Geral, a Associação pode associar-se em associações ou federações de âmbito Nacional ou Internacional.*

**Artigo XXIII:**

*Constituem património da Associação todos os recursos materiais e humanos que dela fazem parte.*

**Artigo XXIV:**

*É símbolo da Associação o desenho da estátua do Semeador sito na Rua de Elvas na cidade de Portalegre.*

**Artigo XXV**

*O regulamento interno será elaborado pela Direcção de acordo com os presentes Estatutos e da legislação em vigor.*

**Artigo XXVI:**

*Os casos omissos neste Estatuto serão resolvidos pela Direcção de acordo com os presentes Estatutos e a lei em vigor.*

**Artigo XXVII:**

*Os presentes estatutos aprovados em Assembleia Geral, entram imediatamente em vigor.*

“O Semeador”- G.T.A.C. surge mais tarde como uma associação ligada à cultura, deixa de ser uma brigada cultural revolucionária e passa a chamar-se apenas “O Semeador”:



*“O Semeador” surge como uma nova concepção de trabalhar na cultura, já não era uma brigada cultural revolucionária, era uma associação e eu sempre tive desde o GTAC essa concepção. Sempre contrariei aquela forma muito vanguardista de fazer política. Sempre entendi que numa cidade como Portalegre onde não havia nada, isto é, havia a tradicional banda de música e o grupo de teatro do Atalaião, era necessária uma associação com espírito novo com uma atitude moderna para desenvolver a cultura. Eu achava que a cultura, ela própria, era revolucionária e não devia estar agarrada à política. Fui eu que torci para que houvesse a transformação de um grupo de uma brigada revolucionária para uma associação onde as diversas formas artísticas e culturais pudessem nascer e desenvolver-se.*

*Partimos do nada em tudo ainda no GTAC. Nenhum de nós sabia fazer teatro, nenhum de nós sabia música, nenhum de nós tinha alfabetizado e muito menos tinha feito edições de trabalhos. No caso da alfabetização nós fizemos livros de leitura e de matemática, reescrevemos a história de Portugal, tudo do zero e como éramos todos muito novos tínhamos muitas ilusões em relação à vida e à própria revolução.*

*Num espaço curtíssimo de tempo, durante dez anos, fizeram-se coisas loucas, vivíamos para aquilo. O nosso ordenado, os que tinham ordenado, responsabilizavam-se, os seus salários estavam completamente empenhados, vivíamos mobilizados para aquilo. Lembro-me que tomámos a decisão de convidar actores de teatro para vir para o nosso grupo amador para tentar progressivamente transformá-lo numa companhia de teatro.*

*As nossas vidas, os próprios móveis, as cadeiras, os cortinados eram das nossas casas, estávamos nós e os nossos pertences. Os estatutos eram mais políticos, havia democracia interna com assembleias e era tudo muito votado”.*  
*D.B.*

### **3. Distribuição de cargos na Direcção - Acta nº 1**

No dia 21 de Setembro de 1977 foi elaborada a Acta nº1 de onde se destaca o ponto dois dos dez pontos da Ordem de Trabalhos.

Distribuíram-se os cargos que cada elemento devia ocupar na Direcção:

### 3.1 Assembleia Geral

*Domingas Valente – Presidente*  
*Domingos Fernandes – Vice-Presidente*  
*Odete Pargana – Secretária*

### 3.2 Direcção

*Amândio Valente – Presidente*  
*Domingos Bucho – Vice-Presidente*  
*Isabel Bucho – Secretária*  
*João Pargana – Tesoureiro*  
*João Pires – Vogal*  
*João Matela – Vogal*  
*José Cid – Vogal*  
*Mário Ceia – Vogal*

### 3.3 Conselho Fiscal

*Manuel Loff – Presidente*  
*Joaquim Barradas – Relator*  
*Rosas – Relator*

Além destes cargos cada pessoa fica com funções específicas de organização:

*Domingas Valente – Orientadora pedagógica de alfabetização e monitora;*  
*Domingos Fernandes – Comissão de realizações exteriores;*  
*Odete Pargana – Monitora de alfabetização;*  
*Amândio Valente – Comissão de realizações exteriores;*  
*Domingos Bucho – Coordenador do Teatro;*  
*Isabel Bucho – Monitora de alfabetização;*  
*João Pargana – Comissão de realizações exteriores;*  
*João Pires – Monitor de alfabetização e coordenador por esta secção;*  
*José Cid – Coordenador da secção Desportiva;*

**Mário Ceia** – Coordenador da secção do Cinema;

**João Matela** – Coordenador da secção de Música;

**Rosas** – Comissão de realizações exteriores;

**Joaquim Barradas** – Coordenador do funcionamento do Bar;

**Manuel Loff** – Coordenador da Biblioteca e secção do Editorial.

A Acta termina com uma Nota que faz apelo à participação dos sócios:

*Temos música, teatro, cinema, desporto, alfabetização e outras actividades. Elas só terão sentido se os sócios delas fizerem parte. Queremos que todos pratiquem o que mais gostarem.*

*Comparece nas reuniões das secções que te interessem.*

#### **4. Tomadas de Posse - Livro**

Este livro é aberto a 4 de Janeiro de 1978 “para registar as tomadas de posse dos Corpos Gerentes de O Semeador – Grupo de Trabalho e Acção Cultural de Portalegre”. Termina com a responsabilização dos sócios:

*“Os abaixo assinados, responsabilizam-se pelo desempenho das tarefas inerentes aos cargos para que foram eleitos, cumprindo e fazendo cumprir os estatutos da associação e desenvolvendo todos os esforços na realização do plano de actividades que livremente assumirem”.*

##### **4.1 Actas**

O primeiro registo corresponde, na vida da Associação, aos terceiros Corpos Gerentes. É assinado em nome da Direcção cessante por Domingos José Caldeira de Almeida Bucho.

Através dos quadros I, II e III pode verificar-se que a prática e a reflexão sobre a prática levaram a associar outra categoria não menos importante: a organização.

(anexo3)

**Quadro I**

Acta	Tomada de Posse		Corpos Gerentes
	Início	Fim	
Acta da Direcção	15 Dezembro 1978	31 Dezembro 1979	<b>Presidente da Assembleia Geral</b> Feliciano Falcão
			<b>Vice - Presidente da Assembleia Geral</b> João Manuel Dias Matela
			<b>Secretário da Assembleia Geral</b> Domingas Palminha Valente e Valente
			<b>Presidente da Direcção</b> João José do Nascimento Pires
			<b>Vice - Presidente da Direcção</b> José Francisco Marmelo Cid
			<b>Tesoureiro</b> Joaquim Morujo Henriques
			<b>Secretário da Direcção</b> Vitor Alexandre Sequeira Pires
			<b>Vogais</b> Mário José Miranda Ceia José Manuel Delgado Falcão Amândio Adelino Guerreiro Valente Francisco José de Almeida Simão Marina Cabral de Figueiredo Bastos
			<b>Presidente do Conselho Fiscal</b> João Alexandre Cunha de Almeida
			<b>Relator do Conselho Fiscal</b> Domingos da Conceição Nabais Fernandes
			<b>Secretário do Conselho Fiscal</b> Maria Paulina Pacheco dos Santos

Fonte: Arquivo de “O Semeador”

**Quadro II**

Acta	Tomada de Posse		Corpos Gerentes
	Início	Fim	
Acta Direcção	31/12/1979	31/12/80	<b>Presidente da Assembleia Geral</b> Domingas Palminha Valente e Valente
			<b>Vice - Presidente da Assembleia Geral</b> Maria Paulina Pacheco dos Santos
			<b>Secretário da Assembleia Geral</b> João Manuel Dias Matela
			<b>Presidente da Direcção</b> Domingos José Caldeira de Almeida Bucho
			<b>Vice - Presidente da Direcção</b> João José do Nascimento Pires
			<b>Tesoureiro</b> Amândio Guerreiro Valente
			<b>Secretário da Direcção</b> José Abílio Camoesas
			<b>Vogais</b> Francisco José Barreto Ceia Joaquim Correia Manuel João da Silva Borges
			<b>Presidente do Conselho Fiscal</b> João Alexandre Cunhal de Almeida
			<b>Relator do Conselho Fiscal</b> Rui Gomes
			<b>Secretário do Conselho Fiscal</b> Flaviano de Miranda da Silva

Fonte: Arquivo de “O Semeador”

**Quadro III**

Acta	Tomada de Posse		Corpos Gerentes
	Início	Fim	
Acta Direcção	22/12/1980	31/12/81	<b>Presidente da Assembleia Geral</b> Domingas Palminha Valente e Valente
			<b>Vice - Presidente da Assembleia Geral</b> Odete dos Santos Madeira Pargana
			<b>Secretário da Assembleia Geral</b> Idalino Manuel Félix Bicho
			<b>Presidente do Conselho Fiscal</b> João António Cabrita Pargana
			<b>Secretário do Conselho Fiscal</b> Maria Albertina Guerra Dordio Caldeira Martins
			<b>Relator do Conselho Fiscal</b> Flaviano de Miranda da Silva
			<b>Presidente da Direcção</b> Domingos José Caldeira de Almeida Buchó
			<b>Vice - Presidente da Direcção</b> Amândio Adelino Guerreiro Valente
			<b>Secretário da Direcção</b> João Manuel Dias Matela
			<b>Tesoureiro</b> Mário Couceiro Azevedo
			<b>Vogais</b> João António Caldeira Martins José Filomeno Martins Raimundo Joaquim Manuel Lopes Correia João José do Nascimento Pires José Augusto Tello e Mascarenhas Correia António Pires Ventura

Fonte: Arquivo de “O Semeador”

## 5. Dinamização cultural

A autonomia que as associações e os movimentos populares adquirem é ao mesmo tempo desafiante porque pressupõe mudanças na estrutura, no pensamento e no comportamento dos indivíduos e criativa porque propõe e cria novos modelos de organização, novas formas de relacionamento, como salienta Rui Canário (2007):

*“...os movimentos populares pós-revolucionários constituem-se como verdadeiras escolas de emancipação social, ao obrigarem à formação de múltiplas formas organizacionais de reivindicação social e representarem em simultâneo uma explosão de autonomia”.* (pp.14-15)

Nem sempre a ânsia de mudar corresponde na prática ao interesse das populações e apesar do investimento umas vezes o impacto é maior do que outras:

*“...não sei avaliar. No 1º aniversário fizemos um espectáculo com o Carlos do Carmo que levou quinze contos. Apesar da generosidade do grupo de Cantadores do Redondo, do Janita, do Vitorino, da Banda de Tolosa, um espectáculo que começava à tarde e acabava à noite apareceu pouca gente. As pessoas em Portalegre não corresponderam.*

*Em relação à alfabetização sei que tivemos cerca de 250 pessoas em 10 anos. As festas da criança foram absolutamente extraordinárias trouxemos o José Barata Moura que dormia em casa de um colega, comia na minha casa e não vinha por dinheiro. Ele tinha um prestígio enorme junto do público infantil e arrastava multidões de crianças.*

*Fizemos duas festas da criança com feiras do livro infantil. Era muito difícil de fazer mas tínhamos um lema, o trabalho vence o capital, os problemas económicos resolvem-se com o trabalho.*

*Os problemas económicos não eram bem encarados por alguns membros da direcção que chegavam a abandonar a direcção porque não se queriam comprometer pois estavam a prever uma falência na associação.*

*A Escola de Música! As coisas que nós fizemos! Era preciso comprar um piano, comprar xilofones, metalofones e flautas que custavam muito dinheiro e não o tínhamos mas não se ficava a dever nada a ninguém pois através do pagamento dos alunos lá se conseguia pagar a prestação.*

*A 1ª Escola de Música no distrito, para além das bandas que são escolas por natureza, foi em Alegrete pelo Dr. Parente Pacheco. Nós fomos a 2ª pelo método Orff e tínhamos muitos alunos, a Câmara fez a 3ª.*

*Nós éramos muito conotados com a esquerda, as coisas agudizavam-se em termos políticos e as pessoas não correspondiam e tinham medo de ir mas havia iniciativas que tinham enorme adesão.*

*O Ventura era e é um historiador e assinalava as efemérides na revista “Re Descobrir Portalegre” editaram-se colecções e trabalhos sobre Emílio Costa, um grande anarquista portalegrense, sobre Victor Sá, professor universitário e do próprio Ventura, para além de outros.*

*Editávamos para além dos Boletins Informativos outras edições como a declaração universal dos direitos da criança.*

*As actividades eram diversas, eram exigidas especialidades e nenhum de nós era especialista. Eu fazia o arranjo das músicas para o Grupo de Cantares sem saber quase nada de música mas isso não nos coibia de avançar.*

*O 1º álbum do Grupo de Cantares do Semeador foi feito com recolhas que fiz e escrevi as músicas a partir das gravações.*

*Lembro-me que o Mário Barradas veio cá, viu a 2ª peça montada “As espingardas da mãe Carrar”, a 1ª foi “O Ensaio” de Almaz, reuniu connosco nas nossas instalações do FAOJ e ficou admiradíssimo como é que nós tínhamos partido do nada e tínhamos mostrado aquilo. Perguntou quem nos tinha orientado e nós dissemos que éramos nós que fazíamos tudo.*

*Os cenários, do ponto de vista técnico, eram uns painéis de latex montados numas molduras de madeira que tinham umas dobradiças. Funcionavam como um biombo articulado e assim mantínhamos os cenários em pé e era tudo inventado por nós.*

*Nem sempre funcionava, lembro-me que na Casa do Povo dos Fortios o chão era de argamassa de cimento e ligeiramente inclinado, o actual vice-presidente do Tribunal Europeu fazia de padre e quando entra em cena caiu-lhe tudo em cima e toda a gente fugiu mas depois correu bem. D.B.*

## **6. Relação com entidades locais e nacionais**

Pela pesquisa documental efectuada considera-se importante a troca de correspondência oficial entre estruturas institucionais de planificação e execução de políticas públicas e a comunidade representada pela associação “O Semeador”.

É em grande parte através da correspondência da associação que se podem constatar as estratégias de implementação no terreno, o papel da associação na comunidade, os desafios que se põem e as problemáticas com que é confrontada:

*“Eram tensas, as relações eram sempre tensas, a vida era politizada, nós éramos uns gaiatos esquerdistas mas o FAOJ e a Câmara davam-nos subsídios porque mostrávamos trabalho. O Presidente Soares da Câmara de Portalegre perguntava a todas as associações como queriam participar na comemoração das festas da cidade e todos contribuíam”. D.B.*

A 5 de Setembro de 1975 é enviado ao Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis-FAOJ, pelo Semeador, um pedido de uma sala, para reunião do grupo em geral e ensaio do grupo musical entre as 21h 30m e as 24h, uma aparelhagem para as deslocações e ainda um subsídio para a criação do “Boletim do G.T.A.C”. É ainda comunicado algum do trabalho já efectuado:

- “a) Publicação de textos sobre Poder Popular que foram entregues às Comissões de Moradores numa reunião de inter-comissões para discussão;*
- b) Lançamento de inquérito, através das Comissões de Moradores sobre o estado cultural das populações adestradas às C.M. e que visam uma campanha de alfabetização a estudar;*
- c) Formação de um Grupo Musical com a finalidade de divulgar, através da música, os princípios por que lutamos.”*

E termina:

*“...numa tentativa de pôr os nossos conhecimentos e a nossa iniciativa ao serviço do Povo”.*

O Ofício nº1 enviado ao Senhor Delegado Regional do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis, datado de 1/10/1975, “...a fim de darmos o nosso contributo para uma futura colaboração com o FAOJ”, o G.T.A.C., dá a conhecer a sua constituição assim como o trabalho realizado até ao momento, do qual se destaca:

*“O G.T.A.C. é constituído, actualmente, por cerca de uma dúzia de elementos ...e são objectivos principais:*

- a) Apoio e dinamização cultural às Comissões Unitárias de Base e a todo o Povo em geral;*
- b) Dinamização Cultural às massas populares do campo;*
- c) Intercâmbio com grupos culturais doutras localidades; através da edição de textos e publicações e da criação de secções independentes, com objectivos específicos, como sejam: música; jornalismo; teatro; alfabetização; etc., com intenção de lutar pelo estabelecimento do Poder Popular; pela Revolução*



*Cultural e pela Revolução Socialista, tendo como princípios orientadores, o apartidarismo e o Socialismo Científico.*

*d) Regime de trabalho – divisão do grupo por secções independentes, coordenadas pelo Executivo que é composto por três elementos e que representa o GTAC e estabelece todos os contactos tendentes à sua promoção e executa as decisões tomadas pela Assembleia Geral que é integrada por todos os membros inscritos, constitui o órgão deliberativo máximo e a ela cabe decidir sobre todas as questões que se ponham ao GTAC:*

- 1. Alfabetização;*
- 2. Teatro;*
- 3. Música;*
- 4. Jornalismo;*
- 5. Contabilidade;*
- 6. Correspondência.”*

O Ofício termina afirmando o espírito vivido na época, “...enviamos as nossas saudações revolucionárias”.

Havia vários elementos no Semeador distribuídos por várias secções independentes coordenadas pelo Executivo como podemos constatar pelo depoimento seguinte:

*“Ao princípio eu era o Presidente e a minha vida era “O Semeador” embora trabalhasse mais na música e no teatro. Fui actor, recolhi músicas, cantei, fui encenador. O espírito era fazer tudo de borla e com subsídios e íamos pelo distrito representar.*

*Benavila, Avis são alguns dos sítios onde fomos representar ao frio e ao sol, carregar a camioneta, ir buscar os actores a casa, pedir aos pais para deixarem ir as meninas, fazer 70 Km, montar o cenário, muitas vezes improvisar pois o cenário não cabia no palco. Arrasado ia representar o papel principal e depois voltar a fazer tudo ao contrário até chegar a Portalegre.*

*A questão da música era difícil pois nós ensaiávamos numa sala e ouvíamos todos uns aos outros. A 1ª vez que tomei contacto com as questões técnicas foi em Avis pusemos a aparelhagem mas não havia som de retorno, a sala cheia e ia um num compasso e iam outros noutro e entrámos em pânico.*

*Havia no Grupo gente muito boa e de várias idades. O Sr. Manuel tocava bandolim, o Santinho tocava violino, o filho do Sardinha, o Fernando começou a tocar cavaquinho, os médicos do serviço à periferia e os professores pediam para cantar connosco. Havia o Desidério do O que também cantava connosco. A biblioteca tinha livros que retratavam a época. Não havia hábitos de leitura mas havia empréstimos. Nessa altura não havia Biblioteca Municipal mas haviam as bibliotecas das Escolas”.*

*“Relativamente ao cinema passávamos vários filmes e alguns que eram proibidos antes do 25 de Abril. Tínhamos uma máquina de 36 mm, emprestada, nos nossos automóveis e passávamos filmes no Convento de St<sup>a</sup> Clara e de terra em terra com debates a seguir.*

*Era um grupo coeso, quem trabalhava mais era eu, o Matela, o João Pires, a Domingas na alfabetização com o João Pires, o Valente no desporto com o Cid que era operário corticeiro. Eu e o Matela éramos pau para toda a colher, o Ventura era o mais intelectual e éramos o grupo duro.*

*Mais tarde a Fernanda era no Grupo de Cantares, o Joaquim Correia e o Victor Caldeira na Música, no Teatro a Dulce Carrapiço depois veio o Francisco Ceia, o Manuel João Borges e o Mascarenhas.*

*Existe uma acta em que eu e o Amândio nos responsabilizámos pela vinda deles e as quotas pagavam o vencimento e assim o teatro passou a empresa. Até escrevemos peças de teatro e contos!*

*Eu, o Matela e o João Pires estávamos em tudo. E depois havia secções com responsáveis e era mais ou menos:*

*Alfabetização – Domingas, Matela, João Pires, Arsénio, Vítor Caldeira.*

*Desporto – Valente e Cid.*

*Cultura e edições – Ventura.*

*Grupo de Cantares – Fernanda.*

*Música – Joaquim Correia.*

*Jornal – Benvindo Ceia.*

*Teatro – Dulce Carrapiço. D.B.*

O G.T.A.C. ao discutir em Assembleia Geral o Decreto-Lei nº 106/76, de 6 de Fevereiro que estabeleceu a lei orgânica do FAOJ, atribuindo-lhe personalidade

jurídica e autonomia administrativa - artigo 1º, dirigiu ao Delegado do FAOJ um documento datado de 26/2/1976, do qual se destacam três propostas fundamentadas na proximidade das férias e na necessidade de ocupar “*as massas estudantis e outras na realização de serviços cívicos, tão necessários ao actual processo revolucionário português*”:

1. *Campos de trabalho – para além do trabalho em si, o G.T.A.C, porá ao dispor da região escolhida a sua secção de Alfabetização e outras que fossem convenientes.*
2. *Visita de estudo ao estrangeiro subordinada ao tema:*  
*“Revolução Cultural, parte integrante da Revolução Socialista”, como necessidade da tomada de consciência de todo um conjunto de experiências havidas noutros países, no campo da Revolução Cultural.*  
*O desenvolvimento da Cultura Popular, as Reformas a nível de conteúdo e esquemas físicos de ensinos oficiais, as campanhas de alfabetização, são experiências que gostaríamos de conhecer no estrangeiro...*
3. *Cursos para monitores e animadores culturais – surge como necessidade de organizar uma animação cultural que está no espírito e no processo revolucionário Português e que urge acentar em bases sólidas.*

O Semeador-G.T.A.C dirige ao Director do Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ), o Ofício nº 6-C de 20/6/1977, em virtude de não ter recebido o apoio pedido àquele organismo. Nesse ofício faz um resumo sintético da actividade desenvolvida em dois anos:

- *3 peças de teatro – 50 representações;*
- *actuações do Grupo Musical;*
- *2 campanhas de alfabetização e cursos de 4ª classe num total de perto de 80 alunos;*
- *5 Boletins Informativos;*
- *edição de todo o material para alfabetização e várias outras publicações;*
- *explorações arqueológicas no concelho de Marvão, terminando os trabalhos com a montagem de um museu em Santo António das Areias;*

- apoio a um sem número de grupos e demos origem a um grupo cultural em Santo António das Areias – GDIC;
- formação com outros grupos culturais da cidade, sob proposta nossa, do Secretariado das Associações Culturais de Portalegre.

## **7. Jogos Florais do Semeador**

Os I Jogos Florais do Semeador tinham o objectivo de:

*“...contribuir para a dinamização da actividade literária, para a descoberta de valores e para o levantamento literário, social e cultural da nossa região”, aconteceu entre Fevereiro e Junho de 1978 e foi uma iniciativa “...propagandeada em todas as escolas, associações culturais e recreativas, órgãos de informação e autarquias do nosso distrito, os seus resultados reflectem de algum modo, o nosso atraso cultural”.*

Os I Jogos Florais foram apoiados por 14 entidades. O júri era composto por seis pessoas e receberam 84 trabalhos de 31 concorrentes.

### **7.1 Número de concorrentes e trabalhos recebidos**

*Teatro - 2 peças - 2 autores*

*Conto - 10 contos - 8 autores*

*Poesia - 64 poemas - 13 autores*

*Ensaio - 2 ensaios - 2 autores*

*Quadra - 6 trabalhos - 6 autores*

#### ***Composição do Júri:***

*Professor Joaquim Grave Caldeira*

*Professor José Dias Heitor Patrão*

*Dr Meneses*

*Dr Feliciano Falcão*

*Dr<sup>a</sup> Maria Antónia Caetano*

*Dr<sup>a</sup> Ana Maria Calha*

***Entidades que apoiaram a iniciativa:***

*Câmara Municipal de Portalegre*

*Junta Distrital de Portalegre*

*Sociedade Portuguesa de Autores*

*Câmara Municipal de Alter do Chão*

*Câmara Municipal de Marvão*

*Câmara Municipal de Castelo de Vide*

*Câmara Municipal de Campo Maior*

*Câmara Municipal de Elvas*

*Câmara Municipal de Nisa*

*Câmara Municipal do Crato*

A Sessão de Encerramento dos I Jogos Florais com a entrega de prémios foi no dia 16 de Julho de 1978, no Cine-Teatro Crisfal, na comemoração do III Aniversário de “O Semeador”-G.T.A.C.

**8. III Aniversário de “O Semeador”-G.T.A.C.**

O Semeador enviou um comunicado em que convidava as entidades e a população para a comemoração do seu III Aniversário e apresentava o programa:

*“Realiza-se no próximo Domingo, dia 16 de Julho, das 15h às 24h, no Cine-Teatro Crisfal, uma Jornada Cultural que pelo elevado nível dos seus participantes aconselhamos a todos os portalegrenses.*

*Assim, o que já podemos garantir:*

*I Parte – das 15h às 19h*

*Augusto Vintém ao Órgão; Francisco Ceia e Duo Agualela; Brigada Victor Jara; Grupo de Cantares do Redondo; Jazz com Zíngaro, Zé Eduardo e Teixeira Neves.*

## II Parte – das 21h 15m às 24h

*Sessão de Encerramento dos I Jogos Florais e entrega de Prémios; Poesia e Fado com Leandra Batista e Carlos do Carmo.*

### 9. Educação de Adultos – Alfabetização

Sobre alfabetização, à época, 25 de Abril de 1974, diz-nos A.M. (1975):

*“Há-de consistir fundamentalmente numa tríplice alfabetização – alfabética, cultural, política – mediante a qual todos os analfabetos aprenderão a ler, a escrever, a pensar, a escolher, a intervir conscientemente na vida do seu país...”. (pp.20-21)*

Neste espírito foi criada a Secção de Alfabetização, **S.A.**, de “O Semeador”- G.T.A.C.: (anexo 4)

*“Era uma actividade que trazia muita gente porque havia muitos analfabetos. Nós conseguíamos dar resposta porque convidámos quatro professoras do Ensino Primário, era assim que se chamavam, começámos a fazer alfabetização nos bairros e na sede e era outro tipo de participação. A alfabetização começou no Bairro do Atalaião, S. Bartolomeu, Vila Nova, na Sede na Praça da República e depois no Convento de St<sup>a</sup> Clara. Por vezes pediam de outras localidades como se faziam as fichas de Paulo Freire e passávamos essa aprendizagem para outros. De um Grupo de Almada, de alfabetização, veio um professor universitário, chamado Ernesto, que nos deu formação sobre o método Paulo Freire e nós passámos a outros”. D.B.*

Esta Secção iniciou os trabalhos com dois Núcleos de Alfabetização, o Núcleo do Bairro do Atalaião e do Bairro de S. Bartolomeu com um total de 48 alunos. Seguiram-se os Bairros de S.Cristóvão e as Sedes de “O Semeador”.

No dia 7 de Janeiro de 1976 é feita uma reunião do G.T.A.C. – Grupo de Alfabetização onde ficou decidido que: (anexo 4 - a)

- 1. Para melhor organização do grupo foram formadas as seguintes secções: secção de Secretaria, Correspondência e Finanças onde ficaram – Maria Manuel e São; Secção de Contactos – ManuelaTavares, Albertina e Mota.*
- 2. Os elementos pertencentes ao Grupo de Alfabetização são elementos do G.T.A.C., isto é, aceitam os seus Estatutos.*

Destacam-se ainda deste documento nos pontos 4 e 5 a escolha do método Paulo Freire:

- “4. Para que o método Paulo Freire seja divulgado em todo o grupo, haverá um Seminário nos dias 19,20,21,22,23 de Janeiro deste ano, a começar às 20h 30 e a acabar às 22h30...*
- 5. O grupo de Contactos ficou de contactar a Comissão de Moradores”.*

Em 1976, a Constituição da República Portuguesa estabeleceu no Art.º 73º que todos têm acesso à educação, reforçando deste modo o trabalho realizado. Este diploma definiu que caberia ao Estado a democratização da educação, através da dinamização de diversas modalidades de educação, formal e não-formal, contribuindo por essa via para a igualdade de oportunidades, para a superação das desigualdades económicas, sociais e culturais, para o desenvolvimento pessoal e social dos cidadãos, bem como para a promoção do espírito de tolerância, de compreensão mútua, de solidariedade e de responsabilidade, para o progresso social e para a participação democrática na vida colectiva.

Foi grande o envolvimento da população, isto é, da população dos bairros da cidade na alfabetização. O entusiasmo, a confiança numa mudança estrutural do país deu força ao “Semeador” para enfrentar novos desafios e levou as pessoas a acreditar na necessidade de mais formação para uma maior participação.

O Quadro IV reflecte um pouco a dinâmica da S.A. nos anos de 1975/76: (anexo 4 b/c)

#### Quadro IV

<i>Secção de Alfabetização</i>					
<i>Ano 1975/1976</i>					
<i>Núcleos de Alfabetização</i>					
<i>Bairro do Atalaia</i>			<i>Bairro de Sº Bartolomeu</i>		
<b>Grupos</b>			<b>Grupos</b>		
<i>Alfabetização</i>	<i>4ª Classe</i>	<i>T</i> <i>Alunos</i>	<i>Alfabetização</i>	<i>4ª Classe</i>	<i>T</i> <i>Alunos</i>
2	2	25	1	2	23
<i>Resultados finais</i>					
<b>48 Alunos</b>					
<i>Alfabetizados</i>	<i>C/exame 4ª classe</i>	<i>S/exame 4ª classe</i>	<i>Desistência</i>		
19	17	1	11		

*Fonte: Arquivo da S.A. de “O Semeador”*

O Ofício-circular nº 10/77, datado de 12/12/77, da Direcção-Geral de Extensão Educativa – Delegação Regional de Portalegre, dirigido ao “Semeador”-G.T.A.C. solicita que sejam indicadas pessoas, instituições ou grupos que desenvolvam acções no domínio da Educação de Adultos.

Este pedido é feito após a criação pelo Conselho de Ministros da referida Direcção-Geral de Extensão Educativa pelo Decreto-Lei nº 478/77, de 15 de Novembro de 1977, que se transcreve na íntegra pela importância que teve à época:

*“ O Conselho de Ministros aprovou o projecto de Decreto-Lei que cria no Ministério da Educação e Investigação Científica a Direcção-Geral de Extensão Educativa que, por forma coadjuvada, passa a ter atribuições e competências até ao momento cometidas ao Fundo de Apoio aos Organismos Juvenis (FAOJ) e à Direcção-Geral de Educação Permanente, serviços que se consideram extintos”.*

Nos anos de 1976 e 1977 a alfabetização propriamente dita e a 4ª classe eram significativas na procura de mais formação.

Havia várias pessoas em profissões diversas que eram analfabetas e com idades muito diferentes. Os motivos eram diversos, uns mais profissionais e outros mais pessoais como escrever cartas a familiares que se encontravam longe.

O Quadro V reflecte o trabalho realizado pela Secção de Alfabetização nos anos de 1976/77: (anexo 4 d/e)



**Quadro V**

<i>Secção de Alfabetização</i>					
<i>Ano 1976/1977</i>					
<i>Núcleos de Alfabetização</i>					
<i>Bairro do Atalaião</i>			<i>Sede de “O Semeador”</i>		
<b>Grupos</b>			<b>Grupos</b>		
<i>Alfabetização</i>	<i>4ª Classe</i>	<i>T</i> <i>Alunos</i>	<i>Alfabetização</i>	<i>4ª Classe</i>	<i>T</i> <i>Alunos</i>
<b>4</b>	<b>4</b>	<b>29</b>	<b>1</b>	<b>1</b>	<b>23</b>
<i>Resultados finais</i>					
<b>52 Alunos</b>					
<i>Alfabetizados</i>	<i>C/exame 4ª classe</i>	<i>S/exame 4ª classe</i>	<i>Desistência</i>		
<b>16</b>	<b>19</b>	<b>1</b>	<b>16</b>		

*Fonte: Arquivo da S. A. de “O Semeador”*

O Ofício nº A/19 de 13/11/78 apresenta um Plano Concelhio de Educação para Adultos com o apoio e colaboração da Câmara Municipal de Portalegre, Freguesias e Casas do Povo do Concelho à D.G.E.P. onde dá a conhecer o que se realizou em 1977/78 e que se sintetiza no quadro seguinte:

**Quadro VI**

<i>Secção de Alfabetização</i>				
<i>Ano 1977/1978</i>				
<i>Núcleos de Alfabetização</i>				
<i>Sede de “O Semeador”- Convento de Stª Clara</i>				
<b>Grupos</b>				
<i>Alfabetização 2º nível</i>	<i>T</i> <i>Alunos</i>	<i>4ª classe 3º nível</i>	<i>T</i> <i>Alunos</i>	<i>Total</i>
<b>4</b>	<b>21</b>	<b>6</b>	<b>23</b>	<b>44</b>
<i>Resultados finais</i>				
<b>44 Alunos</b>				
<i>Alfabetizados</i>	<i>C/exame 4ª classe</i>	<i>S/exame 4ª classe</i>	<i>Desistência</i>	
<b>14</b>	<b>13</b>	<b>4</b>	<b>13</b>	

*Fonte: Arquivo da S. A. de “O Semeador”*

## 9.1 Ofício nº D-22

O ofício nº D-22 de 19/5/78 dá resposta ao Presidente da Câmara de Portalegre sobre os relatórios e orçamentos pedidos pela Câmara Municipal. Destacam-se a introdução e os relatórios que dão uma perspectiva dos princípios e dos resultados obtidos pelo Semeador de 1975 a 1978.

### 9.1.1 Introdução

*“Torna-se necessário esclarecer que a distinção entre alfabetização e educação de adultos é teórica, dado que a matéria destinada à educação de adultos-regulamentada pela Portaria nº 419-76 de 13 de Julho - está englobada no que se designa por 3º nível de alfabetização, mais conhecido por 4ª Classe. Assim, a nossa actividade abrange as duas matérias (Alfabetização e Educação de Adultos) embora tenhamos designado a nossa Secção com o termo genérico de Alfabetização”.*

### 9.1.2 Relatório

O relatório apresenta o número de pessoas que frequentaram os cursos de alfabetização entre os anos de 1975 a 1978. Os dados estatísticos são aqui apresentados no quadro seguinte:

**Quadro VII**

<i>Resultados Totais da Secção de Alfabetização de “O Semeador” - G.T.A.C.</i>					
<i>1975 a 1978</i>					
<i>Alfabetizados 1º e 2º nível</i>	<i>4ª classe 3º nível</i>	<i>4ª classe 2º para 3º nível</i>	<i>S/exame 3º nível</i>	<i>Desistência 1º 2º ou 3º nível</i>	<i>Total</i>
<b>49</b>	<b>30</b>	<b>19</b>	<b>6</b>	<b>40</b>	<b>144</b>

*Fonte: Arquivo da S. A. de “O Semeador”*

### 9.1.3 A Perspectiva de “O Semeador” sobre a Alfabetização em Portugal

Destaca-se, das considerações finais este parágrafo, pois “O Semeador” distancia-se dos organismos oficiais ao responsabilizá-los pela não resolução do problema do analfabetismo:

*“O Semeador” não pretende sobrepor-se à acção dos organismos oficiais competentes para a resolução do problema do analfabetismo... o que nos parece é que a existência de um analfabeto em cada três habitantes, é uma realidade que não tem preocupado a quem por dever e com todos os meios ao seu alcance, o poderia solucionar...”*

Ao fazer quase 3 anos a **S.A** de “O Semeador” faz um convite para a realização de um encontro de monitores que tinham realizado ou estavam a realizar: *“...um trabalho de Alfabetização/conscientização com a população desta cidade que não teve acesso ao mais elementar grau de ensino”*. Um Encontro para:

*“...colectivizarmos as nossas experiências e aprofundar os métodos utilizados...e criar espaços de reflexão e troca de experiências pois só assim, encontraremos em conjunto formas de avançar no nosso trabalho”*.

A **S.A.** faz uma convocatória para o dia 11 de Abril onde vai o Plano de Trabalho para discussão. A proposta de trabalho incluía:

*“... o relançamento de novos grupos de Alfabetização”, a “formação de monitores de Alfabetização e programação de Seminários a nível concelhio” ...“o apoio aos núcleos locais da Secção de Alfabetização em Campo Maior, Porto da Espada, Elvas, Cano, Foros do Arrão e S. Julião”*.

No Ofício nº F-45 de 8/7/1978, é pedido à Redacção do jornal “A Rabeca” para publicar várias notícias sobre “O Semeador”, em que realça a notícia do apoio da Câmara Municipal de Portalegre à Secção de Alfabetização que é definida pela associação como:

*“Actividade básica quando se fala em termos de animação sócio-cultural, a alfabetização das grandes camadas da população é hoje, pós 25 de Abril, um dever de todos os que lutam pela concretização dos objectivos da nossa Constituição”*.

No mesmo Ofício, “*O Semeador*” justifica desta forma a necessidade de continuar com a Secção de Alfabetização:

*“Um em cada três portugueses é analfabeto. Heis a triste verdade que nos é dada pela própria estatística oficial. Nos três distritos do Alentejo – zona do latifúndio – zona que se caracterizou no plano sócio- cultural por um obscurantismo atrás, que urgia manter e impor em prol duma exploração do trabalho mais fácil, a percentagem ainda é maior, chegando a atingir, em certas regiões os 50%”.*

E atribui ao Estado a tarefa da:

*“...eliminação deste verdadeiro flagelo, não só por dever como pelos recursos que exige e que ultrapassam a capacidade de todas as associações culturais”.*

Considera, ainda, que é imprescindível:

*“...o contributo das Associações a nível da organização, experiência e quadros técnicos numa colaboração estreita com todas as autarquias do Concelho”.*

É ainda à Redacção de “*A Rabeca*” que é enviado o Ofício nºF-48 de 9/10/78 que pede para divulgar um Curso de Formação de Monitores de Alfabetização na sede de “*O Semeador*”, que é dirigido a todos os interessados:

*“...estes cursos estão integrados num Plano Concelhio de Alfabetização com a colaboração da Câmara Municipal de Portalegre e as Juntas de Freguesia do nosso concelho...no dia 14 de Outubro o curso será dirigido aos monitores das freguesias rurais e no dia 15 de Outubro, o curso será dirigido e aberto a todos os cidadãos de Portalegre que queiram participar”.*

#### **9.1.4 Ofício nºF-48 – Divulgação das actividades do 1º período**

Em Setembro de 1978 é divulgado o 1º período de actividades do novo ano lectivo 1978/79, isto é, de Setembro a Dezembro de 1978, na Cidade de Portalegre:

*Setembro – Participação de futuros monitores dos bairros de Sº Bartolomeu, Atalaião e Vila Nova nos Seminários.*

*Outubro – Campanha de sensibilização, lançamento de inquéritos, inscrições e constituição de grupos de alfabetização.*

*15 de Outubro – Constituição dos grupos por níveis de aprendizagem e início dos trabalhos. Distribuição de material didáctico e escolar vário. Acompanhamento.*

*Na sede de “O Semeador” – funcionará o centro de apoio didáctico, pedagógico e material aos núcleos de alfabetização. Constituição ou desenvolvimento de grupos de alfabetização, um total de 4 a 6.*

*Número aproximado de pessoas a abranger (150-180)*

*Número de núcleos de alfabetização (10-12).*

Nos finais do ano de 1978 o Ofício nº A/19 de 13/11/78 da Secção de Alfabetização dá a conhecer um Plano Concelhio de Educação para Adultos com o apoio e colaboração da Câmara Municipal de Portalegre, Freguesias e Casas do Povo do Concelho, à Direcção Geral de Educação Permanente.

A Casa da Cultura de Avis envia um ofício a “O Semeador” datado de 30/11/78 em que se diz interessada:

*“...em desenvolver o método de Alfabetização/Conscientização Paulo Freire, a nível concelhio”.*

Pedem para serem recebidos e terminam o Ofício com:

*“...Saudações Culturais - Sem Revolução Cultural, nem Revolução nem Socialismo”.*

Em 1979 “O Semeador” informa que, de âmbito concelhio, houve frequência de 1º, 2º e 3º nível - 43 pessoas e foram aprovadas em exame de 4ª classe - 25 pessoas. Houve ainda a realização de 3 Seminários de Formação de Monitores.

Em 1980 houve um grupo de 2º nível a funcionar na Vila Nova e realizou-se um Seminário de Formação de Monitores a nível distrital.

Neste ano foram ainda lançadas as bases para, em Outubro, iniciar a alfabetização nas Fábricas Robinson e Lanifícios.

“O Semeador” fez parte do Plano Nacional de Alfabetização:

*“O Semeador, através da sua Secção de Alfabetização, desempenhará o papel que lhe compete no Plano Nacional de Alfabetização, como pólo dinamizador de experiências, como saber de experiência feito em todos os âmbitos da actividade.*

*Para breve, o início de experiências em vários pontos do distrito em estreita colaboração com as Autarquias Locais.”*

### **9.1.5 Autobiografias**

A reflexão estrutura-se agora em torno das trajectórias de vida dos indivíduos pouco escolarizados. É curioso pensarmos que no processo de alfabetização se utilizavam as autobiografias, o que indica um trabalho intensivo de reflexão dos sujeitos sobre a sua própria vida como podemos constatar nestes pequenos excertos de algumas autobiografias encontradas nos documentos de “O Semeador”: (anexo 5)

*-“Nasci no dia 28 de Julho de 1934 em Portalegre, não fui para a escolá. Gosto de aprender a ler para escrever ao meu marido e há minha mãe e josto de tratar da minha casa. Sou alemtejana josto do alemtejo...,sou casada. Comecei a trabalhar aos sete anos”.*

*-“Nasci no dia 17 de Fevereiro de 1959. Fui servente de pedreiro e hoje sou coveiro no cemitério Municipal de Portalegre. Tralho 9 horas por dia e quarenta e cinco horas por semana. Sou solteiro. Vivo no sítio de Caia pertenço há freguesia da Urra.”*

As autobiografias podem-nos ajudar na compreensão dos hábitos e costumes:

*- “... as feiras eram aos sábados ou domingos e eram os dias mais alegres do Mogadouro, porque vinha povo de toda a parte.”*

*- “... a lida da casa é sempre a mesma, camas a fazer o almoco e jantar e lavar, a loiça e passar a ferro cozer a roupa e por fim, ver a telamovela”.*

#### **9.1.5.1 Fichas de inscrição**

Nas fichas de inscrição para as Campanhas de Alfabetização em 1976 – 1977 constavam:

*Nome*

*Idade*

*Morada*

*Curso em que se inscreve (alfabetização, 4º classe ou ciclo preparatório):*

*Horário preferido: \_\_\_\_\_*

*Profissão: \_\_\_\_\_*

*Sabe Ler?----- Sabe escrever?-----Obs:-----*

Nestas fichas de inscrição estava um **comunicado à população**:

*“Dentre as actividades culturais que o GTAC vem desenvolvendo desde há um ano a esta parte, conta-se a de ALFABETIZAÇÃO. Ela foi iniciada em Março, nos bairros de S.Bartolomeu e do Atalaião, com cerca de 40 alfabetizandos, estando, os grupos formados, prestes a acabar os programas estabelecidos”.*

*“...prioridade aos analfabetos na formação dos grupos”.*

*“...introdução da aritmética elementar no programa de alfabetização”.*

E terminavam:

*“Colocando-nos novamente ao serviço do Povo da nossa cidade, agradecemos também que a população colabore connosco, ajudando-nos a cumprir um dever numa obra de emancipação que é de todos...”*

***PELA CULTURA AO SERVIÇO DO POVO!”.***

***Nota: É tudo gratuito”.***

## Capítulo III

### 1. Contributos para o desenvolvimento local

A mobilização popular que ocorreu após o 25 de Abril de 1974 no âmbito da Associação de “O Semeador” teve múltiplas formas de expressão.

A procura do conhecimento na perspectiva da transformação social com um carácter fortemente político terá levado “O Semeador”- G.T.A.C. a envolver-se e a experimentar aquelas múltiplas formas de expressão.

Em Julho de 1978 foi elaborado um Relatório de Actividades de “O Semeador”- G.T.A.C., que incluía grande parte do que tinha sido feito entre os anos de 1975 a 1978 nas várias secções.

São testemunho dessa mobilização popular os quadros que se apresentam e que revelam a variedade de actividades desenvolvidas.

#### 1.1 Secção de Teatro

Em 1979 é apresentado por um responsável um relatório da Secção de Teatro de 1977 a 1979 sobre os temas, as peças e os autores escolhidos em que afirma que o teatro “*é uma forma de realizar cultura*” e diz: (anexo 6)

*“Esta intenção não é mais do que o colocar da Cultura ao Serviço do Povo, - nossa dívida - representando para ele peças que intervenham no concreto da sua vida, procurando abrir-lhes novos horizontes, consciencializá-lo da sua situação no meio social, económico, cultural e político que o envolve, dando-lhe a consciência dos seus direitos e do seu papel na História”.*

Acrescenta um desabafo que faz acreditar, à época, em diferentes formas de conceptualizar a cultura:

*“Esta nossa opção, que tem a ver com a nossa concepção de cultura, tem sido contestada, sobretudo por organismos oficiais; e daí um certo desprezo e boicote que nos é movido”.*



Numa retrospectiva da actividade são colocadas duas questões que consideram fundamentais:

*“Qual a sua contribuição para o desenvolvimento da actividade teatral em Portalegre?”;*

*“Que contribuição deu para a prossecução dos objectivos desta associação e para a afirmação dos nossos princípios?”.*

À primeira questão respondem com o número de pessoas:

*“...desde a nossa fundação, trabalharam na secção de teatro cerca de 30 pessoas e quase todas elas tiveram aqui a sua primeira experiência teatral. Tendo presente que em Portalegre e Portugal os grupos de teatro amador são as primeiras escolas de teatro...”.*

À segunda questão respondem com a mensagem:

*“...obedece aos nossos princípios estatutários que não são mais do que os que a nossa Constituição da República advoga...a procura de formas de organização com outros grupos de teatro tem sido constante...e a nossa adesão à associação regional da A.P.T.A.”.*

O Relatório da Direcção que cessou em 1979 relativamente à Secção de Teatro apresenta o trabalho que está a ser feito e as condições em que o faz:

*“...já está a ensaiar desde o princípio de Dezembro uma peça que estreia em fins de Janeiro. Trata-se de uma comédia de Molière, intitulada Jorge Dandin – ou o marido enganado”.*

*“A nível das condições de trabalho, pensamos estar, de certo modo, privilegiados, com a sala de espectáculos que vai ser inaugurada, em breve aqui no convento.”*

Houve um grande investimento na Secção de Teatro. São de salientar a quantidade de peças estreadas assim como a necessidade de trazer actores da Escola do Teatro Garcia de Resende em Évora, recém-formados, para atingir um nível mais profissional e supostamente mais actualizado.

É de salientar também o investimento feito na sala de espectáculos remodelada essencialmente para o Teatro, no Convento.

O Boletim de Informações lançado no 5º Aniversário de “O Semeador” ajuda a compreender através do Quadro VIII, o reforço do papel da educação popular e o impacto cultural e social que o teatro pode alcançar:

**Quadro VIII**

<i>Secção de Teatro de “O Semeador”-G.T.A.C.</i>			
<i>Ano</i>	<i>Peças</i>	<i>Total representações</i>	<i>Espectadores</i>
1975	“Ensaio” de A. Maltz	2	400
1976	“As espingardas da Mãe Carrar” de Bertolt Brecht	11	3500
1977	“Farruncha o espantalho” de Jaime Gralheiro	8- 1 na 1ª Grande Festa da Criança	2500
1977	“A Farsa do Mestre Pathelin” de autor anónimo do séc. XVIII	2	500
1978	“A Teia” de Carlos Coutinho	5	1500
1979	“História de uma boneca abandonada” de Alfonso Sastre	12	4000
1980	“Jorge Dandin” de Molière	20	8000
<b>Total</b>		<b>60</b>	<b>20400</b>

*Fonte: Arquivo da S.T. de “O Semeador”*

## 1.2 Secção de Música

Houve, nos primeiros 5 anos da Associação, um empenhamento relativamente à Música com a criação de um Coro Infantil, com os primeiros passos do Grupo de Cantares e a recolha de músicas e com a criação da Escola de Música que se apresenta com novas propostas:

*“...a nossa escola conta presentemente com o mesmo número médio de alunos, cerca de 75, repartidos por três turmas, e preparamo-nos para lançar a segunda fase do seu plano de desenvolvimento: abertura de lições de piano e viola.”*

A Escola de Música de “O Semeador” foi fundada em 1979 e em 1980 era apresentada no Boletim nas várias condições e vertentes:

- “- Funciona 26 horas por semana;*
- Educação Musical – Método Orff*
- Piano*
- Viola*
- Acordeão*
- A escola possui cerca de 100 alunos, 80% dos quais são adultos;*
- Foi constituído o Grupo Orff do Semeador (instrumental e coro), que já actuou 4 vezes publicamente;*
- A escola tem ao seu serviço dois professores de música subsidiados”. (anexo 7)*

No quadro IX pode-se verificar que a criação da Escola de Música é um dos grandes suportes de “O Semeador” no contacto com as populações mais jovens, mas também no contacto com outras populações, nomeadamente na recolha da música popular:

**Quadro IX**

<i>Secção de Música de “O Semeador”-G.T.A.C.</i>			
<i>Ano</i>	<i>Música Infantil</i>	<i>Música Popular</i>	<i>Actuações</i>
<i>1975</i>	<i>0</i>	<i>1</i>	<i>1</i>
<i>1976</i>	<i>5</i>	<i>1</i>	<i>6</i>
<i>1977</i>	<i>0</i>	<i>2</i>	<i>2</i>
<i>1975/76/77/78</i>	<i>Actuações completando representações teatrais</i>		<i>24</i>
<i>Total</i>			<i>31</i>

*Fonte: Arquivo da S.M. de “O Semeador”*

### **1.3 Secção de Cinema**

As considerações finais da secção de Cinema no Relatório feito em 1979 apontam algumas dificuldades sentidas:

*“Não restam dúvidas de que a implantação do bom cinema e a resposta em público para ela, é uma luta de desiguais contra um adversário extremamente poderoso: as grandes produtoras, distribuidoras e empresas de produção, que têm provocado uma alienação e intoxicação pública extremamente profunda.”*

Os filmes mais requisitados e projectados pela Secção de Cinema de “O Semeador”, como se pode verificar no Quadro X, eram os que tinham sido anteriormente proibidos pela censura e os que de alguma forma tinham uma mensagem política. São de referir ainda as grandes dificuldades a nível material e económico. A máquina de projectar utilizada era do F.A.O.J. e nem sempre estava disponível. O contrato com a empresa distribuidora era demorado e exigia um contrato anual que obrigava à projecção de filmes que “O Semeador” - G.T.A.C. não queria projectar.

**Quadro X**

<i>Secção de Cinema de “O Semeador”-G.T.A.C.</i>		
<i>Ano</i>	<i>Filmes projectados</i>	<i>Local de projecção</i>
1976	“Outubro”	<i>Instalações do FAOJ</i>
1976	“Deus Pátria Autoridade”	<i>Instalações do FAOJ</i>
1977	“Quando o Povo acorda”	<i>Convento Santa Clara</i>
1977	“Uma aldeia como tantas outras”	<i>Convento Santa Clara</i>
1977	“Fátima-Portugal de joelhos”	<i>Convento Santa Clara</i>
1977	“Sangue de Condor”	<i>Convento Santa Clara</i>
1977	“Irei como um cavalo louco”	<i>Convento Santa Clara</i>
1977	“Greve Ocupação”	<i>Convento Santa Clara</i>
1978	“Camaradas”	<i>Convento Santa Clara</i>
1978	“Orgia do Poder”	<i>Convento Santa Clara Campo Maior Assumar Avis Benavila Escola I. e C. de Portalegre</i>
1978	“Viva Portugal”	<i>Escola Industrial e Comercial de Portalegre</i>
1978	“Cinema Infantil”	<i>Convento Santa Clara</i>

*Fonte: Arquivo da S.C. de “O Semeador”*

Foram projectados filmes em ciclos de cinema que traziam cada vez mais pessoas. Apesar das dificuldades acima referidas foram muitos filmes, muitas sessões e muitos filmes de cariz político. (anexo 8)

#### 1.4 Secção de Realizações Exteriores

Foram várias as Realizações Exteriores que envolveram a participação das pessoas e que movimentaram recursos humanos e materiais. A dinâmica cultural e artística criada gerou o entusiasmo das populações da cidade e a necessidade de desenvolver novas dinâmicas por parte de “O Semeador”.

As iniciativas eram múltiplas e destinavam-se a crianças, jovens e adultos pois desde as Festas da Criança, às Exposições e Comemorações toda a população era envolvida.

Através do quadro seguinte, que apresenta algumas das realizações, pode-se constatar a multiplicação de iniciativas que procuravam envolver as populações:

**Quadro XI**

<i>Secção de Realizações Exteriores de “O Semeador”-G.T.A.C.</i>		
<i>Ano</i>	<i>Realizações Exteriores</i>	<i>Tipo de Realização</i>
1976	<i>Comemoração do 1º Aniversário (23 de Junho)</i>	<i>Festa-convívio</i>
1977	<i>Comemoração do 25 de Abril</i>	<i>Sketch, Música Popular, Ceia-convívio</i>
1977	<i>Grande Sorteio G.T.A.C.</i>	<i>Campanha de Fundos através de sorteio com carácter cultural</i>
1977	<i>Comemoração do centenário do nascimento de Emílio Costa</i>	<i>Exposição sobre a sua vida e obra, Colóquio</i>
1977	<i>I Grande Festa da Criança (E.I.C.P.)</i>	<i>Teatro, Canções Infantis, Banda Infantil de Tolosa, Palhaços, Rancho Folclórico Infantil da Boavista, Exposição de Pintura Infantil e I Feira do Livro e Disco Infantil</i>
1978	<i>Exposição/venda do livro técnico-científico Soviético</i>	<i>Exposição/venda no Museu Municipal de Portalegre</i>

*Fonte: Arquivo da S.R.E. de “O Semeador”*

A divulgação das várias realizações fazia-se através de panfletos e alguns deles eram escritos à mão. (anexo 9)

### 1.5 Secção Desportiva

A Secção Desportiva de “O Semeador” contribuiu para a articulação entre a actividade física e a competição e foi uma forma de criar uma identidade desportiva numa perspectiva de inclusão social, como se pode verificar no quadro XII: (anexo 10)

**Quadro XII**

	<i>Secção Desportiva de “O Semeador”-G.T.A.C.</i>
<i>Ano</i>	<i>Torneio de Futebol de 11- organizado pelo Semeador</i> <i>Equipas participantes</i>
<i>1977</i>	<i>O Semeador</i> <i>Bombeiros Voluntários de Portalegre</i> <i>Fábrica da Finicisa</i> <i>Fábrica de Lanifícios</i> <i>Bairro da Boavista</i> <i>A.C.M.</i> <i>Hospital Distrital de Portalegre</i> <i>Centro Cultural da Serra</i>

*Fonte: Arquivo da S.D. de “O Semeador”*

Foram várias as modalidades praticadas pelas equipas e organizaram-se vários torneios como se pode verificar nos Quadros XIII e XIV:

**Quadro XIII**

	<i>Secção Desportiva de “O Semeador”-G.T.A.C.</i>
<i>Ano</i>	<i>Provas Desportivas do III Aniversário de “O Semeador”</i>
<i>1978</i>	<i>I Torneio de Damas</i>
<i>1978</i>	<i>I Torneio de Ténis de Mesa</i>
<i>1978</i>	<i>Corrida do Semeador-Volta à cidade</i>
<i>1978</i>	<i>Jogos de Futebol entre o Semeador-Estrela e Desportivo</i>
<i>1978</i>	<i>II Torneio Amador de Futebol de 11- 14 equipas</i>

*Fonte: Arquivo da S.D. de “O Semeador”*

#### Quadro XIV

	<i>Secção Desportiva de "O Semeador"-G.T.A.C.</i>
<i>Ano</i>	<i>Provas Desportivas de "O Semeador"</i>
<i>1979</i>	<i>II Torneio de Damas</i>
<i>1979</i>	<i>II Torneio de Ténis de Mesa</i>
<i>1979</i>	<i>I Torneio de Futebol de 5</i>
<i>1979</i>	<i>I Torneio de Xadrez</i>

*Fonte: Arquivo da S.D. de "O Semeador"*

### 1.6 Secção de Informação

Nas edições referenciadas no quadro XV coexistem a criatividade e as manifestações mais espontâneas da vida social mas também a dimensão política e os processos de massificação.

O número de edições que contemplam espaços de educação não formal e informal desempenham um papel dinamizador de animação cultural e social, capaz de transformar situações sociais quotidianas, em processos educativos.

Conciliar o individual com o colectivo é uma das formas do desenvolvimento local e cultural e para isso contribuem também as associações, como refere Domingos Bucho:

*"Acho que contribuiu para o desenvolvimento cultural. Tivemos uma oferta cultural que a cidade não tinha se não fôssemos nós.*

*Vieram cá através do Semeador e oferecemos isso à cidade nomes como Armindo Neves, a Brigada Victor Jara, os Cantadores do Redondo, Carlos Zíngaro, Vitorino, Sérgio Godinho, Carlos do Carmo e outros.*

*Houve realizações espantosas para as crianças, feiras do livro, festas da criança, concursos, desporto e nunca se tinha ouvido falar disso. Foi uma pedrada no charco de forma amadora pela oferta que se fez e pela própria formação para os animadores culturais que partiam do zero".D.B.*

Desde o ano de 1975 a 1979 a Secção de Informação fez várias edições de onde sobressai o Boletim “O Semeador” como se pode verificar pelo quadro seguinte:  
(anexo 11)

### **Quadro XV**

<b>Secção de Informação de “O Semeador”-G.T.A.C.</b>	
<b>Ano</b>	<b>Edições</b>
1975	<i>Edição de textos sobre organizações populares de base</i>
1975	<i>Edição do Boletim nº1 e nº2 “O Semeador”</i>
1976	<i>Edição de “Propostas concretas para uma Revolução Cultural”</i>
1976	<i>Edição do Boletim nº 3 e 4 “O Semeador”</i>
1976	<i>Edição da peça “Barco parado não faz viagem”</i>
1976	<i>Edição de um autocolante</i>
1976	<i>Edição do Livro de Leitura - Alfabetização</i>
1976	<i>Edição de Apontamentos de História - Alfabetização</i>
1976	<i>Edição do Livro de Matemática - Alfabetização</i>
1976	<i>Edição de 30 Fichas de Alfabetização</i>
1977	<i>Edição do Boletim nº 5 “O Semeador”</i>
1977	<i>Edição de um autocolante sobre a Dinamização do Teatro Infantil</i>
1977	<i>Edição de um pequeno folheto com a biografia de Emílio Costa</i>
1977	<i>Edição de um cartaz sobre a I Grande Festa da Criança</i>
1977	<i>Edição do Boletim nº 6 “O Semeador”-Especial</i>
1977	<i>Constituição de uma pequena Biblioteca com 200 volumes</i>
1977	<i>Montagem de uma pequena Banca de Livros Permanente</i>
1978	<i>Edição de um Cartaz sobre o I Concurso de Canto Popular</i>
1978	<i>Edição de um autocolante sobre o III Aniversário de “O Semeador”</i>
1978	<i>Edição do Boletim nº7 “O Semeador”-Especial</i>
1978	<i>Edição da Declaração Universal do Direitos da Criança</i>
1979	<i>Edição do Opúsculo sobre os Pintores de Portalegre – autoria de Feliciano Falcão</i>
1979	<i>Edição de um Folheto Biográfico sobre o Poeta José Duro</i>
1979	<i>Edição dos Boletins Informativos números 8, 9, e 10</i>
1979	<i>Edição de um novo autocolante e do emblema do Semeador</i>

**Fonte: Arquivo da S.I. de “O Semeador”**



## **1.7 Secção de Iniciativas culturais**

Esta secção é organizada segundo “*O Semeador*” para concretizar as iniciativas culturais de forma autónoma das outras secções:

*“A execução das grandes realizações culturais que O Semeador pretende tradicionalizar – Grande Festa da Criança, Jogos Florais, e Festa de Aniversário – bem como a realização de outras, as mais variadas, que têm vindo a surgir, exigiu uma decisão a nível organizativo, a formação de uma secção somente virada para estas iniciativas”.*

O Relatório acima referido lembra algumas das iniciativas culturais realizadas neste período:

*“...as iniciativas foram, todas elas, dignas de mérito. Lembramos a II Grande Festa da Criança – com o maior e o melhor espectáculo para crianças jamais realizado em Portalegre; o colóquio no Salão Nobre da Câmara Municipal sobre a vida e a obra do poeta José Duro; a Exposição de Teatros e Pintura Infantil...”.*

## **1.8 O 5º Aniversário**

No 5º Aniversário de “*O Semeador*” foi lançado um Boletim de Informações que privilegia um objectivo:

*“Fazer com que as mais amplas camadas da população abandonem o papel de consumidores passivos da cultura, assumindo o lugar de sujeito da criação, recriação e fiel depositário da mesma.”*

*“Daí que, o imediatismo dos nossos primeiros tempos de acção se tenham transformado progressivamente em coerência com o objectivo do meio, com os meios de acção utilizados, com o tipo de linguagem (comunicação) e sobretudo com a antevisão duma caminhada longa e paciente.”*

## 1.9 Biblioteca de “O Semeador”

Em Portugal, antes do 25 de Abril de 1974, a informação e as formas de expressão cultural eram controladas. Fazia-se uma censura prévia que abrangia a imprensa, o cinema, o teatro, as artes plásticas, a música e a escrita. Não havia liberdade.

A hipótese de determinados escritos não passarem na censura condicionava a actividade dos escritores, cujas obras poderiam até ser apreendidas.

Ao longo da história portuguesa foram muitas as formas de perseguição a intelectuais. A prisão e a morte foram também frequentemente o castigo de quem ousava expressar aquilo que pensava, contrariando o discurso oficial do Estado.

Com Salazar e o “lápiz azul”, a Censura carimbava *cortado* quando os cortes eram integrais, carimbava *autorizado com cortes* quando eram parciais e punha o carimbo de *suspenso* nos casos em que era requerida decisão superior.

O Quadro XVI apresenta alguns dos livros que podem documentar a liberdade de expressão que foi, sem dúvida, uma das conquistas do 25 de Abril de 1974.

**Quadro XVI**

<i>nº</i>	<i>título</i>	<i>autor</i>	<i>editor</i>	<i>data entrada</i>
67	O 25 de Abril e o problema da independência nacional	António Borges Coelho	Seara Nova-75	1975
68	O capital monopolista conspira assim	Colectivo (CUF)	Seara Nova-77	1977
69	O Sindicalismo do Funcionalismo Público na 1ª República	Beatriz Ruivo e Eugénio Leitão	Seara Nova-77	1977
70	Os Sindicatos operários e a República burguesa	David de Carvalho	Seara Nova-77	1977
71	Quatro anos de deportação	Mário Castelhana	Seara Nova-75	1977
72	O 1º Congresso do PCP	César Oliveira	Seara Nova-75	1977
73	Para a história do Sindicalismo em Portugal	Alexandre Vieira	Seara Nova-74	1977
74	O operariado e a República Democrática	César Oliveira	Seara Nova-74	1977
75	Subsídios para a história do movimento sindical rural no Alto Alentejo (1910-1914)	António Ventura	Seara Nova-76	1977

*Arquivo da Biblioteca de “O Semeador”*

O livro é fundamental para a estruturação da identidade de um povo pois preserva a sua memória e ajuda ao desenvolvimento cultural do país.

Assim o entendeu “ O Semeador”, pois através da análise dos livros que foram catalogados na sua Biblioteca, entre os anos de 1974 e 1977, pode-se constatar que vários títulos eram censurados pelo antigo regime. (anexo 12)

## **2. Síntese das Actividades de dez anos de “O Semeador” – 1975/1985**

No Boletim nº 1 é lançado um desafio pelo G.T.A.C. a toda a população de Portalegre:

*“Escusado será dizer que o G.T.A.C. está aberto a todos aqueles que, de crianças a pessoas idosas, com a sua força e iniciativa, queiram dar os contributos a uma tarefa que é de todos nós: a Revolução Cultural. O 25 de Abril abriu em nós horizontes que ignorávamos, que queremos agora penetrar, mas que nos obriga a dar a todos um passo em frente”.*

Passados dez anos o apelo e o pedido para ressurgir deram origem a uma multiplicidade de formas de intervenção como se verifica pelo Quadro XVII:

### **Quadro XVII**

- |   |
|---|
| <ul style="list-style-type: none"><li>- Alfabetizámos centenas de pessoas</li><li>- Fundámos uma Escola de Música</li><li>- Erguemos uma Companhia de Teatro Profissional</li><li>- A nossa actividade editorial ajuda a (Re) Descobrir Portalegre</li><li>- Fundámos “O Semeador – Grupo de Cantares de Portalegre”</li><li>- Realizámos, convosco, centenas de iniciativas culturais, artísticas e desportivas.</li></ul> |
|---|

*Síntese de dez anos de actividade de “O Semeador”*

No Quadro XVIII resumem-se os princípios e as actividades de 10 anos de “O Semeador”.

Os princípios foram desde sempre explícitos e sempre ditos com firmeza:

*“ Não é novidade para ninguém dizer que a promoção cultural do nosso Povo é uma das tarefas prioritárias da nossa Revolução. De facto, a maioria das pessoas, depois de longos anos de opressão a todos os níveis, foram*

*apanhadas de surpresa pelo 25 de Abril, que abriu o caminho à luta de emancipação das classes trabalhadoras”.*

As actividades que se resumem dão corpo aos projectos e intenções:

*“ O trabalho de reconstrução do nosso país terá de ser feito em todas as frentes”.*

### Quadro XVIII

<b>Princípios</b>	Nos primeiros tempos foi uma mistura imberbe de cultura e revolucionarismo à Che Guevara...tudo era heróico, dramático, importantíssimo. Esperança no retorno do homem a si mesmo, à sua “humanitas”.
<b>Alfabetização</b>	Foi o Semeador que introduziu o Método Paulo Freire a nível distrital. Que o defendeu, que o aplicou... Foi através da nossa Associação e em conjunto com o Grupo de Alfabetização de Almada que se iniciou uma informação contínua de monitores. Monitores, animadores, amadores, militantes, a ensinar “o fonema do amor e da alegria”, um pouco por todo o distrito, mas sobretudo em Portalegre (Atalaião, São Bartolomeu, Vila Nova, Cidade Velha). Realizámos o levantamento das palavras geradoras, editámos fichas, manuais de leitura, livros de aritmética e até uma História. Que atrevimento!
<b>Música</b>	No ensino e animação musical cabe-nos o mérito de termos fundado a primeira Escola de Música da cidade utilizando meios pedagógico-didáticos modernos e actualizados. Foi implementado o Método Orff a que se seguiria mais tarde o ensino dos instrumentos clássicos – piano, órgão, viola, flauta, acordeão. A mais recente criação do Semeador – O Grupo de Cantares de Portalegre.
<b>Teatro</b>	Aqui, a ousadia atingiria as raías da loucura. Do teatrinho de amadores dava-se o salto mortal mais arriscado de sempre para uma companhia de teatro profissional.
<b>Desporto</b>	Campeonatos até nacionais de xadrez, damas, futebol...campeonatos de tudo.
<b>Edições</b>	Boletins, (Re) Descobrir Portalegre...homenagens, centenários de nascimento...
<b>Cinema</b>	Inúmeras projecções de filmes...Chaplin...
<b>Espectáculos</b>	Festas da Criança, Feiras do Livro, Jogos Forais...
<b>Biblioteca</b>	Promoção e venda de bons livros.

*Síntese de dez anos de actividade de “O Semeador” - Princípios e actividades*

O quadro XIX resume a dimensão do prestígio e reconhecimento pelo trabalho desenvolvido pelo “O Semeador”, tanto por entidades como por escolas e particulares. Um dos objectivos de “O Semeador”era:

*“E só assim ergueremos a nossa bandeira, que tem a razão de séculos de humilhação humana e que flutuará no vento de uma nova História”.*

## Quadro XIX

<b><i>Presidente da Câmara Municipal de Portalegre</i></b> <b><i>Rui Guerreiro M. Simplicio</i></b>	É com satisfação que nos associamos à comemoração do X Aniversário desse agrupamento que, com tanta dedicação, tem desenvolvido um trabalho a todos os níveis merecedor do nosso respeito e apreço...continuem a desenvolver o vosso trabalho que tanto tem contribuído para o desenvolvimento cultural do nosso concelho.
<b><i>Grupo Folclórico e Cultural da Boavista</i></b>	Estamos felizes porque um GRUPO que, com garra e muita audácia luta por um ideal de cultura aberto a todos, pode olhar para o caminho já percorrido e dizer CUMPRIMOS!... no domínio da cultura popular aquele que mais nos atrai e onde também procuramos dar o nosso contributo, acção de pesquisa e de divulgação da música e cantares da nossa região prestigia o Semeador.
<b><i>Delegado Distrital da D.G.D.</i></b> <b><i>Sérgio Vasco Dias Luz</i></b>	Pela relevância que lhe é reconhecida e pela objectiva importância que se reveste para a população, o Grupo O Semeador afirma-se hoje, um pólo cultural, de indiscutível interesse nos aspectos sociais e humanos.
<b><i>Comissão Regional de Turismo de S. Mamede</i></b> <b><i>O Presidente – João Barreto</i></b>	A primeira ideia que nos ocorre é a do elevado nível cultural das vossas realizações e do maior e melhor apoio que o v. grupo merecia dos portalegrenses genuínos. Por mais intimamente termos colaborado e convivido, devemos destacar as actuações do vosso grupo de cantares que por variadas vezes e em diversos locais fizeram prova do elevado nível da Cultura Popular do norte-alentejano.
<b><i>Pelo Grupo Pró Portalegre</i></b> <b><i>Manuel Sardinha</i></b>	Pensamos que O Semeador é um grupo meritório na animação cultural da Cidade, preenchendo um lugar muito importante. Damos o nosso maior incentivo para a continuação do v/trabalho, a bem de Portalegre.
<b><i>Jornal “Fonte Nova”</i></b>	Associamo-nos com júbilo às comemorações do 10 aniversário de “O Semeador”, prestando desse modo a homenagem devida a quem, como esse grupo cultural lutou pela cultura da nossa região. Grupo saído da revolução de Abril, desenvolveu intensa actividade, por áreas tão diferentes como o teatro, a alfabetização, a música, ou as iniciativas editoriais.
<b><i>Escola Secundária Mouzinho da Silveira</i></b> <b><i>O Presidente do Conselho Directivo</i></b>	Nos dez anos da vossa existência, esta Escola salienta a disponibilidade e apoio de “O Semeador” em várias actividades culturais aqui realizadas. Ao mesmo tempo, realça o esforço feito por essa associação no sentido de valorizar culturalmente a cidade.
<b><i>Organizações Hoteleiras - Fernando Barata</i></b> <b><i>O Director de Relações Públicas</i></b> <b><i>Carlos Ganho</i></b>	Tivemos o gosto de acolher o vosso grupo e de ouvi-lo no nosso Hotel Sol e Serra em Castelo de Vide, por ocasião de visitas turístico-promocionais, primeiro de um grupo de agentes de viagens e jornalistas da Estremadura espanhola e, depois, de associados do centro Nacional de Cultura, de Lisboa. A disposição e o desinteresse com que se dispuseram a colaborar e a alegria, o aprumo e o nível então patenteado transformaram-nos – a mim e aos outros responsáveis pelo Hotel, bem como aos visitantes referidos – de simples espectadores em agradados “companheiros de convivência”.

***Síntese de dez anos de actividade de “O Semeador” - Resumo da correspondência***

## Conclusão

O desafio de conhecer a história de “O Semeador” surge porque se entende que é uma forma de evitar que muito do que se fez se perca definitivamente. O desafio passa, também, pelo interesse em conhecer os modelos e formas de intervenção que incentivaram a participação de múltiplos intervenientes e de estruturas sociais, no período após o 25 de Abril de 1974, em Portalegre.

A maneira de pensar, o modo como se está na vida perante os fenómenos da natureza, da política e da sociedade, as técnicas e as gramáticas que se escolhem para transmitir a autenticidade dos sentimentos determina, em parte, o resultado final.

Este resultado, no que diz respeito ao “Semeador” está escrito nos documentos e na herança que deixou.

O Editorial do Boletim nº 1 do G.T.A.C. é elucidativo relativamente ao que pretende:

*“Há cerca de um mês, um grupo de pessoas, reunido informalmente, tentou repensar o processo de desenvolvimento cultural da nossa região. Assim nasceu o G.T.A.C.*

*Não é novidade para ninguém dizer que a promoção cultural do nosso Povo é uma das tarefas prioritárias da nossa Revolução. De facto, a maior parte das nossas pessoas, depois de longos anos de opressão a todos os níveis, foram apanhadas de surpresa pelo 25 de Abril, que abriu o caminho à luta de emancipação das classes trabalhadoras”.*

Muito pouco se pode saber do que terá ficado nas pessoas e contribuído para manter vivo e acutilante o seu sentido crítico, a disponibilidade solidária, o gosto pela criação, pela comunicação, pelo associativismo cultural.

O conteúdo, através dos enfoques analíticos, de alguns tópicos que atravessaram a pesquisa e dos problemas concretos abordados, permite focar de perto as acções dos sujeitos. O processo procura identificar núcleos e competências fundamentais, transversais aos vários contextos da vida social e cultural.

Entende-se, neste contexto, cultura como a noção que permite densificar e fundar uma identidade pessoal, social, nacional e até étnica, por influência do poderoso

movimento político do 25 de Abril de 1974, que remete para a essência do carácter humano da existência.

O processo de transformação social que suscitou pode-se considerar uma forma alternativa de comprometer as pessoas na vontade de uma mudança social e cultural. O processo de criação e participação da própria comunidade entende-se, como um protagonismo real dos sujeitos e grupos valorizando o património herdado e os recursos locais.

O processo produtivo relativo à dinâmica da formação e à acção sociocultural, dada a natureza sociológica da associação, é marcado por um quadro social e político de novas liberdades e conquistas após um longo regime de ditadura. A associação exerce a sua actividade procurando dar resposta a problemas relacionados com a identidade cultural, a integração social e a participação comunitária.

É criada a associação “*O Semeador*” – *G.T.A.C.*, definem-se os estatutos e no sentido da construção de uma identidade colectiva escolhem-se os dirigentes associativos. A transmissão dos seus ideais define-se através de vários campos de intervenção: Teatro, Música, Cinema, Realizações Exteriores, Desporto, Informação e Iniciativas Culturais.

A Secção de Música, que no início deu problemas económicos, para além da formação musical e aprendizagem de vários instrumentos deixou uma herança que ainda hoje é reconhecida a nível local, regional e até internacional.

Em 1983 o Grupo de Cantares de Portalegre – “*O Semeador*” surgiu da associação com o mesmo nome. A música tradicional da região, que consideravam esquecida, foi o desafio que se propuseram, indo recolhê-la junto das fontes ainda vivas, mantendo, segundo o grupo, a sua autenticidade e beleza. Nos anos seguintes e até hoje a pesquisa continuou em todo o norte alentejano.

É um grupo ainda hoje fiel às suas origens na música, as saias, género de cantiga ou moda das festas e bailes do Alto Alentejo, os descantes de casamento, os cânticos de Natal e os trajes dos ganhões e trabalhadoras de há mais de sessenta anos.

A Secção de Teatro que começou, de forma amadora mas corajosa, com o Teatro de “*O Semeador*”, apresentou em várias localidades os seus espectáculos e deu origem à Companhia de Teatro de Portalegre, hoje, profissional, **Ao Princípio, era...**, segundo o livro de José Mascarenhas e Carlos do Rosário (1999):

*“... o G.T.A.C. – Grupo de Trabalho e Acção Cultural, em 1975: a Dulce, e o Carrapiço, o Matela, o Domingos Bucha, ... Faziam teatro de amadores, alfabetização de adultos, dinamização cultural...”*

*Passaram-se anos e, até 1979, outros se foram juntando ao então já denominado O Semeador – G.T.A.C.: o Mário Ceia, o António Ventura, a Domingas Valente e o Amândio Valente, o Correia, o Cunhal de Almeida, o Labareda, o Amândio José, ...*

*A partir de 1979 outros ainda se lhes juntaram também, actores profissionais, por cuja vinda surge, posteriormente o Teatro d’O Semeador – Associação de Animação Cultural e Produção Teatral: o Francisco Ceia, o Manuel João Borges e, finalmente, eu próprio”.*

Esta pesquisa, estudo de caso, sobre “O Semeador”, tenta ajudar a recriar e transmitir o reportório afectivo, social, cognitivo e até moral da comunidade.

As representações sociais dão significado ao conceito de educação na medida em que respondem a experiências dos sujeitos e das sociedades, isto é, a um perfil humano e a um projecto de sociedade.

“O Semeador”, através da alfabetização, assume o compromisso de dotar as pessoas dos conhecimentos e das capacidades para o seu desenvolvimento individual e não se esquece de promover a sua adaptação à comunidade. Valoriza as experiências quotidianas e aposta nas autobiografias, apesar de não estarem previstas, nem planificadas num cenário institucionalizado.



## **BIBLIOGRAFIA**

- A, M.** (1975). "Revolução Cultural. Do exercício da alienação para o exercício da liberdade". Revista *O Professor*, 8.
- Amaro, R. R.** (1983). "As Novas Oportunidades do Desenvolvimento Local". A *Rede*, nº 8.
- Amiguiinho, A.** (1992). *Viver a Formação, Construir a Mudança*. Lisboa: Educa.
- Amiguiinho, A.** (2005). "Educação em meio rural e desenvolvimento local". *Revista Portuguesa de Educação*, 18 (2).
- Ávila, P.** (2008). *A Literacia dos Adultos*. Lisboa: Celta Editora.
- Bento, A.** (2003) *Teatro e Animação - outros percursos do desenvolvimento sócio-cultural no Alto Alentejo*. Lisboa: Edições Colibri.
- Canário, R.** (1999). (Org.). *Educação Popular e Movimentos Sociais*. Lisboa: Col. Ciências da Educação, Educa.
- Canário, R.** (1999). "Educação de Adultos – Um campo e uma problemática". Lisboa: Educa.
- Canário, R.** (2000). *Educação de Adultos. Um Campo e Uma Problemática*. Lisboa: Educa - Formação.
- Cavaco, C. J. M.** (2001). *Processo de Formação de Adultos não Escolarizados*. Lisboa: Área de Formação de Adultos / Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa (texto policopiado).
- Delors, J. et al.** (1996). *Educação: um Tesouro a Descobrir, Relatório para a UNESCO. Comissão Internacional sobre Educação para o Século XXI*. Paris: Edição da UNESCO.
- Faure, E.** (Coord). (1981). *Aprender a Ser*. Lisboa: Livraria Bertrand, 3ª edição.
- Finger, M.** (2005). e **Nóvoa, A.** in Rui Canário e Belmiro Cabrito (Orgs.) *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa: EDUCA.
- Freire, P.** (2008). *Pedagogia do Oprimido*. São Paulo: Paz e Terra. 47ª edição.
- Guia para o Associativismo.** (2001). Lisboa: IDS.
- Guimarães, P. e Sancho, A.V.** (2001). "A participação nas associações: Novos desafios à educação de adultos". In: **Simões, A. et al** *Modelos e Práticas em Educação de Adultos, Actas das II Jornadas*. Coimbra: Ediliber Editora de Publicações e Fundação Calouste Gulbenkian.

- Lima, António Pedroso** (2003). *Grandes Famílias, Grandes Empresas*. Lisboa: Publicações D. Quixote.
- Lima, L.** (1988). "A reorganização e a administração da educação de adultos nos trabalhos da reforma educativa". *Revista Portuguesa de Educação*, nº 3.
- Lima, L.** (2005). "A educação de adultos em Portugal (1974-2004). Entre as lógicas da educação popular e da gestão dos recursos humanos". in Rui Canário e Belmiro Cabrito (Orgs.) *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa: EDUCA.
- Lima, L. C.** (1986). *Associações para o Desenvolvimento no Alto Minho*. Viana do Castelo: Centro Cultural do Alto Minho.
- Macedo, H. V. de** (1955). *Actas das Comissões centrais da campanha nacional de educação de adultos*. Lisboa: Campanha Nacional de Educação de Adultos.
- Malheiro, J.** (1996). *Associativismo Popular Originalidade do Povo Português*. Almada. Câmara Municipal de Almada.
- Maroy, C.** (1997). "A análise quantitativa de entrevistas". In: **Albarelo, L. et al.** (1997). *Métodos de Investigação em Ciências Sociais*. Lisboa: Gradiva Publicações.
- Melo A. e Benavente A.** (1978). *Educação Popular em Portugal (1974-1976)*. Lisboa: Livros Horizonte.
- Mogarro, M. J. & Pintassilgo, J.** (2009). *Educação, cidadania e alfabetização em contexto revolucionário (Portugal, 1974-76)*. Lisboa: Porto Editora.
- Monteiro, A. A.** (2004). "Renunciar à autonomia ou ao movimento associativo numa encruzilhada: o exemplo das iniciativas de desenvolvimento local (IDL'S) em Portugal". *Revista Critica de Ciências Sociais*, Coimbra, (69), Outubro.
- Nóvoa, A. e Finger M.** (org.).(1998). *O Método (Auto) Biográfico e a formação*. Lisboa: Ministério da Saúde.
- Nóvoa A. e Rodrigues, C.** (2005). in Rui Canário e Belmiro Cabrito (Orgs.) *Educação e Formação de Adultos. Mutações e Convergências*. Lisboa: EDUCA.
- Pain, A.** (1991). *L'Éducation Informelle. Les Effects Formateurs dans le Quotidien*". Paris: L'Harmattan.
- Proença, M. C.** (2002). *A República e a Educação*, in *A Crise do Sistema Liberal e a Implantação da República*. Moita: Câmara Municipal.

**Rodrigues, E.** “História do Movimento Anarquista em Portugal”. in *Arquivo de História Social*, [www. galen.hispavista.com](http://www.galen.hispavista.com).

**Rodrigues, F.S.A.** (2002). *O projecto educativo local do concelho da Golegã (1993-1999)*. Dissertação apresentada para obtenção do Grau de Mestre em Ciências da Educação – Área de Formação de Adultos. Faculdade de Psicologia e Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

**Schmucler, H.** (1987). *Comunicación y cultura*. Lima: IPAL.

**Silva, A. S.** (1990). *Educação de Adultos – Educação para o Desenvolvimento*. Rio Tinto: Edições Asa.

**Vala, J.** (1986). “A Análise de Conteúdo”. In Augusto Santos Silva & José Madureira Pinto, (orgs.). *Metodologia das Ciências Sociais*. Porto: Afrontamento.

**Valente, J. C.** (1999). *Estado Novo e Alegria no Trabalho – Uma História Política da F.N.A.T. – 1935-1958*. Lisboa: Edições Colibri – INATEL.

# **ANEXOS**

## **Entrevista**

### **GUIÃO DE ENTREVISTA**

- 1. Como era a dinâmica social e política em Portalegre a seguir ao 25 de Abril de 1974?**
- 2. Porquê e como surgiu “O Semeador-G.T.A.C.”?**
- 3. Qual o impacto que teve na época?**
- 4. Como era a relação com as entidades locais e nacionais?**
- 5. Houve grande investimento na alfabetização e educação de adultos. Porquê?**
- 6. “O Semeador”-GTAC tinha várias secções. Houve alguma que se destacasse?**
- 7. O Semeador” contribuiu para o desenvolvimento local?**
- 8. Qual a herança que deixou?**
- 9. “O Semeador” porquê?**

## ENTREVISTA

---

**Professor Doutor Domingos Bucho**

---

**1. Como era a dinâmica social e política em Portalegre a seguir ao 25 de Abril de 1974?**

**R:** Era uma revolução, a cidade fervilhava, toda a juventude era revolucionária se fosse menos revolucionária era revisionista. Éramos todos muito *assanhados* em termos políticos. Eu pertencia a um grupo de estudantes do Liceu que antes do 25 de Abril trabalhávamos na Rabeca e fazíamos alguma acção subversiva.

**2. Porquê e como surgiu “O Semeador-G.T.A.C.”?**

**R:** “O Semeador” – GTAC, Grupo de Trabalho e Acção Cultural, nasce com alguns desses estudantes e de uma decisão política do movimento de esquerda socialista. Convidaram-me para a criação de um grupo de acção cultural em 1975 com uma concepção de utilizar a cultura para fazer política, um dos objectivos ou bandeiras do GTAC era a revolução cultural como parte integrante da revolução socialista.

“O Semeador”- GTAC começou no FAOJ que tinha as suas instalações administrativas, a Casa da Cultura e tinha um espaço no 3º andar que o Presidente do FAOJ e o Director da Casa da Cultura nos cederam.

Mais tarde ocupámos o Convento de Stª Clara, estava devoluto, ocupámo-lo com a Comissão de Moradores da Boavista, a seguir veio o Atelier de Artes Plásticas que veio dar origem à Revista “A Cidade”, o Clube de Xadrez, o Grupo José Duro e vieram vários grupos. Depois de 1985 houve uma reabilitação de todo o Convento para Biblioteca Municipal.

“O Semeador” antes de ser uma associação onde a cultura se desenvolvia em variadíssimas vertentes foi um grupo de acção cultural que tinha como objectivo participar em lutas no campo, na reforma agrária, nas fábricas, através do teatro de mensagem política, música de intervenção e um pouco mais tarde através da alfabetização.

“O Semeador” surge como uma nova concepção de trabalhar na cultura, já não era uma brigada cultural revolucionária, era uma associação e eu sempre tive desde o GTAC essa concepção. Sempre contrariei aquela forma muito vanguardista de fazer política. Sempre entendi que numa cidade como Portalegre onde não havia nada, isto é, havia a tradicional banda de música e o grupo de teatro do Atalaião, era necessária uma associação com espírito novo com uma atitude moderna para desenvolver a cultura. Eu achava que a cultura, ela própria, era revolucionária e não devia estar agarrada à política. Fui eu que torci para que houvesse a transformação de um grupo de uma brigada revolucionária para uma associação onde as diversas formas artísticas e culturais pudessem nascer e desenvolver-se.

Partimos do nada em tudo ainda no GTAC. Nenhum de nós sabia fazer teatro, nenhum de nós sabia música, nenhum de nós tinha alfabetizado e muito menos tinha feito edições de trabalhos. No caso da alfabetização nós fizemos livros de leitura e de matemática, reescrevemos a história de Portugal, tudo do zero e como éramos todos muito novos tínhamos muitas ilusões em relação à vida e à própria revolução.

Num espaço curtíssimo de tempo, durante dez anos, fizeram-se coisas loucas, vivíamos para aquilo. O nosso ordenado, os que tinham ordenado, responsabilizavam-se, os seus salários estavam completamente empenhados, vivíamos mobilizados para aquilo. Lembro-me que tomámos a decisão de convidar actores de teatro para vir para o nosso grupo amador para tentar progressivamente transformá-lo numa companhia de teatro.

As nossas vidas, os próprios móveis, as cadeiras, os cortinados eram das nossas casas, estávamos nós e os nossos pertences. Os estatutos eram mais políticos, havia democracia interna com assembleias e era tudo muito votado.

### **3. Qual o impacto que teve na época?**



**R:** Não sei avaliar. No 1º aniversário fizemos um espectáculo com o Carlos do Carmo que levou quinze contos. Apesar da generosidade do grupo de Cantadores do Redondo, do Janita, do Vitorino, da Banda de Tolosa, um espectáculo que começava à tarde e acabava à noite apareceu pouca gente. As pessoas em Portalegre não corresponderam.

Em relação à alfabetização sei que tivemos cerca de 250 pessoas em 10 anos.

As festas da criança foram absolutamente extraordinárias trouxemos o José Barata Moura que dormia em casa de um colega, comia na minha casa e não vinha por dinheiro. Ele tinha um prestígio enorme junto do público infantil e arrastava multidões de crianças.

Fizemos duas festas da criança com feiras do livro infantil. Era muito difícil de fazer mas tínhamos um lema, o trabalho vence o capital, os problemas económicos resolvem-se com o trabalho.

Os problemas económicos não eram bem encarados por alguns membros da direcção que chegavam a abandonar a direcção porque não se queriam comprometer pois estavam a prever uma falência na associação.

A Escola de Música! As coisas que nós fizemos! Era preciso comprar um piano, comprar xilofones, metalofones e flautas que custavam muito dinheiro e não o tínhamos mas não se ficava a dever nada a ninguém pois através do pagamento dos alunos lá se conseguia pagar a prestação.

A 1ª Escola de Música no distrito, para além das bandas que são escolas por natureza, foi em Alegrete pelo Dr. Parente Pacheco. Nós fomos a 2ª pelo método Orff e tínhamos muitos alunos, a Câmara fez a 3ª.

Nós éramos muito conotados com a esquerda, as coisas agudizavam-se em termos políticos e as pessoas não correspondiam e tinham medo de ir mas havia iniciativas que tinham enorme adesão.

O Ventura era e é um historiador e assinalava as efemérides na revista “Re Descobrir Portalegre” editaram-se colecções e trabalhos sobre Emílio Costa, um grande anarquista portalegrense, sobre Victor Sá, professor universitário e do próprio Ventura para além de outros.

Editávamos para além dos Boletins Informativos outras edições como a declaração universal dos direitos da criança.

As actividades eram diversas, eram exigidas especialidades e nenhum de nós era especialista. Eu fazia o arranjo das músicas para o Grupo de Cantares sem saber quase nada de música mas isso não nos coíbia de avançar.

O 1º álbum do Grupo de Cantares do Semeador foi feito com recolhas que fiz e escrevi as músicas a partir das gravações.

Lembro-me que o Mário Barradas veio cá, viu a 2ª peça montada “As espingardas da mãe Carrar”, a 1ª foi “O Ensaio“ de Almaz, reuniu connosco nas nossas instalações do Faoj e ficou admiradíssimo como é que nós tínhamos partido do nada e tínhamos mostrado aquilo. Perguntou quem nos tinha orientado e nós dissemos que éramos nós que fazíamos tudo.

Os cenários, do ponto de vista técnico, eram uns painéis de latex montados numas molduras de madeira que tinham umas dobradiças. Funcionavam como um biombo articulado e assim mantínhamos os cenários em pé e era tudo inventado por nós.

Nem sempre funcionava, lembro-me que na Casa do Povo dos Fortios o chão era de argamassa de cimento e ligeiramente inclinado, o actual vice-presidente do Tribunal Europeu fazia de padre e quando entra em cena caiu-lhe tudo em cima e toda a gente fugiu mas depois correu bem.

#### **4. Como era a relação com as entidades locais e nacionais?**

**R:** Eram tensas, as relações eram sempre tensas, a vida era politizada, nós éramos uns gaiatos esquerdistas mas o Faoj e a Câmara davam-nos subsídios porque mostrávamos trabalho. O Presidente Soares da Câmara de Portalegre perguntava a todas as associações como queriam participar na comemoração das festas da cidade e todos contribuíam.

#### **5. Houve grande investimento na alfabetização e educação de adultos. Porquê?**

**R:** Era uma actividade que trazia muita gente porque havia muitos analfabetos. Nós conseguíamos dar resposta porque convidámos quatro professoras do

Ensino Primário, era assim que se chamavam, começámos a fazer alfabetização nos bairros e na sede e era outro tipo de participação.

A alfabetização começou no Bairro do Atalaião, S. Bartolomeu, Vila Nova, na Sede na Praça da República e depois no Convento de St<sup>a</sup> Clara. Por vezes pediam de outras localidades como se faziam as fichas de Paulo Freire e passávamos essa aprendizagem para outros.

De um Grupo de Almada, de alfabetização, veio um professor universitário, chamado Ernesto, que nos deu formação sobre o método Paulo Freire e nós passámos a outros.

**6. “O Semeador”-GTAC tinha várias secções. Houve alguma que se destacasse?**

**R:** Ao princípio eu era o Presidente e a minha vida era “O Semeador” embora trabalhasse mais na música e no teatro. Fui actor, recolhi músicas, cantei, fui encenador. O espírito era fazer tudo de *borla* e com subsídios e íamos pelo distrito representar.

Benavila, Avis são alguns dos sítios onde fomos representar ao frio e ao sol, carregar a camioneta, ir buscar os actores a casa, pedir aos pais para deixarem ir as meninas, fazer 70 Km, montar o cenário, muitas vezes improvisar pois o cenário não cabia no palco. Arrasado ia representar o papel principal e depois voltar a fazer tudo ao contrário até chegar a Portalegre.

A questão da música era difícil pois nós ensaiávamos numa sala e ouvíamos-nos todos uns aos outros. A 1<sup>a</sup> vez que tomei contacto com as questões técnicas foi em Avis pusemos a aparelhagem mas não havia som de retorno, a sala cheia e ia um num compasso e iam outros noutro e entrámos em pânico.

Havia no Grupo gente muito boa e de várias idades. O Sr. Manuel tocava bandolim, o Santinho tocava violino, o filho do Sardinha, o Fernando começou a tocar cavaquinho, os médicos do serviço à periferia e os professores pediam para cantar connosco. Havia o Desidério do O que também cantava connosco.

A biblioteca tinha livros que retratavam a época. Não havia hábitos de leitura mas havia empréstimos. Nessa altura não havia Biblioteca Municipal mas haviam as bibliotecas das Escolas.

Relativamente ao cinema passávamos vários filmes e alguns que eram proibidos antes do 25 de Abril. Tínhamos uma máquina de 36 mm, emprestada, nos nossos automóveis e passávamos filmes no Convento de Stª Clara e de terra em terra com debates a seguir.

Era um grupo coeso, quem trabalhava mais era eu, o Matela, o João Pires, a Domingas na alfabetização com o João Pires, o Valente no desporto com o Cid que era operário corticeiro. Eu e o Matela éramos pau para toda a colher, o Ventura era o mais intelectual e éramos o grupo duro.

Mais tarde a Fernanda era no Grupo de Cantares, o Joaquim Correia e o Victor Caldeira na Música, no Teatro a Dulce Carrapiço depois veio o Francisco Ceia, o Manuel João Borges e o Mascarenhas.

Existe uma acta em que eu e o Amândio nos responsabilizámos pela vinda deles e as quotas pagavam o vencimento e assim o teatro passou a empresa. Até escrevemos peças de teatro e contos!

Eu, o Matela e o João Pires estávamos em tudo. E depois havia secções com responsáveis e era mais ou menos:

Alfabetização – Domingas, Matela, João Pires, Arsénio, Vítor Caldeira.

Desporto – Valente e Cid.

Cultura e edições – Ventura.

Grupo de Cantares – Fernanda.

Música – Joaquim Correia.

Jornal – Benvindo Ceia.

Teatro – Dulce Carrapiço

## **7. “O Semeador” contribuiu para o desenvolvimento local?**

**R:** Acho que contribuiu para o desenvolvimento cultural. Tivemos uma oferta cultural que a cidade não tinha se não fôssemos nós.

Vieram cá através do Semeador e oferecemos isso à cidade nomes como Armindo Neves, a Brigada Victor Jara, os Cantadores do Redondo, Carlos Zíngaro, Vitorino, Sérgio Godinho, Carlos do Carmo e outros.

Houve realizações espantosas para as crianças, feiras do livro, festas da criança, concursos, desporto e nunca se tinha ouvido falar disso. Foi uma

pedrada no charco de forma amadora pela oferta que se fez e pela própria formação para os animadores culturais que partiam do zero.

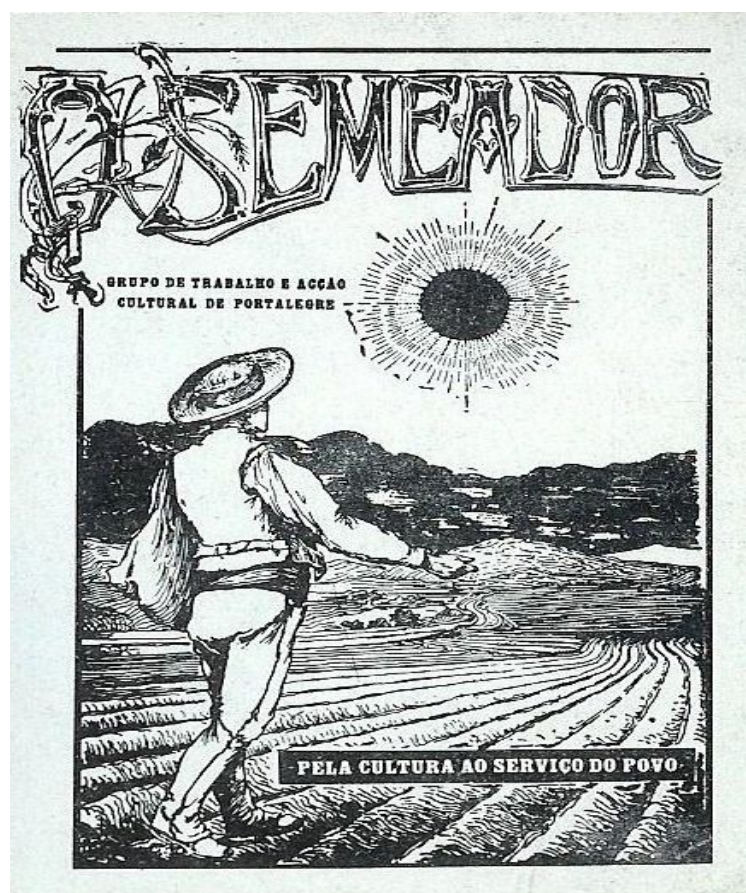
**8. Qual a herança que deixou?**

**R:** O grupo de Cantares “O Semeador” e o Teatro “O Semeador” hoje Teatro de Portalegre.

**9. “O Semeador” porquê?**

**R:** Partíamos do nada e a ideia era lançar sementes à terra. Foi o Ventura que propôs.

## ANEXO 1





## ANEXO 2

**O SEMEADOR**  
G. T. A. C.

Estrada do Bonfim, nº. 42  
7300 PORTALEGRE

### E S T A T U T O S

#### CAPÍTULO I

Denominação, constituição, sede e objectivos  
ARTIGO I

A Associação adopta a denominação de O SEMEADOR, GRUPO DE TRABALHO E ACÇÃO CULTURAL, usando a abreviatura "O SEMEADOR - G.T.A.C.

A Associação foi fundada em 23 de Junho de 1975 e rege-se pelos presentes Estatutos e durará por tempo indeterminado. Extinguir-se-á em Assembleia Geral e pela vontade de 75% dos sócios.

#### ARTIGO II

A sede sita na Rua de Elvas, Convento de Santa Clara, Freguesia da Sé, concelho e Distrito de Portalegre.

#### ARTIGO III

O Semeador, G.T.A.C., tem por objectivos sociais:

- a)-Contribuir para o desenvolvimento cultural da comunidade;
- b)-Proceder à recolha e divulgação da tradição cultural da Região;
- c)-Publicar e apoiar a edição de obras que considere importantes para a Região;
- d)-Promover projectos de animação cultural na comunidade;
- e)-Liderar e associar-se a manifestações culturais da Região;
- f)-Promover o intercâmbio cultural;
- g)-Assumir identidade cultural que a caracterize como embaixadora da Região;
- h)-Participar activamente no desenvolvimento integrado da Região.

#### CAPÍTULO II

#### ARTIGO IV

A ASSOCIAÇÃO é constituída por:

- a)-Sócio contribuinte;
- b)-Sócios participantes;
- c)-Sócios honorários;
- d)-Sócios de mérito;

#### ARTIGO V

São sócios contribuintes as pessoas admitidas para sócios e que paguem uma quota

#### ARTIGO VI

São sócios participantes as pessoas que voluntariamente desenvolvem trabalho na Associação Cultural de acordo com os objectivos a que esta se propõe (referidos no artigo III).

#### ARTIGO VII

São sócios honorários as pessoas que sendo sócias da Associação Cultural nela desenvolveram um trabalho digno de honorabilidade.

#### ARTIGO VIII

São sócios de mérito as pessoas ou associações que pelo trabalho desenvolvido na Associação Cultural sejam dignas deste grau de distinção.

#### CAPÍTULO III

Direitos e deveres dos sócios

#### ARTIGO IX

São direitos dos sócios da Associação Cultural:

- a)-Ter acesso a todos os recursos disponibilizados pela Associação;
- b)-Tomar parte das Assembleias Gerais, eleger e ser eleito;
- c)-Requerer convocação de Assembleias Gerais Extraordinárias;
- d)-Propor aos órgãos sociais a excansão da área de intervenção da Associação, de acordo com o estipulado no artigo III.

#### ARTIGO X

São deveres dos sócios da Associação Cultural:

- a)-Exercer gratuitamente os cargos directivos para que sejam
- b)-Tomar parte das reuniões e Assembleias Gerais para que sejam convocados;
- c)-Participar de forma activa nas iniciativas da Associação;
- d)-Preservar o Património da Associação;
- e)-Contribuir para a boa imagem e bom nome da Associação;
- f)-Respeitar e acatar as decisões dos órgãos sociais.

CAPÍTULO IV

ORGÃOS SOCIAIS

ARTIGO XI

Constituem os órgãos sociais da Associação:

- a)-Assembleia Geral
- b)-Direcção
- c)-Conselho Fiscal

ARTIGO XII

A Assembleia geral é a reunião de todos os sócios na plenitude dos seus direitos.

ARTIGO XIII

A Assembleia Geral será orientada por uma mesa composta por um Presidente, um Vice-Presidente e um Secretário.

ARTIGO XIV

A Direcção é o órgão gestor de toda a actividade da Associação e é constituída por um Presidente, um Vice-Presidente, um Secretário, um Tesoureiro e por um número de vogais não superior a 3.

ARTIGO XV

A Direcção é solidariamente responsável pelos actos da sua gestão e reunirá sempre tendo em conta a actividade da Associação.

ARTIGO XVI

O Conselho Fiscal é o órgão fiscalizador e é constituído por um Presidente, um Secretário e um Relator.

ARTIGO XVII

Os órgãos sociais são eleitos em Assembleia Geral por um período de três anos

ARTIGO XVIII

Das reuniões dos órgãos sociais, serão lavradas as respectivas actas.

ARTIGO XIX

As competências dos órgãos sociais e seus membros são definidas no regulamento interno.

CAPÍTULO V

Receitas e Despesas

ARTIGO XX

São receitas da Associação as quotizações, subsídios, donativos e o resultado das iniciativas próprias

ARTIGO XXI

São despesas da Associação os encargos da manutenção da sede e inerentes ao desenvolvimento das suas actividades

CAPÍTULO VI

Disposições Gerais

ARTIGO XXII

Por proposta e deliberação da Direcção e Assembleia Geral, a Assembleia Geral, a Associação pode associar-se em associações ou federações de âmbito Nacional ou Internacional.

ARTIGO XXIII

Constitui património da Associação todos os recursos materiais e humanos que dela fazem parte.

ARTIGO XXIV

É símbolo da Associação o desenho da estátua do Semeador sito na Rua de Elvas na cidade de Portalegre.



---

ARTIGO XXV

O regulamento interno será elaborado pela Direcção de acordo com os presentes Estatutos e da legislayão em vigor.

ARTIGO XXVI

Os casos omissos neste Estatuto serão resolvidos pela Direcção de acordo com os presentes estatutos e a lei em vigor.

ARTIGO XXVII

Os presentes estatutos aprovados em Assembleia Geral, entram imediatamente em vigor.

## ANEXO 3

11

Nº.8 - JANEIRO 1979

O SEMEADOR

---

**ASSEMBLEIA GERAL ORD. 15/12/78**

Foram eleitos os novos Corpos Gerentes do "Semeador" para o mandato do ano de 1979.

**ASSEMBLEIA GERAL**

Presidente: Feliciano Falcão - médico analista  
Vice-Presidente: João Matela - estudante universitário  
Secretário: Domingas Valente - professora primária

**DIRECÇÃO**

Presidente: João Pires - empregado de escritório  
Vice-Presidente: José Cid - operário corticeiro  
Tesoureiro: Joaquim Henriques - professor  
Secretário: Victor Pires - empregado de escritório

**VOGAIS:**

Domingos Bucho - professor  
Amândio Valente - funcionário público  
Marina Bastos - médica  
José Manuel Falcão - empregado bancário  
Mário Ceia - professor  
Francisco Simão - professor primário

**CONSELHO FISCAL**

Presidente: João Cunhal de Almeida - funcionário público  
Relator: Domingos Fernandes - operário corticeiro  
Secretário: Paulina Santos - assistente social

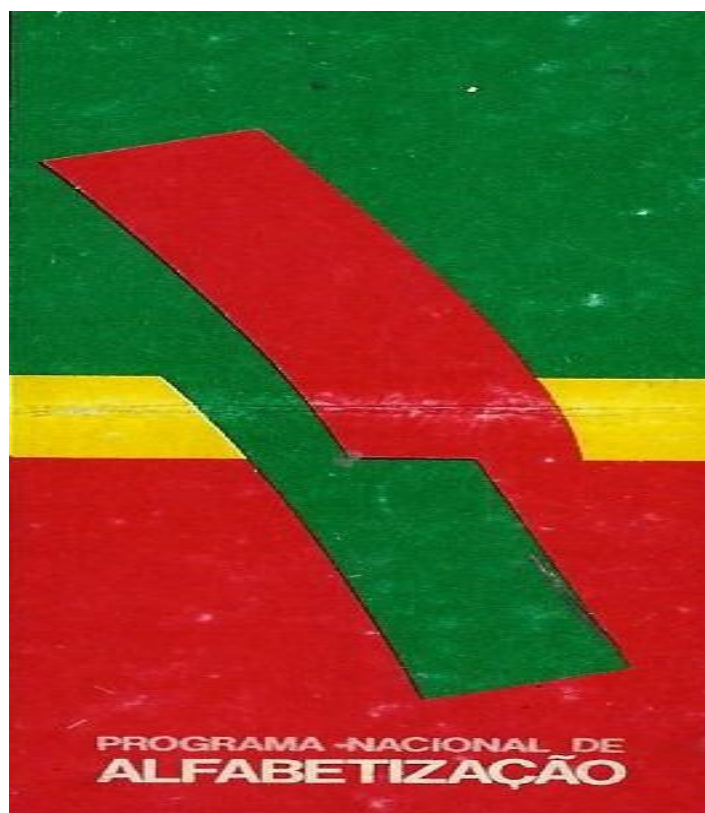
Nesta assembleia - razoavelmente concorrida - merece destaque o Relatório de Actividades da Direcção cessante, que constituiu uma análise fria e exaustiva do trabalho desenvolvido, com a respectiva sistematização da experiência acumulada nos vários sectores de actividade. Dada a importância daquele documento aconselhamos a sua leitura e análise a todos os sócios e só não o publicamos neste boletim, em virtude da sua relativa extensão.

...

**lê, analisa, critica o relatório de actividades!**

11

## ANEXO 4



***O SEMEADOR***

---

ALFABETIZAÇÃO

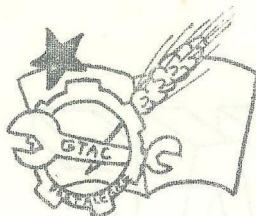
ESTÃO ABERTAS AS INSCRIÇÕES  
PARA ALFABETIZAÇÃO NO  
" SEMEADOR "

*Até dia 28-10* *Inscribe-te*

Cograpor, L.da - Portalegre, 9 - 986 - 100 ex.



## ANEXO 4/a



**GTAC**

GRUPO DE TRABALHO E AÇÃO CULTURAL

Praça da República, 17 3º

PORTALEGRE

### COMUNICADO À POPULAÇÃO

Dentre as actividades culturais que o GTAC vem desenvolvendo desde há um ano a esta parte, conta-se a de ALFABETIZAÇÃO. Ela foi iniciada em Março, nos bairros do Atalaído e de São Bartolomeu, com cerca de 40 alfabetizandos, estando, os grupos formados, prestes a acabar os programas estabelecidos. Explicando melhor: nos cursos de alfabetização já todos os alfabetizandos sabem ler e escrever; nos cursos de 4ª classe, um dos grupos já fez exame oficial, tendo ficado 9 alunos aprovados, dos 11 que constituíam o grupo.

Torna-se necessário, portanto, planificar as próximas campanhas, agora com a experiência do ano anterior, para que no dia 1 de Outubro se lhes dê início com a maior segurança possível.

Para já, algumas idéias nestras aprovadas na última Assembleia do GTAC sobre o lançamento das próximas campanhas de alfabetização:

1 - Formar-se-ão 3 zonas onde serão dadas as aulas:

ATALAÍDO - Centro Vermo

SÃO BARTOLOMEU - Centro Cultural

SEDE DO GTAC, na Praça da República 17 3º - Portalegre

- 2 - Prioridade para os analfabetos na formação dos grupos.
- 3 - Introdução da aritmética elementar na programa de alfabetização.
- 4 - Formação de grupos para tirar a 4ª classe ou o Ciclo Preparatório, caso seja possível este trabalho para além da alfabetização propriamente dita.
- 5 - Horários propostos: 2ª - 4ª - 6ª ou 3ª-5ª-sábados das 20.30h às 22.30h

Anexa a este comunicado segue uma ficha de inscrição que, depois de preenchida, poderá ser entregue através das seguintes vias:

- Através dos elementos do GTAC a prestar serviço no ATALAÍDO ou em SÃO BARTOLOMEU.
- Envio através do correio para: GTAC Praça da República, 17 3º Portalegre.

Como a nova campanha de alfabetização terá início no dia 1 de Outubro, agradecemos que as fichas de inscrição fossem entregues até 5 de Setembro.

Colocando-nos novamente ao serviço do povo da nossa cidade, agradecemos também que a população colabore connosco, ajudando-nos a cumprir um dever numa obra de emancipação que é de todos.

PELA CULTURA AO SERVIÇO DO POVO!

NOTA: É TUDO GRATUITO. TUDO!

ANEXO 4/b



GTAC

Secção de Alfabetização

FICHA DE INSCRIÇÃO

NOME: Apeliano do C. P. Fernandes IDADE: 40

MORADA: Travessa do Ferreiro nº 6 Petrópolis

CURSO EM QUE SE INSCREVE (ALFABETIZAÇÃO, 4ª CLASSE OU CICLO PREPARATÓRIO): Alfabetização

HORÁRIO PREFERIDO: 8ª - 4ª - 6ª

PROFISSÃO: Secretário de Carteira no Sindicato

SABE LER? Sim SABE ESCREVER? Sim

OBSERVAÇÕES:

Apeliano Fernandes → 4ª classe.  
v.m. Trai



## ANEXO 4/c

### G.T.A.C. - Grupo de Alfabetização

Reunião

7-1-76

Nesta reunião ficou decidido:

- 1º- Para melhor organização do grupo foram formadas as seguintes secções: secção de Secretaria, Correspondência e Finanças onde ficaram os seguintes elementos - Maria Manuel e São; Secção de Contactos com os elementos - Manuela Tavares Albertina e Mota.
- 2º- Os elementos pertencentes ao Grupo de Alfabetização são elementos do G.T.A.C., isto é, aceitaram os seus Estatutos.
- 3º- Aprovou-se que todas as terças-feiras pelas 17H30 este grupo reunirá.
- 4º- Para que o método Paulo Freire seja divulgado em todo o grupo, haverá um seminário nos dias 19,20,21,22,23 de Janeiro deste ano, a começar às 20H30 e a acabar às 22H30. Entretanto quatro elementos deste grupo (Albertina, Mota, Serra no e São) reunir-se-ão nos dias 17 e 18 de Janeiro deste ano das 9H às 12H e das 15H às 18H para preparação do Seminário.
- 5º- O grupo de contactos ficou responsável de comunicar com a Comissão de Moradores no dia 9-1-76 para a cedência da sala
- 6º- O Mota encarregou-se de para a próxima semana trazer uma lista do material didáctico que lhe for possível obter para que o restante seja mencionado no orçamento feito pelo grupo para apresentação no F.A.O.J..

## ANEXO 4/d

### REUNIÃO 15.3.76 de Alfabetização

Os Alfabetizadores do Atalaia trocaram impressões com os elementos que vão alfabetizar em S. Bartolomeu sobre:

- o método a seguir
- como interessar as pessoas
- como agir para ~~se~~ uma boa aceitação por parte das pessoas
- outros problemas

Discutiu-se o método do f. P. L. A. É muito mais objectivo, mais fácil. E ensina logo quatro tipos de letra simultaneamente. No entanto talvez não seja o melhor para S. Bartolomeu, dadas as condições do bairro.

É necessário, primeiro que tudo conhecer bem as pessoas e a sua mentalidade. Só após isto se deve escolher o método a seguir no bairro.

Sobre o problema psicológico falou a Isabel. Conhecendo as condições do bairro (zona anti-comunista devido à influência da conferência).

Decidiu-se pois falar com extremo cuidado, de modo a não afastar as pessoas.

Foi proposto que no primeiro dia se contactaria com as pessoas de modo a captá-las.

Relativamente aos caciques, decidiu-se tentar captar as pessoas para melhor nos defendermos desses senhores.

Abundagem de temas - o importante é que sejam as pessoas a falar e não nós, para que não pensem que nos estamos a impor.

Na 1.ª aula, não deve ser só diálogo, apresentar pelo menos uma família, para que as pessoas não comecem a pensar que é só conversa.

Na 1.ª aula haverá uma conversa introdutória.

O método a utilizar, decidiu-se o do Paulo Freire. Ver se as pessoas estão todas no mesmo nível. Se tal não acontecer pensar-se para outros grupos de modo a não criar complexos entre os que sabem mais e os que sabem menos.



## ANEXO 4/e

### S. Bartolomeu (Aspecto sociológico de zona)

→ Na zona de S. Bartolomeu, há uns anos atrás existiam (existem) pessoas que se dedicam essencialmente à agricultura - pequenos agricultores.

Existia <sup>um</sup> bairro de lata por detrás do cemitério e através das Conferências de São Vicente Paulo e da Câmara Municipal construíram-se casas em São Bartolomeu para albergar essas pessoas.

→ Presentemente no Bairro de S. Bartolomeu existem:

- pequenos agricultores (agora já minoria)
- pessoas dos Bairros de Câmara e Conferência de S. Vicente Paulo.

#### ↳ CARACTERÍSTICAS:

operários, reformados, desempregados, trabalhadores da Construção Civil e minérios.

→ Este bairro está muito ligado à Conferência de São Vicente Paulo consequentemente Ideologia Cristã - "caridadezinha".

↳ O carácter assistencialista que este tipo de pessoas efectua leva nos moradores deste bairro uma mentalidade de comodismo e dependência e amorfismo.

As pessoas não estão nada motivadas para um trabalho feito por elas próprias e por isso a perder todas as suas potencialidades e iniciativas.



## ANEXO 4/f



## ANEXO 5

Portalegre 15 de Outubro de 1986

### Autobiografia

Nasci no dia 9 de Outubro de 1986  
numa povoação chamada Uva que pertence  
ao concelho de Portalegre.

Nos meus tempos de menina eu ajudava a  
minha mãe e o meu pai no campo.

Depois cresci mais mas ainda continuava a  
ajudar os meus pais.

Amos mais tarde conheci um rapaz com quem  
andei a namorar e a ano mais tarde casei e  
tive 3 filhos muito bonitos e que mais tarde  
me deram netos muito bonitos e estudiosos.

Mãe: Maria Carvalho Branquinho Bello

Portalegre, 15 Outubro de 1986

## Autobiografia

Nasci no dia 28 de Julho de 1934

em Portalegre, não fui para a escola, gosto de aprender a ler para escrever ao meu marido e há minha mãe e josto de tratar da minha casa.

Sou alentejana gosto de alenteja.

A Cidade onde nasci pertence ao Alto Alentejo. Sou casada.

Comecei a trabalhar aos 7 anos.

Arminda da Conceição Machado

Portalegre, 13 de Outubro de 1986

Autobiografia

Casei no dia 17 de Fevereiro de 1959. Fui Servente de pedreiro e hoje sou caveiro no cemitério municipal de Portalegre. Trabalho 9 horas por dia e quarenta e cinco horas por semana. Sou solteiro. Vivo no sítio de São Martinho da freguesia da Verra, Distrito de Portalegre. Alto adentejo. Português.

Abelino Vitoriano Batista Paulino



## ANEXO 6

# QUER FAZER

Inscrições e informações:

<b>TEATRO D'O SEMEADOR</b> convento sta clara rua de elvas	das 14,30 às 16 e das 21,30 às 23
---	---

# TEATRO

HOJE HÁ TEATRO INFANTIL



O ESPANTALHO FARRUNCHA

AS 16h NO CENTRO  
DO ATALAIA

PELO GTAC - GRUPO DE TRABALHO E ACÇÃO CULTURAL

ENTRADA: 1 AUTOCOLANTE

PORTALEGRE

# ELEFANTINHO

de Richard Demarcy



DANDIN.....Francisco Ceia  
ANGÉLICA.....Judite Raposo  
CLITANDRE.....Manuel João Borges  
CLAUDINA.....Adelina Ceia  
LUBIN.....Leonardo Canário  
SRA. de TOLO D'AVILA.....Amélia do Rosário  
SR. de TOLO D'AVILA.....Álvaro Reis Santinho  
COLIN.....Victor Pires

Encenação	Francisco Ceia
Dispositivo cénico	José Bessa
Figurinos	Manuel Costa Dias
Guarda-Roupa	Amélia Varejão
Iluminação	António Lopes
Elaboração do cenário	Mestre Azêdo

## JORGE DANDIN



DE molière

MARCO  
1980



## ANEXO 7

### "O SEMEADOR" – GRUPO DE CANTARES DE PORTALEGRE

O Grupo de Cantares de Portalegre é mais uma iniciativa da associação cultural "O Semeador" que vê agora concretizada uma velha aspiração: a constituição dum agrupamento que divulga, ao vivo, a música tradicional da nossa região.

Para tal, este grupo que hoje se estreia publicamente, tem por base um trabalho de recolha que se propõe ir ao fundo, e até ao fim, de tudo o que ainda nos resta em matéria de música, danças e cantares do concelho de Portalegre. Desse material de valor inestimável -- que está a ser publicado na revista "A Cidade" -- o Grupo de Cantares escolhe o seu repertório próprio e hoje apresenta-nos três "saías" de que publicamos as respectivas letras e músicas.

A direcção musical assenta num trabalho colectivo; o trabalho de recolha é da responsabilidade de um dos elementos do grupo: Domingos Bucho.

#### FICHA TÉCNICA

##### Instrumentos:

Manuel	– Bandonim
Álvaro Santinho	– Violino
Joaquim Correia	– Bandonim e Acordeão
João Banheiro	– Viola
Amândio Valente	– Bombo
Domingos Bucho	– Cavaquinho e Flauta
Fernando Pires	– Viola
Luis Pargana	– Viola
Fernando Sardinha	– Cavaquinho

##### Vozes:

Manuel Braga – solista  
 Fernanda Serineu – solista  
 Rosa Carichas / Filomena Correia / Ana Isabel Oleiro / Jesuína Raimundo / Maria do Patrocínio / Ângela Nunes / Cândida Salgado / José Tomás / Paula Magalhães / Ana Vicente / José Alfaia / Agostinho Alfaia / Eusébio Gonçalves / João Pargana.

#### SAIAS DE BARBACENA – ELVAS

Os teus olhos lindos olhos  
 Os teus olhos lindos são  
 Os teus olhos meu amor  
 Cativam meu coração

Fut-me à missa a S.<sup>ta</sup> Rita  
 Lá no adro fiz parada  
 Vi tanta cara bonita  
 Só a tua é que me agrada

Tuas mãos são brancas neves  
 Teus dedos lindas flores  
 Teus lábios cadeias de ouro  
 Laços de prender amores

(OS TEUS OLHOS LINDOS OLHOS)

#### SAIAS DE ALEGRETE – PORTALEGRE

Delicado é o ganhão  
 Que ao toucinho chama bóia  
 Ao pão de Deus marrocate  
 Às açadas calatróia

Alentejo Alentejo  
 Às costas te vou virando  
 Minha boca se vai rindo  
 Meus olhos vão-se chorando

Adeus amor adeus  
 Já não houve minha fala  
 Vou-te fazer uma ausência  
 Como o Pombo quando abala

(DELICADO É O GANHÃO)





## O SEMEADOR - Orfeão Infantil de Portalegre

- 1 — Composição Etária: A partir dos 4 anos.
- 2 — Ensaios: Sábados das 10 h. às 12 horas.
- 3 — Maestro: JOSÉ RAIMUNDO.
- 4 — Inscrições: do dia 12 de Setembro ao dia 10 de Outubro, no Convento de Santa Clara, das 18 h. às 19,30 h.
- 5 — Frequência: Gratuita.

*A Direcção*

INGRAPOL, Portalegre - 2.000 ex. 9-963

## GRUPO ORFF DO SEMEADOR

CORO E INSTRUMENTAL - ESC. de MÚSICA

TEATRO  
d'O SEMEADOR

JORGE DANDIN  
de Molière  
(última representação  
em PORTALEGRE)



V ANIVERSÁRIO  
O SEMEADOR - PORTALEGRE

SEXTA DIA 20 DE JUNHO 21.30H  
CONVENTO DE SANTA CLARA



# **O SEMEADOR**

---

## **Escola de Música**

---

*Estão abertas as inscrições para as*

### **CLASSES DE:**

#### **INSTRUMENTOS:**

**PIANO** — Professores — Isabel Machado  
José Raimundo  
**ACORDEÃO** — Professor — Joaquim Correia  
**ÓRGÃO** — Professor — Joaquim Correia  
**BANDOLIM** — Professores — Joaquim Correia  
Domingos Redondo  
**VIOLA** — Professores — Carlos Semedo  
Fernando Gordo

#### **GRUPOS:**

**ORFF** — Domingos Redondo  
**FLAUTAS** — José Raimundo  
**CORO INFANTIL / JUVENIL** — Joaquim Correia  
**INICIAÇÃO MUSICAL** — Carlos Carrajola  
**EDUCAÇÃO MUSICAL** — Domingos Redondo

---

**Até dia 3 / 10 / 86, na Sede do SEMEADOR**

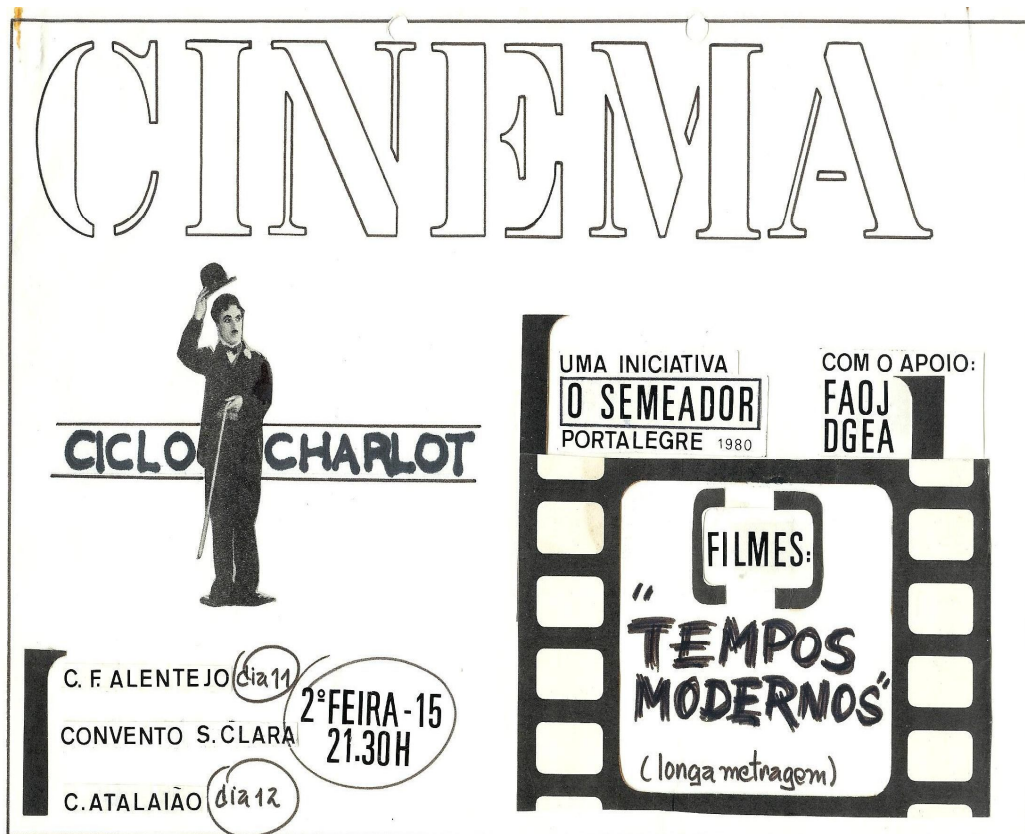
(Convento de Santa Clara — Rua de Elvas)

**das 18,00 às 19,00 horas**

**INSCREVE-TE JÁ**

Cograpor, L.da - Portalegre, 9 - 986 - 150 ex.

ANEXO 8



## ANEXO 9

**EM ABRIL**  
NO MUSEU MUNICIPAL, POR  
INICIATIVA DE  
**"O SEMEADOR"**

**EXPOSICÕES**

**DE TEXTOS  
E PINTURA INFAN-  
TIL: "OS DIREITOS DA  
CRIANÇA"**

**FILATÉLICA: A CRIANÇA, FLORES,  
ANIMAIS E CONQUISTADORES DA AMÉRICA**

VISTO  
Delegação da Inspeção dos  
Municípios de Portalegre  
em 5.5 JAN 1970  
Delegado

**GRUPO DE TRABALHO E AÇÃO CULTURAL  
GTAC  
PORTALEGRE**

O GTAC Promove:

**CONVÍVIO CULTURAL POPULAR**

DIA	LOCAL	PROGRAMA
6 21.15 HORAS	CRISE	Das 17h às 20h e durante o espectáculo - Exposição de material arqueológico pela Secção de Arqueologia do GTAC. 21.15h - Abertura pela Banda Euterpe.
SEXTA-FEIRA FEVEREIRO		22.45h - <b>INTERVALO</b> 23h - Alguns números pela Tuna da Sociedade Musical Euterpe. 23.20h - Rancho da BOAVISTA.



**SEMEADOR**  
GRUPO DE TRABALHO E ACCÃO CULTURAL  
PORTALEGRE

**CENTENÁRIO EMÍLIO COSTA**  
1877 - 1977

**Dia 26 de Novembro:**

**DAS 10H / 24H - Exposição** SOBRE A SUA VIDA E OBRA  
**PELAS 21.30H - Colóquio** "EMÍLIO COSTA E O MOVIMENTO SOCIAL PORTUGUÊS". COM A PRESENÇA DE **ANTÓNIO VENTURA E ALBERTO PEDROSO.** (NO CONVENTO DE S<sup>ta</sup> Clara - Rua d'Elvas)



**II Grande Festa da Criança**  
PROMOVIDA PELO SEMEADOR  
Com o apoio da FAOJ e C.M. Portalegre  
**DOMINGO, 18 DE FEVEREIRO DE 1979**  
Das **14 às 20 h.** no Ginásio da Escola Industrial

**PROGRAMA**

A's 14,00 h. — Abertura (Exposição de Textos e Pintura Infantil)  
« OS DIREITOS DA CRIANÇA »  
A's 14,30 h. — Cinema de Animação  
A's 15,00 h. — Palhaços — pela S. Teatro do Semeador  
A's 15,15 h. — Teatro — « HISTÓRIA DE UMA BONECA ABANDONADA »  
de ALFONSO SASTRE — pela S. Teatro do Semeador  
A's 15,45 h. — Grupo Orfeão de Alegrete

**INTERVALO**

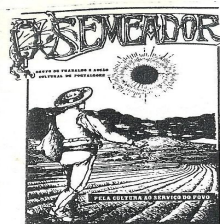
A's 16,30 h. — Orquestra Rainha Santa Isabel  
A's 17,00 h. — Palhaços  
A's 17,15 h. — Participação das Escolas Primárias com:  
Dramatizações, Poesia, Canções, etc. ...  
A's 18,15 h. — **JOSÉ BARATA MOURA**

**DE 1 A 31 DE MARÇO. NO MUSEU MUNICIPAL**  
— EXPOSIÇÃO DE TEXTOS E PINTURA INFANTIL — « OS DIREITOS DA CRIANÇA »  
— EXPOSIÇÃO FILATÉLICA

**VIVA O ANO INTERNACIONAL DA CRIANÇA!**

INGRAFOL Portalegre - 2.000 ex. - 2.979

## ANEXO 10



# TÊNIS DE MESA

## BOLETIM DE JOGO

EQUIPAS: Semeador B - Atalaia B

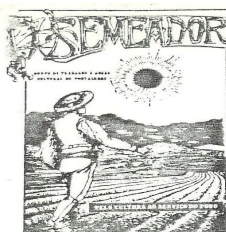
NOMES					NOMES				
A	Rui Rosado	/	/	0	X	Paulo Mendes	/	/	2
B	Luís Mendes	21	21	2	Y	Miguel Faria	13	15	0
C	João Dias	18	21	2	Z	Carlos Ferreira	21	15	16
B	Luís Mendes	21	22	2	X	Paulo Mendes	17	20	0
A	Rui Rosado	/	/	0	Z	Carlos Ferreira	/	/	2
C	João Dias	16	15	0	Y	Miguel Faria	21	21	2
B	Luís Mendes	21	21	2	Z	Carlos Ferreira	9	17	0
C	João Dias	21	21	2	X	Paulo Mendes	13	11	0
A	Rui Rosado	/	/	0	Y	Miguel Faria	/	/	2

CAPITÃO

Resultado: 5/4

CAPITÃO

*Paulo Mendes*



# O Semeador G.T.A.C.

## XIV ANIVERSÁRIO

### Torneios Desportivos

♦ Ténis de Mesa EQUIPAS (4 a 6 Elementos)

♦ Xadrez EQUIPAS (4 a 6 Elementos)

♦ Damas INDIVIDUAL

### → TAÇAS E MEDALHAS

PARA OS 1.ºS CLASSIFICADOS

→ INSCRIÇÕES NO

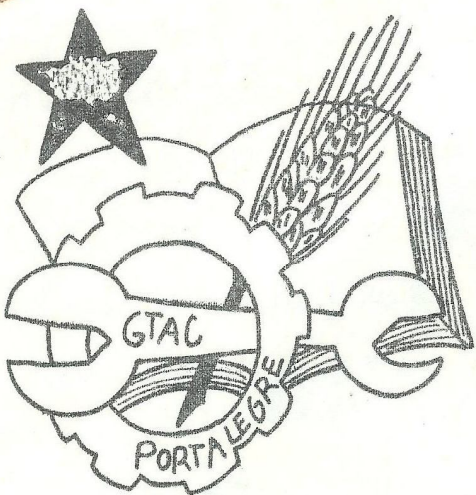
O SEMEADOR - G.A.T.C. e C. F. ALENTEJO

→ ATÉ DIA 10-6-1989

INSCREVE-TE JÁ

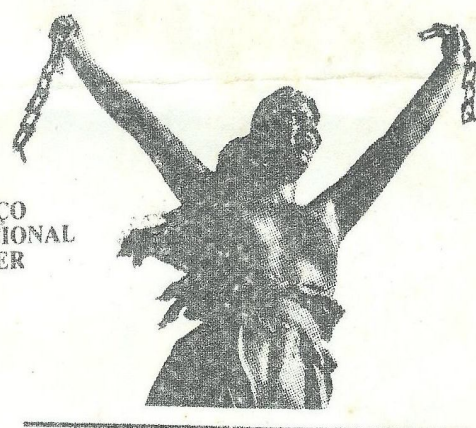


## ANEXO 11



MAR  
1976

8 DE MARÇO  
DIA INTERNACIONAL  
DA MULHER



NESTA EDIÇÃO

DIA INTERNACIONAL DA MULHER

ENTREVISTA CONCEDIDA PELA C. DE MORADORES DO B. DO ATALAÍO

DICIONÁRIO OPERÁRIO-CONTROLE OPERÁRIO

NOTICIÁRIO

PASSATEMPO

**boletim 4**

# O SEMEADOR

GRUPO DE TRABALHO E ACÇÃO CULTURAL — CONVENTO DE STA. CLARA — PORTALEGRE

## I Grande Festa da Criança

Este número de "O Semeador" é inteiramente dedicado à I Grande Festa da Criança que "O Semeador" - Grupo de Trabalho e Acção Cultural promove no dia 18 de Dezembro, no Ginásio da Escola Industrial.

Não é por acaso que ousamos promover uma festa com tal envergadura e alcance. Criámos já grandes responsabilidades para com o Povo da cidade, a través de uma acção cultural ao longo de mais de dois anos e meio de existência do nosso Grupo.

Actualmente, "O Semeador" tem em actividade plena várias secções com responsáveis próprios: Alfabetização, Teatro, Música, Desporto, Cinema, Biblioteca, Boletim Informativo.

Uma ideia nos move: a luta contra todas as formas de alienação cultural que invadem a cidade.

Na actividade do dia a dia verificámos que as crianças estão esquecidas, sobretudo os filhos dos trabalhadores. Há falta de creches, locais para as crianças brincarem, a educação e os divertimentos fora da escola não existem, os espectáculos infantis são raros.

Assim, era necessário continuar o trabalho de dinamização e animação das crianças iniciado há alguns meses com a Campanha de Dinamização do Teatro Infantil, para um trabalho que nos parece correcto e vai permitir lan-

especial

## BOLETIM 6

"O SEMEADOR"  
GRUPO DE TRABALHO E  
ACÇÃO CULTURAL - PORTALEGRE  
CONVENTO STA CLARA, RUA D'ELVAS

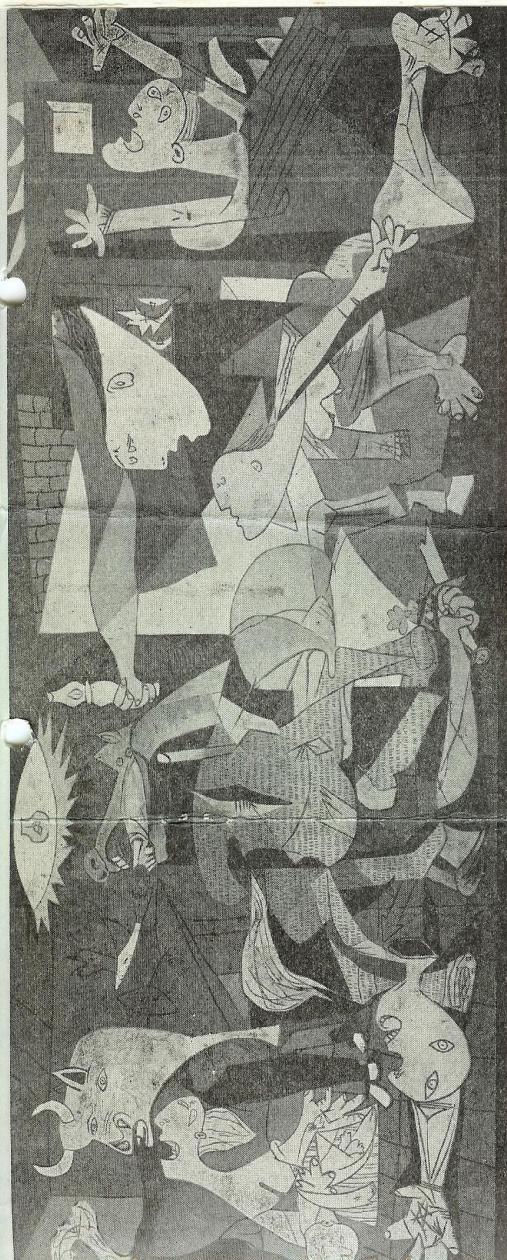
— o —  
DEZEMBRO 77





# O SEMEADOR

GRUPO DE TRABALHO E ACÇÃO CULTURAL-CONVENTO DE Sta. CLARA-PORTALEGRE



SOU UM HOMEM CULTO

Pego na enxada  
e rasgo a terra  
Sou um homem culto

Construo as casas  
os navios  
e os jardins  
Sou um homem culto

Coço o pão  
e tiro do mar  
o peixe que tu comes  
Sou um homem culto

Com o lápis digo:  
Não!  
Sou um homem culto

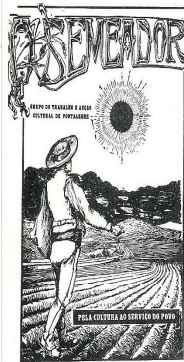
LER E ESCRIVER  
PARA ABRIL VENCER

G.T.A.A.

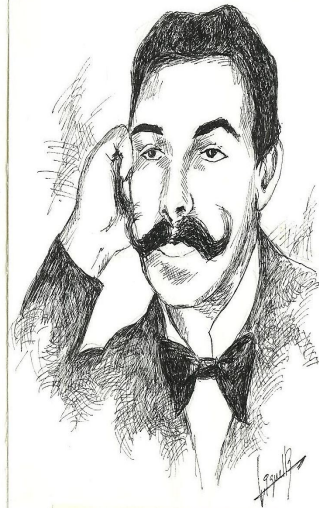
- 1 EDITORIAL
- 2 RELATÓRIO DE ACTIVIDADES 1975/78
- 3 NOTICIÁRIO DAS SECÇÕES
- 4 BENTO DE JESUS CARAÇA - "A Cultura Integral do Indivíduo"
- 5 EMÍLIO COSTA - Biografia



no 80º aniversário da  
morte de



iniciativa cultural



1899 - 1979

## JOSÉ DURO

### BIOGRAFIA

O "...mais sincero e o mais flagrante poeta da morte", como o classificou Irene Lisboa, nasceu em Portalegre a 22 de Outubro de 1875. Era pois mais novo 20 anos que Cesário Verde, e mais 12 que António Nobre.

Filho de Maria d'Assunção Cardozo e de pai incógnito, é registado com o nome de José António, acrescentado posteriormente com o apelido materno. No entanto, irá usar sempre o apelido, do suposto pai, o industrial de lanifícios José António Duro.

Em 1885 matriculou-se no Liceu local onde é condiscípulo de homens como Luís Gomes, Laureano Sardinha, José d'Andrade Sequeira, Francisco d'Andrade Sequeira, Jorge Frederico Velez Carroço entre outros. Findo o curso liceal, parte para o Porto e logo de seguida para Lisboa, onde pretendia frequentar a Escola Politécnica, nomeadamente as cadeiras de matemática, Desenho e Física. Mal sucedido nos estudos, regressa a Portalegre onde, ainda naquele ano, colabora no pequeno jornal manuscrito "A FAÍSCA", juntamente com o grande portalegrense que foi Emilio Costa.

Um soneto de sua autoria, nitidamente influenciado por Antero e intitulado "A Morte", é publicado num jornal local em Maio de 1896, ano em que sai o seu primeiro livro, "Flores", dedicado às irmãs e impresso na Tipografia Frago e Leonardo. Este trabalho foi recebido com pouco entusiasmo, valendo-lhe as palavras do então reitor do Liceu, o Dr. Adolfo Ernesto Mota, que incitou a continuar.

Em 1897 assenta praça no Regimento de Infantaria 22, sendo transferido a seu pedido para Infantaria 16, em Lisboa, certamente a fim de prosseguir os estudos. Na realidade, solicita o regresso na Politécnica, que de novo frequenta. Os últimos tempos da vida, já mortalmente minado pela tuberculose, vão ser dedicados à preparação do seu segundo livro, "Fel", que sairá no mês de Novembro de 1898.

A 18 de Janeiro de 1899, com apenas 24 anos de idade, morre José Duro, o "desgraçado poeta" no dizer de Luís Gomes.

Mau grado a homenagem que em 1944 lhe foi prestada por um grupo de estudantes e antigos companheiros de José Duro, traduzida na inauguração do banco e do medalhão no jardim da Corredoira, ele continua a ser um esquecido. "Não conheço de todos os esquecidos outro mais esquecido", como observou Mayer Garção, amigo do poeta.

Cumpra-nos a nós, hoje, 80 anos após a sua morte, recordá-lo e dar a conhecer a sua vida e obra.

## ANEXO 12

1

N.º	Título	Autores
1 X	Proposta Socialista para o Chile	Carlos Altamirano
2 X	Roteiro da Arte Portuguesa	<del>1911-1912</del>
3 X	As nossas estátuas e imagens	Marcelo de Moraes e Florindo de
4 X	8 fez-se Portugal...	António C.L. Silva
5 X	Em demanda do Grão-Cataio	Berxer d'Assumpção
6 X	Historiadores do Portugal antigo	Maria de Lúdis Belchior Peni
7 X	O Algarve	J. Mimos Barreto
8 X	Os Açores	José Augusto Bettencourt
9 X	A primeira volta ao mundo	Luigi Ugolini
10 X	História do papel	António Manuel da Cunha
11 X	Os troianos	H.E.L. Mollerish
12 X	Sobre as sociedades Capitalistas	Maurice Goddard
13 X	Doenças dos bichos	Megueria de Araújo
14 X	O homem e as coisas	Franisco Mateus
15 X	Na rota da Índia	Manuel Henriques Costa-Real
16 X	Os exploradores da Lua	Pedro de Sagunto
17 X	A viagem de Vasco de Gama	Blaine Samicau
18 X	Abelha e mel	Vasco Correia Paixão
19 X	Celulos	A. Jacinto Ferreira
20 X	O Poeta	José de Carvalho
21 X	Alenda a redigir	José H. Saraiva
22 X	Como se encadeiam Livros	Balthasar Cardoso Valente
23 X	Atéaves do Continente misterioso	Adolfo Lima Müller
24 X	Luzeiros no Rio	N. Dubou
25 X	A protecção da natureza	C.M. Barta Neves
26 X	Botânica na aldeia	Raul de Oliveira Feijão
27 X	A flora portuguesa	M. Gomes Guenais
28 X	Fernão Mendes Pinto	Mano Domingues
29 X	Móveis que foupam espaço	Ruy J. Gomes
30 X	Vamos construir móveis	Ruy J. Gomes
31 X	O mito do Paraíso	Alberto Martins
32 X	O desenho	Albertino Galvão Ross
33 X	O que é a T.S.F.	Manuel da Silva



1-a

nº de volumes	Editor	Data de entrada
1	Terceiro Mundo, SCL - 1977	5-Maio-82
1	M.E.N. - 1970	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1970	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1972	5-DUT-77
1	Auto - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1970	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1972	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	Edição Salinas - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	Simana Civilização - 1974	5-DUT-77
1	Seu Novo - 1976	5-Maio-82
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - s/d	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	D.B.E.P. - s/d	5-DUT-77
1	Simana Civilização - 1972	5-DUT-77
1	D.B.E.P. - 1964	5-DUT-77
1	Edição Restauração - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N.	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1969	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	Sim. Jovens Martinis - 1974	5-DUT-77
1	Calado Trindade - 77	5-Maio-82
1	M.E.N. - 1972	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	Simana Civilização - 1967	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1972	5-DUT-77
1	Seu Novo - 1977	5-Maio-82
1	M.E.N. - 1971	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1955	5-DUT-77

Nº	Ordem	Título	Autor
34	X	Gil Vicente	Mafalda Rosa Araújo
35	X	Camões	Henrique Barroso R.
36	X	Aventuras do Trineu-foltes	Adolfo Simões Müller
37	X	Vida do Santo Condestável	Henrique Barroso R.
38	X	Feinão Lopes	João Falcato
39	X	O mercado da aventura	Adolfo Simões Müller
40	X	A malafaca do moderno formai	António José da Costa
41	X	Mecanização agrícola da pequena exploração	José Cabrita Teixeira
42	X	A doença e os doentes	Celestino Gomes
43	X	A nossa amiga electricidade	Eduardo Jorge Rodrigues
44	X	Na aurora da nossa poesia	Estor de Lemos
45	X	Quem casa sua casa	Ruth San Payo
46	X	Bridados e rendas de Portugal	M.M. de S. Calves de Mag.
47	X	A urna	Manuel Martins da
48	X	Pureza e beleza do falar do povo	António Marques M.
49	X	Contos Populares	M. José S. Lote Gonçalves
50	X	A Casa de Bernarda Alba	Federico Garcia Po
51	X	Cantares de todo o ano	Júlio Evangelista
52	X	O sal	João Ferreira da L.
53	X	Conservas de Frutas e Hortaliças	Maria Emilia Abreu
54	X	Coacismos	Mário dos Santos L.
55	X	As vozes da orquestra	Carlos Edgard
56	X	A vida das plantas	Piquel Pereira Coutin
57	X	Transplante de Cabeça em Nova York	Apolo Silva
58	X	Florence Nightingale	Margaret Loughton
59	X	O tenis	Manuel da Fonseca V.
60	X	Bela - ar - cto	Mano de Lemos e J. Teot
61	X	Jogos tradicionais portugueses	Estêvão Silva e M.M. de
62	X	O rumo	José Lopes Marques
63	X	A ginástica em casa	Celestino Marques Pereira
64	X	Astronomia	Alvo de Sousa
65	X	Técnica do golpe de estado contrarrevolucionário	Nasos Domne
66	X	Contra o dogmatismo e o reformismo no movimento operário	V.I. Lenine



2-a

Nº de volume	Editor	Data de entrada
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	Liv. Javari Martins - 1970	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1969	5-DUT-77
1	Emp. Nacion. de Public. s/d	5-DUT-77
1	Liv. Javari Martins - 1971	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1970	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1966	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	P.E.A - 1973	5-DUT-82
1	M.E.N. - 1971	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1971	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	N. YORK - 1962	5-DUT-82
1	Liv. Javari Martins - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1973	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1967	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	M.E.N. - 1974	5-DUT-77
1	Platano s/d	5-DUT-77
1	Leira Nova - 1976	5-DUT-77
1	Leira Nova - 1976	5-DUT-77



Número Ordem	Título	Autor
67 X	O 25 de Abril e o problema da independência nacional	António Borges Colcho Círculo (CUF)
68 X	O capital monopolista conspira assim	
69 X	O sindicalismo do Funerário Público na I República	Beatriz Ruvo e Eugénio Lutas
70 X	O operariado operário e a República burguesa	David de Carvalho
71 X	Delúcio para um Povo	Peter Chester
72 X	Quatro anos de deportação	Nair Castelhano
73 X	O primeiro congresso do Partido Comunista Português	Pesca Oliveira
74 X	Para a história do sindicalismo em Portugal	Alexandre Vieira
75 X	O operariado e a República Democrática	Pesca Oliveira
76 X	Subsídios para a história do movimento sindical rural no Alto Alentejo (1910-14)	António Ventura
77 X	Escritos (1927-1930)	Pinto Gonçalves
78 X	A anarquismo	Costa Goodolphin
79 X	O sindicalismo no Alentejo: a tourme de pro paganda de 1912	António Ventura
80 X	Veios de Camões	Vitorino Nemésio
81 X	A evolução anarquista em Portugal	J. M. Gonçalves Viana
82 X	Herdeiros e continuadores do anarquismo	Pedro Barro
83 X	Marx - Engels	Jean Bruhat
84 X	Canadá	Honorável Guigau
85 X	O Reino de Alentejo Velho	Benedito Santarém
86 X	Vietnãise hoje (A guerra não terminou)	R. T. Mendo
87 X	Notas sobre a Questão de Tática	Raul Vella
88 X	Mulheres Portuguesas na Resistência	Rose Mary Nobre de Melo
89 X	A Haila	Romain Rolland
90 X	Os portos que Abril abriu	João Carlos Ay dos Santos
91 X	Manifesto Proletário em estudo em	João Daniel Abreu
92 X	Teatro	Juventude e Cultura
93 X	Vários Contos	Plácido Rosa Araújo
94 X	A memória de "Os Leuadas"	Nuno de Sampaio



3-a

N.º de Volume	Editor	Data de entrada
1	Leara Nova - 1975	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1977	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1977	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1977	5-DUT-1977
1	Editorial Pirena - 1977	5-Mai-82
1	Leara Nova - 1975	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1975	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1974	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1974	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1976	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1976	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1974	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1977	5-DUT-1977
1	H. E. N. - 1974	5-Mai-1982
1	Leara Nova - 1975	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1975	5-DUT-1977
1	Leara Nova - 1973	5-DUT-1977
1	C. H. S. - 1981	5-Mai-1982
1	C. de S. - 1977	5-Mai-1982
1	C. J. P. - 1982	5-Mai-1982
1	S. J. - 1977	5-Mai-1982
1	Leara Nova - 1975	5-DUT-1977
1	Divisor da B. - 1974	5-Mai-1982
1	Comunicação - 1975	5-DUT-1977
1	s/ed. - 1975	5-DUT-1977
1	F. Ap. - 1977	5-Mai-1982
1	F. O. - 1976	5-Mai-1982
1	s/ed. - 1972	10-DUT-1977



Número Ordem	Título	Autores
95 ✓	Os grandes romances portugueses	Maria Isabel de Paula Sarauva
96 X	Trinta anos de revolução portuguesa	Alvaro Salama
97 ✓	Contos para ler ao verão	M <sup>te</sup> Pláure A. Raposo Marques
98 X	Os buxadas de Camões contados às crianças e lembrados ao povo	João de Barros (adapt.)
99 X	Amor de Inês	Camilo Castelo Branco
100 X	O bem e o mal	Camilo Castelo Branco
101 X	A ilustre Casa de Ramires	Teó de Queiroz
102 X	A cidade e as serras	Teó de Queiroz
103 X	Viagens na minha terra	Alameda Garrett
104 X	Os fidalgos da casa prouçesa	Julio Dinis
105 X	As fúrias do senhor reitor	Julio Dinis
106 X	Os fidalgos da casa prouçesa	Julio Dinis
107 X	Uma família inglesa	Julio Dinis
108 X	A moçadinha dos camaráis	Julio Dinis
109 X	As fúrias do senhor reitor	Julio Dinis
110 X	Iniciação ao socialismo	Lucien Rieus
111 X	O Alentejo na Reforma Agrária	Alfonso Coutinho
112 X	Trabalho Assalariado e Capital	Karl Marx
113 X	Contos e Fábulas	Cristina Torres
114 X	Portugal, antes e depois do 25 de Novembro	Wilfred Buchett
115 X	Problemas da cultura em Cuba	Fidel Castro, outros
116 X	Pelo Lombo não vamos lá	Martinho Marques
117 X	Os trabalhadores e o luto-cris da Moura de terra	J. Gomes Bandeira e Luis Humberto
118 X	Combates pela democracia	Jose Tenganinha
119 X	Como fazer o controlo da produção	Carlos Pinheiro
120 X	Pensamento e acção	Paul Langarm
121 X	Amor e alergia - os trabalhadores em Cuba	Maria Moura Alves
122 X	O homem dominado	Albert Memmi
123 X	Guia de Recolha de Literatura Popular	H. Viegas Guerreiro
124 X	Que é a O.N.U.?	Noíonha Feio
125 X	Campanha	Cadernos da F.A.O.-y.
126 X	Iniciação ao jornalismo	Rui Castarana



4-a

n.º de vol.	Editor	Data de entrada
1	M.F.N. - 1969	10-DUT-77
1	M.E.S. - 1975	10-DUT-77
1	M.E.N. - 1971	10-DUT-77
1	Sa' da Costa - 1972	10-DUT-77
1	Ponto Editora - s/d.	10-DUT-77
1	Parcerias A.M. Pereira - 1971	10-DUT-77
1	Leivos do Brasil - s/d	10-DUT-77
2	Leivos do Brasil s/d.	10-DUT-77
1	Leiviana Figueirinhas - 1973	10-DUT-77
1	Leiviana Civilização - 1971	10-DUT-77
1	Leiviana Civilização - 1970	10-DUT-77
1	Leiviana Figueirinhas - 1972	10-DUT-77
1	Leiviana Figueirinhas - 1972	10-DUT-77
1	Leiviana Figueirinhas - 1972	10-DUT-77
1	Leiviana Figueirinhas - 1972	10-DUT-77
1	Círculo de Leitores - 1975	15-NOV-77
1	Diabril - 1975	15-NOV-77
1	Pedra Arante - 1975	15-NOV-77
1	Secretaria Estado Juventude Popul.	10-Mai-82
1	Leira Nova - 1976	15-NOV-77
1	Leira Nova - 1975	15-NOV-77
1	Glenns - 1976	10-Mai-82
1	Alfombramento - 1974	15-NOV-77
1	Leira Nova - 1976	15-NOV-77
1	Leira Nova - 1976	15-NOV-77
1	Leira Nova - 1974	15-NOV-77
1	Leira Nova - 1975	15-NOV-77
1	Leira Nova - 1975	15-NOV-77
1	Secretaria de Estado J. 1976	10-Mai-82
1	" " " " 1976	10-Mai-82
1	" " " " " 1976	10-Mai-82
1	Secretaria de Estado J. Desporto	10-Mai-82



Número Onde	Título	Autores
127 X	Algumas das falarnas	Paul Blund
128 X	Luzes no rio	N. Dubov
129 X	Andre'e a bola maravilhosa	C. Trindade
130 X	Viagem numa gota de água	Maria Alda Hogueira
131 X	Três histórias de flores no jardim da Catarina	Fernando Samuel
132 X	Eu e a lua	Yehia Saleh
133 X	O planeta	Yehia Saleh
134 X	Jeremias	Yehia Saleh
135 X	Férias 48	F.A.O. y.
136 X	A Cadeira da Verdade	Ramonda Curto
137 X	Esca Política	João Medina
138 X	Beato de Jesus Caraca	Alvaro Salama
139 X	A emigração portuguesa	Joel Serrão
140 X	Um girassol chamado Beatriz	Eduardo Olímpio
141 X	As crônicas de Fernão Lopes	António José Saraiva
142 X	As Aventuras de António Aleixo	João de Hóspede
143 X	Panorama do Cinema português	Luís de Pina
144 X	Esta ditosa pátria minha amada	Jacinto Ramos - Luz Tr
145 X	O Sebastianismo	—
146 X	Centros de Convívio (N:3)	Cadernos F.A.O.J.
147 X	Fantoches (N:7)	Cadernos F.A.O.J.
148 X	A linguagem cinematográfica (N:4)	João Vieira Marques
149 X	Cidades João de Barros (N:4)	Manuela de Azevedo
150 X	Etnologia (2) (N:6)	Jonás Ribas
151 X	Arqueologia (3) (N:7)	Geomara da Veiga Ferreira
152 X	Cooperativismo	Colaboração de: P.S., P.S.D., C.D.S., P.C.P. e Instituições
153 X	etnologia (1) (N:5)	Jonás Ribas
154 X	Regras do Ténis de Mesa	Secretaria de Estado da
155 X	O Gen. Sousa Dias e as Rev. contra a dit. 726-31	Oliveira Marques
156 X	Diário da guerra civil	Sa da Bandeira
157 X	História da Arquitetura (1)	Pedro Barbosa
158 X	musica formativa das l. infantil e juvenil	Ranúlio Breda Simões
159 X	Autopsia Poética	Elidio Sardoena



5-a

n.º de volumes	Editor	Data de entrada
1	Publicações Dom Quixote - 1977	12-JAN-78
2	Malho - 1977	12-JAN-78
2	Edição NeoTema - 1976	12-JAN-78
1	Malho - 1977	12-JAN-78
2	Edição NeoTema - 1976	12-JAN-78
1	Edição NeoTema - 1975	12-JAN-78
2	Edição NeoTema - 1975	12-JAN-78
2	Edição NeoTema - 1975	12-JAN-78
1	H. da Educação e Cultura	10-Maio-82
1	Leiriana Rodrigues	6-Fev.-78
1	Serra Nova	8-Maio-78
1	Divisão de Estudos e Doc.	10-Maio-82
1	Terros Horizonte	3-Abril-78
1	Prelo	3-Abril-78
1	Portugália Editora	3-Abril-78
1	Secretaria Estado e Desporto	10-Maio-82
1	Terra-Livre	3-Abril-78
1	Terra-Livre	3-Abril-78
1	Terra-Livre	3-Abril-78
6	Secretaria Estado Juventude Desporto	11-Abril-78
6	" " " "	11-Abril-78
1	" " " "	11-Abril-78
1	" " " "	11-Abril-78
6	" " " "	11-Abril-78
6	" " " "	11-Abril-78
6	" " " "	11-Abril-78
6	" " " "	11-Abril-78
2	" " " "	11-Abril-78
2	"	21-Abril-78
1	Dom Quixote	12-Maio-78
1	Serra Nova	12-Maio-78
2	F.A.O. P.	12-Maio-82
1	Cadernos de F.A.O. P.	12-Maio-82
1	Cadernos de F.A.O. P.	12-Maio-82



Número Ordem	Título	Autor
160x	Arraia - Miúda (teatro)	Jaime Galvão
161x	A Moeda	Maria Helena Carvalho Santos
162	Terra Livre (Portugal Recontado)	—
163x	José Régio (Fragmentos poéticos)	—
164x	A Praça de Jorna	Solano Pereira Gomes
165x	Instrução U.R.S.S.	—
166x	Ciência U.R.S.S.	—
167x	Polónia	—
168x	Da Resistência à Libertação	—
169x	"Este livro que vo deixo"	António Aleixo
170x	"Destinos"	André Santos
171x	Emílio Costa	A. Ventura e A. Zé
172x	Memória Alentejana	António Modesto Nunes
173x	Antemania da liberdade	A. Vicente Campinho
174x	Refúgio Perdido	Solano Pereira Gomes
175x	Engrenagem	Solano Pereira Gomes
176x	Os Dias Contados	José Jorge Letícia
177x	Mandei-lhe uma boca	Olga Gonçalves
178x	Pedra e Pedra	José Manuel Mendes
179x	Vamos Contar	Márcio R. Araújo, Manuel R.
180x	Quadernos Fidel de Castro	Juventude e Cultura
181x	O Caso Filbiner	A. A. Portugal - RDA
182x	R.D.A. 100 perguntas, 100 respostas	"
183	Entrevista por Erich Honecker	"
184x	Como se trabalha / empresa do povo	"
185x	O Futuro no Estado socialista	"
186x	O papel das mulheres / RDA	"
187x	Viver em segurança social / RDA	"
188x	Quem ameaça quem?	"
189x	A RDA de hoy	"
190x	Cultura física y deporte en la RDA	"
191x	Plano y objetivos de la econ. social.	"
192-194x	O Teatro e a sua História	Tomás Ribes



6-a

Nº Volume	Editor	Data Entrada
1	Editorial Inova - Belo	23-6-78
5	Sect. de Estado da Juventude e Desp.	4-7-78
1	Terra Livre	12-05-82
1	Sect. de Est. da Com. Social	4-7-78
1	—	4-7-78
1	—	4-7-78
1	—	4-7-78
1	Embaixada da Polónia	4-7-78
2	Mil Dias	4-7-78
1	Filhos do Peta	4-7-78
1	Seara Nova	12-05-82
1	Seara Nova	4-7-78
1	do Autor	8-7-78
1	do Autor	8-7-78
1	Avante	8-7-78
1	Avante	8-7-78
1	Caminho	8-7-78
1	Seara Nova	8-7-78
1	"A Oprimida"	8-7-78
1	Secretaria do Est. da Desportos	12-05-82
1	9. 11. 11. 11. 11.	12-05-82
1		21-8-78
1		21-8-78
1		21-8-78
1		"
1		"
1		"
1		"
1		"
1		"
1		"
1		"
3	Taoj.	25-8-78



Número Índice	Título	Vol. Volumes	Autor
195	Portugal arquitetura e sociedade	C-1-	Carlos de Almeida Teixeira Leite
196	Como nasceu a portuguesa	-1-	-
197	3º Congresso Operários Democr. Ariz	-1-	-
198	3º Congresso Operários Democr. Ariz	-1-	-
199	II Congresso Republicanos Aveiro Volume I	-1-	-
200	II Congresso Republicanos Aveiro Volume II	-1-	-
201	Manifesto Comunista (resumo)	-1-	Do Marxenaro
202	Cantos de Revolução	-1-	José Jorge Leitria
203	Sindicatos e Socialismo	-1-	Henri Krasucki
204	Em marcha - greve 1920	-1-	Craveira de Brito
205	Manifesto de Sinagras - 1891	-1-	Alexandre Cabral
206	Sindicatos - textos de 1926-27	-1-	Canais Rocha
207	Pequeno Tratado de encenação	-2-	António Pedro
208	Como montar uma peça de teatro	-1-	Quarteiro Cruz
209	Deus - Patria - Autoridade	-2-	Rui Paulo da Cruz
210	A fusão das Neves	-1-	André Bary
211	Como ler o livro para ler	-1-	José Régio
212	Os filhos da lua	-1-	H. Mioni
213	Poesias de Linara Patuque	-1-	Edmundo F. A. (O. M.)
214	Como fazer Teatro (II)	-2-	Tomás Ribas
215	Como fazer Teatro (I)	-2-	José Baldado Moreira
216	Como fazer Teatro (I)	-1-	Tomás Ribas
217	Vasco Gonçalves - discursos	-1-	-
218	Ver o Capitalismo	-1-	Michel Beaud - Bertrand Bellon
219	Luta Classes em Portugal	-1-	Paul M. Sulezzy
220	ARQUEOLOGIA (I)	-1-	Geomara da Veiga Teixeira
221	Guerra do Jorro - Exército do Jorro	-1-	General V. N. Gial
222	O Aprofundamento da crise social	-1-	Albert Norder
223	ARQUEOLOGIA (II)	-1-	Geomara da Veiga Teixeira
224	O COMECON	-1-	Sérgio Ribeiro
225	Senhor e Servo	-1-	León Tolstói
226	Explorados e exploradores	-1-	Marta Hammer - Gabriela Vozice
227	Luta de Classes	-1-	" "



7-a

Editor	Data Entrada
Terra Livre	21-9-978
Terra Livre	21-9-978
Seara Nova	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Editorial Teorema	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Seara Nova	22-9-978
Edições Inatel	22-9-978
M.E.N.	22-9-978
Contralibitoria	22-9-978
Of. Gêf. Livro do Brasil	18-5-982
D.G.E.P.	22-9-978
M.E.N.	22-9-978
Divisão de estudos e Planejamento	18-5-982
Secretaria do Estado e Cultura	18-5-982
Ministério da Educação, INVENIENS e	18-5-982
Secretaria do Estado Cultura	18-5-982
Seara Nova	22-9-978
Teorema	22-9-978
Slimes	22-9-978
Cadernos F.A.O.F.	18-5-982
Ulmeiro	22-9-978
Avante	22-9-978
F.A.O.F.	18-5-982
Estampa	22-9-978
Amigo do Livro	22-9-978
Estampa	22-9-978
Estampa	22-9-978



Ordem	Título	Autor
228	Imperialismo e dependência	Marta Harnecker - Gabriela Vile
229	O TARTUFO, O médico da Foz	Molière
230	Cinco Artigos	Mao-Tse-Tung
231	As paredes em liberdade	Bobo-Man
232	Aventuras de Dona Redonda	Virgínia de Castro e Almeida
233	Teatro Popular (2)	Paderno de querendo e luthu
234	A Guerra do Ivo na Guiné-Bissau	Mário de Andrade
235	O Teatro e a sua História	Tomás Ribas
236	Basquetebol - Clube Nacional Benguela	Machado e Costa
237	mini-Basquetebol - Machado e Costa	Machado e Costa
238	Declaração dos direitos da criança	—
239	Manifesto Sobre o Desporto nº 1	Cultura e Desporto
240	Amicitia	Amicitia
241	A minha vida é Trepar	Cesare Maestri
242	Catálogo do Museu Etnográfico do Dr. Paulo	Secretaria Estado da Cultura
243	Nach 3 - Sinal de Berigo?	Donald Gordon
244	O "V" da Vitória	Odile Jehnik
245	O Comitério dos Cachalotes	Ian Cameron
246	O Príncipe Frabe	Anthony For Eisen
247	O Palmeirim de Inglaterra	Arthur Lambert Fonseca
248	Grička e os Turbantes Amarelos	Rene Guillot
249	André e a bola maravilhosa	C. Trindade - Gargaté
250	O Planeta	Yehia Saleh
251	Jeremias	Yehia
252	Eu e a lua	Yehia
253	3 histórias de Flores	Fernando Samuel
254	Viagem numa Gota de Água	Mariz Alda Nogueira
255	Cultura Física - Pontu Base de Educat. Geral	Alan Wilson e luthu
256	Vinenda da Liberdade	G.T.A.A
257	Um Relatório na R.D.A	Aurelio Maicio
258	Atitudes para com o Desporto	P. e Welutosh
259	Memórias Políticas	João Beluas
260	Manual de Alpbistina?	



8-a

Nº Volume	Editor	Data de Entrada		
1	Estampa	22	Setembro	1978
1	Círculo de Leitores	27	Maio	1982
1	Latitudo	27	Setembro	1978
1	Teorema	27	Setembro	1978
1	Clássica Editora	27	Maio	1982
1	Secretaria de Estado de Educação	27	Maio	1982
1	Cadernos Lomres	27	Setembro	1978
1	Cadernos F.A.O.J.	27	Setembro	1978
1	Clube Nacional Benedito	27	Setembro	1978
1	" " "	27	Setembro	1978
1	Ultra Logo	27	Setembro	1978
1	UNESCO	27	Maio	1982
1	Amicitia	27	Setembro	1978
1	D.G.E.P.	27	Setembro	1978
1	Museu da Alagare	27	Setembro	1978
1	Europa - América	27	Setembro	1978
1	Europa - América	27	Setembro	1978
1	Europa - América	27	Setembro	1978
1	Europa - América	27	Setembro	1978
1	D.G.E.P.	27	Set.	1978
1	D.G.E.P.	27	Set.	1978
2	Neotema	27	Set.	1978
2	Neotema	27	Set.	1978
2	Neotema	27	Set.	1978
2	Neotema	27	Set.	1978
2	Neotema	27	Set.	1978
2	Neotema	27	Set.	1978
1	Cultura e Desporto	28	Maio	1982
1	G.T.A.A.	17	Out.	1978
1	Cultura e Desporto	17	Maio	1982
1	Cultura e Desporto	17	Maio	1982
1	Terra Livre	24	Out.	1978
4	Edições BASE	24	Out.	1978

